

HAVEN
James Newitt

FICTIONAL FIELD CAMPO FICCIONAL

Sara Antónia Matos & Pedro Faro

p.11

INNOCENT PASSAGES AND TERRITORIAL SEAS TRAVESSIAS INOCENTES E MARES TERRITORIAIS

Anja Lückenkemper

p.73

E INTERNET, ET LIBERTAS: EXTRATERRITORIALITY AND PIRACY IN THE HIGH SEAS AND DEEP WEB E INTERNET, ET LIBERTAS: EXTRATERRITORIALIDADE E PIRATARIA EM ALTO MAR E NA DEEP WEB

Mattia Tosti

p.15

EXHIBITION EXPOSIÇÃO

p.106

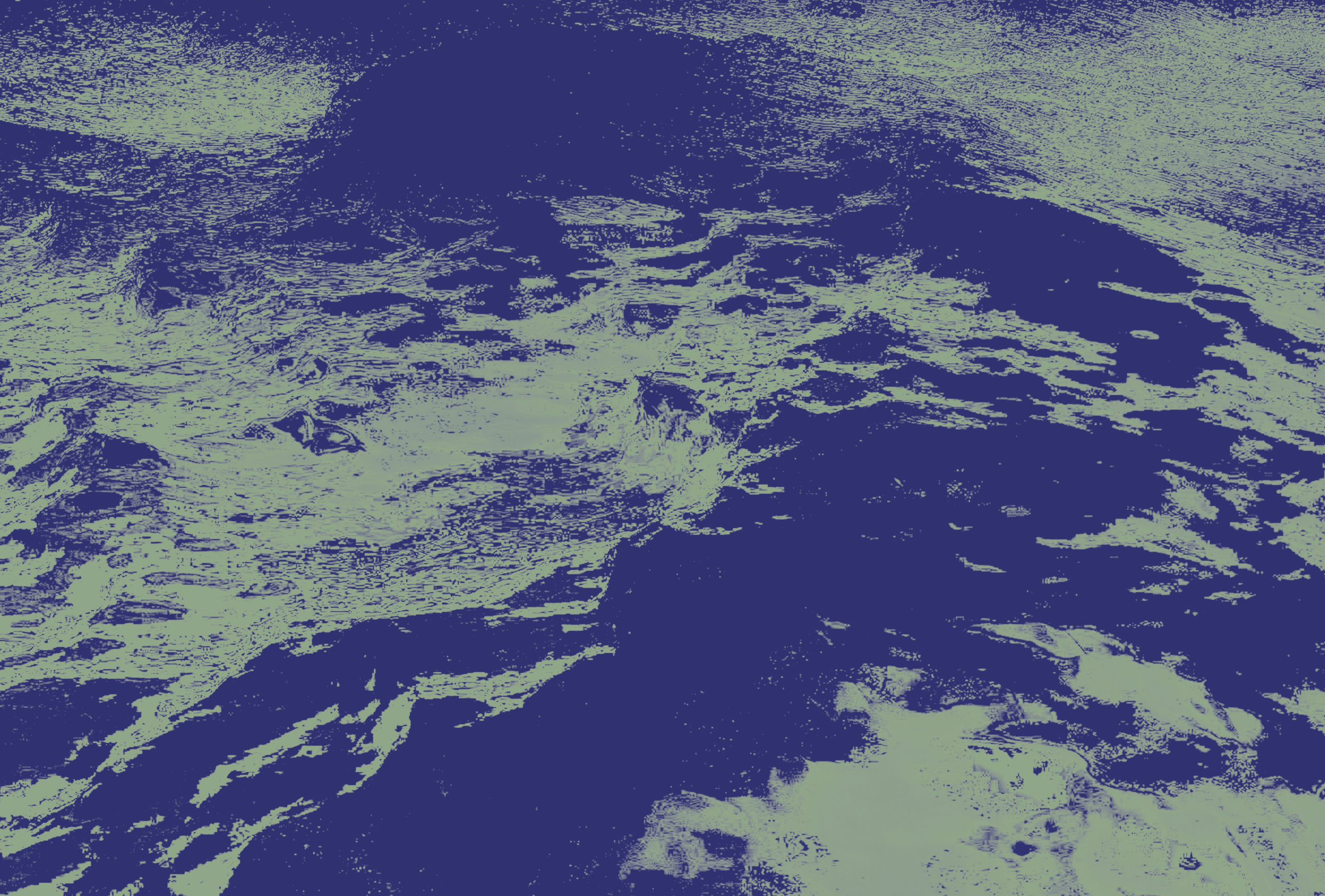
HAVEN AND HELL REFÚGIO E INFERNO

Alejandro Colás & Liam Campling

p.47

ARCHIVE ARQUIVO

p.128





CAMPO FICCIONAL

Sara Antónia Matos
Pedro Faro

(Direção Galerias Municipais/EGEAC)
(Directorate of the Galerias Municipais/EGEAC)

FICTIONAL FIELD

One relevant source of artistic creation lies in the identification of the unusual that is contained in everyday reality, of uncommon stories of resistance, in the emancipating potential that certain narratives have to offer. Sometimes disentangled from *fait-divers*, these small narratives allow for the development of unsettling poetic-political fractures, creating cracks in the dominant normative and regimentary fabric.

Generated by apparently irrelevant actions, at times almost already forgotten, certain artistic creations rescue assorted documentation. They do so speculatively and present a sensitive field of knowledge which challenges the usual academic protocols around truth and fact – something that is allowed in the metaphorical and fictional field of art.

It is precisely one of these stories that James Newitt sought to recover in the project he developed for Galeria Boavista – part of the five Galerias Municipais/Geac group.

In his exhibition *HAVEN*, Newitt, as stated on the exhibition's room sheet, 'puts forward a critical and poetic reformulation of the history of a small, unrecognized micronation made up of an abandoned World War II naval fort in the North Sea. This fort has been inhabited since the 1960s by a British family, who claim this artificial territory as a sovereign and independent state'.

Starting from this historical premise, James Newitt elaborates an 'experimental narrative approach' to the present, reflecting on sovereignty, autonomy, resistance, refuge, property, extraterritorial utopias, and digital ghosts.

To enhance the fictional and metaphorical side of this dystopian story, the artist has also conceived an immersive installation, with two projections on the two darkened floors of the gallery, where the viewer can feel as if isolated and almost sunken, in the underwater world and in the naval fort. From there, a journey begins between utopias and digital ghosts – which are increasingly urgent to think about.

*

Galerias Municipais would like to thank James Newitt and the exhibition's curator, Mattia Tosti, for all their commitment and work on this project and the documental and poetic provocation of this necessary utopia.

We would also like to thank Anja Lückenkemper, Alejandro Colás, and Liam Campling, authors of the texts included in this catalog, who, among many other things, frame and amplify James Newitt's work within a broader conceptual framework.

Uma fonte relevante da criação artística reside na identificação do insólito contido na realidade de todos os dias, de histórias inusitadas de resistência, no potencial emancipador que certas narrativas oferecem. Por vezes desenlaçadas a partir de *fait-divers*, essas pequenas narrativas permitem o desenvolvimento de inquietantes fraturas poético-políticas, criando fissuras no tecido normativo e regimental dominante.

Geradas por ações aparentemente irrelevantes, por vezes quase já esquecidas, certas criações artísticas resgatam documentação variada. Fazem-no de forma especulativa e apresentam um campo de saber sensível que desafia os habituais protocolos académicos em torno da verdade e do factual – algo permitido no campo metafórico e ficcional da arte.

É uma dessas histórias que, justamente, James Newitt procurou resgatar no projeto que desenvolveu para a Galeria Boavista – pertencente ao conjunto de cinco Galerias Municipais/Geac.

Na sua exposição *HAVEN*, Newitt, como refere a respetiva folha de sala, «apresenta uma reformulação crítica e poética da história de uma pequena micronação, não-reconhecida, constituída por um forte naval abandonado da Segunda Guerra Mundial no Mar do Norte. Este encontra-se ocupado desde a década de 1960 por uma família britânica, que reivindica aquele território artificial como estado soberano e independente».

Partindo deste enunciado histórico, James Newitt desenvolve uma «abordagem narrativa experimental» sobre o presente, refletindo sobre soberania, autonomia, resistência, refúgio, propriedade, utopias extraterritoriais e fantasmas digitais.

Para reforçar o lado ficcional e metafórico que reveste esta história, com um cariz distópico, o artista concebe também uma instalação imersiva, com duas projeções nos dois pisos da galeria, então obscurecidos, onde o espectador se pode sentir como que isolado e quase que afundado, no mundo subaquático e no forte naval. A partir daí, inicia-se uma viagem entre as utopias e os fantasmas digitais – que urge cada vez mais pensar.

*

As Galerias Municipais agradecem a James Newitt e ao curador da exposição, Mattia Tosti, por todo o empenho e trabalho desenvolvido neste projeto e na provocação documental e poética desta necessária utopia.

Agradecem ainda a Anja Lückenkemper, Alejandro Colás e Liam Campling, autores de textos incluídos neste catálogo, que, entre muitas outras coisas, enquadram e amplificam a obra de James Newitt num quadro conceptual mais amplo.

E INTERNET, ET LIBERTAS:
EXTRATERRITORIALIDADE
E PIRATARIA EM ALTO MAR
E NA *DEEP WEB*

Mattia Tosti

E INTERNET, ET LIBERTAS:
EXTRATERRITORIALITY
AND PIRACY IN THE HIGH SEAS
AND DEEP WEB

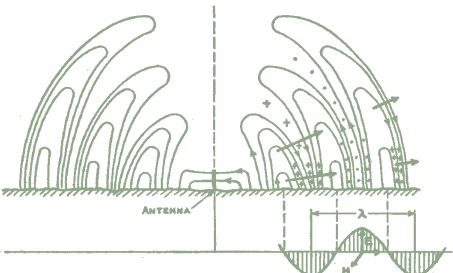
On February 11, 1942, the British Royal Navy sank a huge concrete structure in the North Sea, 6 miles from the Suffolk Coast of England. The minimalist silhouette of this construction was formed by a long rectangular pontoon base of 51 by 21 metres, on which two 18-metre tall hollow cylinders stood. As the pontoon reached the sandbar where it was intended to be positioned, a port on one of its sides was opened and the air that kept the structure afloat was rapidly substituted by dense salt water that flooded its interior. In less than 15 minutes, the base was entirely submerged and had reached the bottom of the sea, with only a portion of the two hollow towers rising roughly 18 metres above the waterline. The two empty cylinders were connected above the eventual waterline by a steel structure that stretched from North to South. Once in place, this brutalist construction resembled an off-shore oil platform or an amphibious dolmen from the industrial age standing alone in the middle of the North Sea. The concrete and steel structure was called Roughs Tower and was installed as an anti-aircraft defense platform, built to protect England from foreign air and water attacks during World War II. The fort was soon joined by four other similar structures, forming an off-shore archipelago of artificial islands, strategically placed to defend the English East Coast and specifically the Thames Estuary from attack. After the end of the war, the defense platforms were progressively abandoned, and Roughs Tower, once an extraterritorial

naval outpost engineered to extend and protect British sovereignty, became a no man's island, standing alone in international waters.

After sitting abandoned for more than a decade, around 1963 Roughs Tower started to appear on the radars of pirate radio entrepreneurs who were searching for remote locations where they could broadcast illicit radio content. During this decade, the sounds of rock'n'roll were spreading all over the world and were quickly becoming the musical language of the countercultural movement. However, despite being the homeland of The Beatles and other progressive music groups, the global rock'n'roll phenomenon was banned from British public airwaves. In fact, during this period the state-owned BBC held a legal monopoly over radio broadcasting and controlled what music was considered appropriate for the British listening public. In light of this situation, the pirate radio broadcasters disregarded these restrictions and turned their attention towards the sea to look for the freedom they were not granted on land. Taking advantage of the legal ambiguity of the sea beyond British territorial waters (which at the time only extended 3 nautical miles from the coast), they started broadcasting from ships — such as the famous Radio Caroline — others instead, considering the costs of and risks of operating in high seas, occupied the naval fortresses of South East Britain.



1.
Dazzle Ship in Dry Dock {Xilogravura}
Edward Wadsworth
{1918}



2.
Diagrama dos campos elétricos e magnéticos das ondas de rádio emitidas pela antena de um transmissor de rádio. {Ilustração}
Stuart Ballantine
{1922}



3.
A pirata Anne Bonney, no livro holandês *História Geral dos Piratas* {Gravura}
Captain Charles Johnson
{1725}

A 11 de fevereiro de 1942, a Marinha Real Britânica afundou uma enorme estrutura de betão no Mar do Norte, a 6 milhas da costa de Suffolk, em Inglaterra. A silhueta minimalista desta construção era formada por uma longa e retangular base de pontão de 51 por 21 metros, sobre a qual se erguiam dois cilindros ociosos de 18 metros de altura. No sítio onde o pontão atingiu o banco de areia onde se pretendia que estivesse posicionado, abriu-se uma porta num dos seus lados e o ar que mantinha a estrutura a flutuar foi rapidamente substituído por densa água salgada que inundou o seu interior. Em menos de 15 minutos, a base estava totalmente submersa e chegava ao fundo do mar, com apenas uma secção das duas torres ocultas a elevar-se cerca de 18 metros acima da linha de água. Os dois cilindros vazios estavam ligados acima da eventual linha de água por uma estrutura de aço que se estendia de Norte a Sul. Uma vez instalada, esta construção brutalista assemelhava-se a uma plataforma petrolífera *off-shore* ou a um dólmen anfíbio da era industrial, isolado no meio do Mar do Norte. A estrutura de betão e aço chamava-se Roughs Tower e foi instalada enquanto plataforma de defesa antiaérea, construída para proteger a Inglaterra de ataques aéreos e marítimos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial. Ao forte em breve se juntariam logo quatro outras estruturas semelhantes, formando um arquipélago de ilhas artificiais ao largo da costa, estrategicamente colocadas de forma a defender a costa leste inglesa e, especificamente, o estuário do Tamisa de ataques. Após o fim da guerra,

as plataformas de defesa foram progressivamente abandonadas e a Roughs Tower, outro-ra um posto naval extraterritorial concebido para alargar e proteger a soberania britânica, tornou-se uma ilha de ninguém, isolada em águas internacionais.

Depois de ficar abandonada durante mais de uma década, por volta de 1963 a Roughs Tower começou a aparecer nos radares dos empreendedores de rádios piratas que procuravam locais remotos onde pudessem transmitir conteúdos de rádio ilícitos. Durante esta década, os sons do *rock & roll* estavam a espalhar-se por todo o mundo e a tornar-se rapidamente a linguagem musical do movimento contra-cultura. No entanto, apesar de ser a pátria dos Beatles e de outros grupos de música progressiva, o fenómeno global do *rock & roll* estava banido das ondas de rádio públicas britânicas. De facto, durante este período, a BBC, propriedade estatal, detinha o monopólio legal das emissões de rádio e tinha controlo sobre que música era considerada apropriada para o público britânico. Perante esta situação, os radialistas piratas ignoraram estas restrições e voltaram a sua atenção para o mar, em busca da liberdade que não lhes era concedida em terra. Aproveitando a ambiguidade jurídica do mar para além das águas territoriais britânicas (que, na altura, se estendiam apenas por 3 milhas náuticas a partir da costa), começaram a emitir a partir de navios — como a famosa Radio Caroline — enquanto outros, por sua vez, tendo em conta os custos e os riscos de operar



4.
Can't Stop the Pirates (Weekend Rush 4) {Faixa sonora}
Dica and Ben Intellect
{1993}



5.
Folheto para o rádio pirata *Radio Sutch* {Fotocópia}
Colin Dale, Radio Sutch
{1964}

In 1965, the year The Beatles did their last tour, an English man called Roy 'Paddy' Bates occupied Knock John Fort — one of the four forts on the British South-Eastern coast — with the intention of starting his own station: Radio Essex. His radio station became one of the earliest pirate radio broadcasters, presenting a twenty-four-hour music program, making use of the abandoned wartime radio equipment. After being on air for almost two years, Bates and his partners were forced to abandon the tower after being found guilty of illegal broadcasting — as Knock John Fort sat within 3 nautical miles of the coast. Unwilling to give up, Bates set his sight on another military platform, this time determined to use one which was located outside British territory and therefore legislation. In 1967, together with his small crew, Bates traveled to Roughs Tower and forcibly expelled a group of pirate broadcasters who were already occupying the fort. Although Bates intended to broadcast radio from the tower, he soon realised that his newly conquered fortress could serve more ambitious projects. The moment finally came on September 2, 1967, Roy and his wife Joan invited a handful of friends and a group of journalists from a local newspaper to their tower to formally announce their separation from Britain. On this day, they declared that the relatively small surface of the tower's platform was now the sovereign territory of The Principality of Sealand.

After claiming Roughs Tower as an inde-

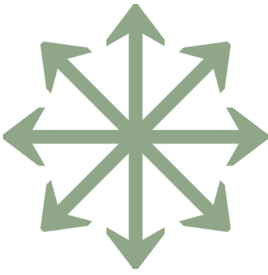
pendent nation, the family had to face the reality of enduring the extreme living conditions for decades in order to continue to maintain their 'independence' — an example of a micronation unrivaled by almost all other similar projects. Throughout the years, the Bates' struggled with various legal problems, in-direct recognitions of sovereignty and even invasions. However, in 1998 they received an email from two cyber-libertarians named Ryan Lackey and Sean Hastings, who were looking for a location to create the world's first data haven. A data haven, in a way similar to a tax haven, can be understood as a place where information is kept safe from government scrutiny and jurisdiction. The two men established a company, named HavenCo and promoted the data haven concept as a secure and privacy-focused location for data storage and online business, a refuge for unregulated data or as they claimed as the only truly safe place in the world to keep information.¹ Lackey and Hastings discovered Sealand in the book *How to Start Your Own Country* by Erwin Strauss, where the author described the micronation as 'perhaps the most successful new-country venture known'.² Intrigued by Lackey and Hastings' proposal of creating a 'pirate internet' on Sealand, Roy Bates decided to establish a partnership with HavenCo and agreed to host the company — granting them the use of the almost empty Southern leg of the tower in order to set up their servers. Despite the initial enthusiasm surrounding their venture, the relationship between the family and HavenCo's



6.
Brasão de Sealand
Autoria desconhecida
{Ano desconhecido}



7.
Batalha entre Tiamat, Deusa do Caos,
representando o mar e o sal [esquerda],
e Marduk, o Deus-Sol [direita]
{Baixo relevo}
{sec. VI a.C.}



8.
Símbolo do caos
Michael Moorcock
{1960s}



9.
Símbolo do agora extinto
«Board of Ordnance» Britânico
Autoria desconhecida
Fotografia por David Prothero,
26 de Setembro de 2004
{1823}

em alto mar, ocuparam as fortalezas navais do Sudeste da Grã-Bretanha.

Em 1965, ano em que os Beatles fizeram a sua última digressão, um inglês chamado Roy «Paddy» Bates ocupou o Forte Knock John — um dos quatro fortes da costa sudeste britânica — com a intenção de criar a sua própria estação: a Radio Essex. A sua estação de rádio tornou-se uma das primeiras emissoras de rádio pirata, apresentando um programa de música de vinte e quatro horas, utilizando o equipamento de rádio deixado para trás depois da guerra. Depois de estar no ar durante quase dois anos, Bates e os seus colaboradores foram obrigados a abandonar a torre depois de terem sido considerados culpados de emissão ilegal — uma vez que o Forte Knock John se situava a menos de 3 milhas náuticas da costa. Sem vontade de desistir, Bates pôs os olhos noutra plataforma militar, desta vez determinado a utilizar uma que estivesse localizada fora do território britânico e, por conseguinte, do alcance da legislação. Em 1967, juntamente com a sua pequena equipa, Bates deslocou-se à Roughs Tower e expulsou à força um grupo de emissores piratas que já ocupavam o forte. Embora Bates tencionasse emitir rádio a partir da torre, depressa se apercebeu de que a sua fortaleza recém-conquistada poderia servir projetos mais ambiciosos. O momento chegou finalmente a 2 de setembro de 1967, quando Roy e Joan convidaram uma mão-cheia de amigos e um grupo de jornalistas de um jornal local para a sua torre para anunciar formalmente a sua separação da Grã-

Bretanha. Nesse dia, declararam que a superfície relativamente pequena da plataforma da torre era agora o território soberano do Principado de Sealand.

Depois de reclamar a Roughs Tower como nação independente, a família teve de enfrentar a realidade de suportar as condições de vida extremas durante décadas para continuar a manter a sua «independência» — um exemplo de micronação sem rival em relação a quase todos os outros projetos semelhantes. Ao longo dos anos, os Bates debateram-se com vários problemas legais, reconhecimentos indiretos de soberania e até invasões. No entanto, em 1998, receberam um e-mail de dois ciber-libertários chamados Ryan Lackey e Sean Hastings, que estavam à procura de um local para criar o primeiro paraíso de dados do mundo. Um paraíso de dados, de uma forma semelhante a um paraíso fiscal, pode ser entendido como um local onde a informação é mantida a salvo do escrutínio e da jurisdição do governo. Os dois homens criaram uma empresa, denominada HavenCo, e promoveram o conceito de paraíso de dados como um local seguro e centrado na privacidade para o armazenamento de dados e negócios online, um refúgio para dados não regulamentados ou, como afirmavam, o único local verdadeiramente seguro no mundo para guardar informações. ¹ Lackey e Hastings descobriram Sealand no livro *How to Start Your Own Country* [Como Começar o Seu Próprio País] de Erwin Strauss, onde o autor descrevia a micronação como «talvez o mais bem-

¹ Garfinkel, S. (2000) 'Welcome to Sealand. Now Bugger Off.' Wired, 1 julho, 2000, <https://www.wired.com/2000/07/haven-2/> [acedido em 11 out. 2023]

² Strauss, E. 1999. *How to Start Your Own Country*. United States: Paladin Press, 1999, p. 25

founders deteriorated quickly and the data haven faced numerous problems. While the vision of an offshore data haven on Sealand was captivating, the isolation and ambiguous legal status of the tower also came with a set of technical challenges that ultimately influenced the project's trajectory. First of all, the practicalities of accessing and maintaining the servers on the offshore platform were far more complex and costly than they would be operating on land, and guaranteeing a fast and stable internet connection on the platform proved to be more complex than initially anticipated. After months of technical and financial problems, in 2002 HavenCo received a substantial offer from a streaming platform that wanted to use the data haven to host pirated films. The family, nervous about the consequences of breaking British copyright law, decided that it was too risky to maintain the partnership with HavenCo and instead nationalised the data haven, expelling Ryan Lackey in the process. By creating HavenCo, Lackey hoped to create a model for a free and open internet, while becoming rich in the process. He viewed Sealand, with its extraterritorial status, as an ideal setting for unregulated data flow, assuring that only prohibited content such as spam, terrorist-related material, or child pornography would be restricted. He envisioned the sea as a secure space that could facilitate unrestricted flows of data. Proposing a model for the future of the internet in the data haven, he advocated for it as a 'pirate internet,' deliberately embracing the pirate connotation.

The term 'piracy' originates from the Greek word *peiratēs* literally meaning 'anyone who attempts something'. Historically, the word has often been associated with high-seas criminal activities, but it can also be understood to suggest an attempt to break free from established authority. In a contemporary context, piracy has migrated into cyberspace and its use refers to copyright infringement, unauthorised access and intellectual property theft. Whether on the high seas or on the web, extraterritoriality plays a crucial role in allowing digital and analog types of piracy. Extraterritoriality has a twofold meaning: in international law, the term refers to situations or locations where a state extends its jurisdiction beyond its territory, such as the case when Roughs Tower was sunk 6 miles from land to extend and protect British territory during WWII. However, there are other circumstances where the term refers to radically different situations: like when a state fails to exercise its sovereignty over all its territory, such as when Roughs Tower was abandoned and subsequently occupied by the Bates family after WWII.

E Mare et Libertas ('From the sea, freedom') was the motto chosen for Sealand by the Bates family. This phrase reflects the way throughout history the sea has often been framed as a plateau of boundless possibilities and an opportunity for escape from the constraints on land. This conception also resonates juridically, as the high seas (also referred to as International

-sucedido empreendimento de um novo país que se conhecia».² Intrigado com a proposta de Lackey e Hastings de criar uma «internet pirata» em Sealand, Roy Bates decidiu estabelecer uma parceria com a HavenCo e aceitou acolher a empresa, concedendo-lhes a utilização da secção sul da torre, quase vazia, para aí instalarem os seus servidores. Apesar do entusiasmo inicial em torno do seu empreendimento, a relação entre a família e os fundadores da HavenCo deteriorou-se rapidamente e o paraíso de dados enfrentou inúmeros problemas. Embora a ideia de um paraíso de dados *offshore* em Sealand fosse cativante, o isolamento e o estatuto jurídico ambíguo da torre também traziam consigo um conjunto de desafios técnicos que acabaram por influenciar a trajetória do projeto. Em primeiro lugar, os aspetos práticos do acesso e da manutenção dos servidores na plataforma *offshore* eram muito mais complexos e dispendiosos do que se operassem em terra e garantir uma ligação rápida e estável à Internet na plataforma revelou-se mais complicado do que inicialmente antecipado. Após meses de problemas técnicos e financeiros, em 2002 a HavenCo recebeu uma oferta substancial de uma plataforma de *streaming* que pretendia utilizar o paraíso de dados para alojar filmes pirateados. A família, nervosa acerca das consequências da violação da lei britânica sobre os direitos de autor, decidiu que era demasiado arriscado manter a parceria com a HavenCo e nacionalizou em vez disso o paraíso de dados, expulsando Ryan Lackey pelo meio do processo. Ao criar a HavenCo, Lackey esperava criar um

modelo para uma Internet livre e aberta e através disso ficar rico. Ele via Sealand, com o seu estatuto extraterritorial, como um cenário ideal para um fluxo de dados não regulamentado, assegurando que apenas conteúdos proibidos como *spam*, material relacionado com terrorismo ou pornografia infantil seriam restringidos. Ele via o mar como um espaço seguro que podia facilitar o fluxo de dados sem restrições. Ao propor um modelo para o futuro da Internet no paraíso dos dados, defendeu-o como uma «Internet pirata», adotando deliberadamente a conotação de pirata.

O termo «pirataria» tem origem na palavra grega *peiratēs*, que significa literalmente «alguém que tenta fazer algo». Historicamente, a palavra tem sido frequentemente associada a atividades criminosas em alto mar, mas também pode ser entendida como sugerindo uma tentativa de uma pessoa se libertar da autoridade estabelecida. Num contexto contemporâneo, a pirataria migrou para o ciberespaço e a utilização do termo refere-se à violação de direitos de autor, ao acesso não autorizado e ao roubo de propriedade intelectual. Quer seja em alto mar ou na Internet, a extraterritorialidade desempenha um papel crucial em permitir os tipos de pirataria digital e analógica. A extraterritorialidade tem um duplo significado: no direito internacional, o termo refere-se a situações ou locais onde um Estado estende a sua jurisdição para além do seu território, como foi o caso quando a Roughs Tower foi afundada a 6 milhas de terra para estender e proteger o território britânico durante



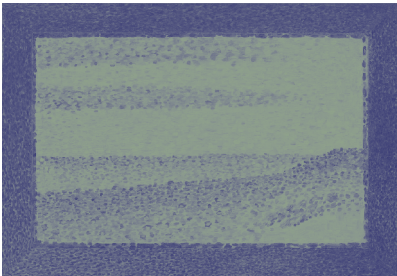
10.
«Fanart» de Sealand enquanto uma personagem do anime «Hetalia»
{Ilustração digital}
{TheSukiness
{2014}



11.
Selo de Sealand com uma imagem de Vasco da Gama; parte de uma série celebratória de vários exploradores marítimos {Selo}
{Autoria desconhecida
{1967}



12.
Moedas comemorativas de Sealand de 63.5 mm, com a representação de uma orca.
{Moeda}
{1994}



13.
Seascape (Gravelines) {Óleo sobre madeira}
Georges Seurat
{1890}







waters) are areas of the world's oceans that are not subject to the sovereignty of any nation. If the vast space of the sea is associated with freedom, islands have been the archetypal place on which humans have envisioned a different world, particularly in light of Thomas More's *Utopia*, first published in 1516. Here insularity became the main geographical location for imagining new ways of being and envisioning an alternative future. The spatial, legal and imaginative status of the sea — and particularly of islands — allows for the creation of states of exception, extraterritorial spaces and forms of utopian thinking.

The various utopian projects that occurred on the concrete island of Roughts Tower, benefited from the structure's extraterritorial status or what we could also think of as a sort of Temporary Autonomous Zone. Anarchist writer Hakim Bey (also known as Peter Lamborn Wilson) first developed the term in his book titled, *TAZ: Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism*. Here, Bey set out a historical review of transient geographical, social and cultural places that imposed themselves as extraterritorial areas that redefined autonomy and independence by defying dominant structures of power. In Bey's analysis of these fleeting moments of dissidence, he provides different examples to illustrate his concept: pirate Islands and the internet were two among them.

He writes:

'THE SEA-ROVERS AND CORSAIRS of the 18th century created an "information network" that spanned the globe: primitive and devoted primarily to grim business, the net nevertheless functioned admirably. Scattered throughout the net were islands, remote hideouts where ships could be watered and provisioned, booty traded for luxuries and necessities. Some of these islands supported "intentional communities," whole mini-societies living consciously outside the law and determined to keep it up, even if only for a short but merry life... I called the settlements "Pirate Utopias".'³

Contrary to the romantic and depoliticized representation of pirates that have proliferated in popular culture, particularly thanks to Disney's hugely successful *Pirates of the Caribbean* films, Bey describes them as radical and utopian political subjects that have freed themselves from exploitation during the emergence of capitalism. The Golden Age of piracy in fact coincided with the burgeoning of an economic system where overseas colonies and merchant ships of the European empires inaugurated the first global market that preceded factories in their exploitation of humans. We could affirm that the motto 'From the sea, freedom' only reveals a partial truth, as the 'distance' granted by the sea allows both for emancipation and exploitation, utopia and dystopia. In the words of Bey, If ships were like floating

a Segunda Guerra Mundial. No entanto, existem outras circunstâncias em que o termo se refere a situações radicalmente diferentes: como quando um Estado não consegue exercer a sua soberania sobre todo o seu território, como quando a Roughts Tower foi abandonada e subsequentemente ocupada pela família Bates após a Segunda Guerra Mundial.

E Mare et Libertas (do mar, liberdade) foi o lema escolhido para Sealand pela família Bates. Esta frase reflete a forma como, ao longo da história, o mar tem sido muitas vezes enquadrado como um palco de possibilidades ilimitadas e uma oportunidade para escapar às restrições em terra. Esta conceção também tem ressonância jurídica, uma vez que o alto mar (também designado por águas internacionais) é uma área dos oceanos do mundo que não está sujeita à soberania de qualquer nação. E se o vasto espaço do mar está associado à liberdade, as ilhas têm sido o lugar arquetípico onde os seres humanos imaginaram um mundo diferente, particularmente à luz da *Utopia* de Thomas More, publicada pela primeira vez em 1516. Aqui, a insularidade tornou-se a principal localização geográfica para imaginar novas formas de ser e vislumbrar um futuro alternativo. O estatuto espacial, jurídico e imaginativo do mar — e particularmente das ilhas — permite a criação de estados de exceção, de espaços extraterritoriais e de formas de pensamento utópico.

Os vários projetos utópicos que tiveram lugar na ilha de betão da Roughts Tower beneficiaram

do estatuto extraterritorial da estrutura ou do que poderíamos também pensar como uma espécie de Zona Autónoma Temporária. O escritor anarquista Hakim Bey (também conhecido como Peter Lamborn Wilson) desenvolveu pela primeira vez o termo no seu livro intitulado *TAZ: Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism* [ZAT: Zona Autónoma Temporária, Anarquia Ontológica, Terrorismo Poético]. Neste livro, Bey fez uma revisão histórica dos lugares geográficos, sociais e culturais transitórios que se impuseram como áreas extraterritoriais que redefiniram a autonomia e a independência ao desafiar as estruturas dominantes de poder. Na sua análise destes momentos fugazes de dissidência, Bey fornece diferentes exemplos para ilustrar o seu conceito: as ilhas piratas e a Internet são dois deles. Escreve ele:

«OS PIRATAS E CORSÁRIOS do século XVIII criaram uma "rede de informação" que se estendia por todo o globo: primitiva e dedicada principalmente a negócios sombrios, a rede funcionava, no entanto, de forma admirável. Espalhadas por toda a rede existiam ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos de água e provisões, e os saques trocados por luxos e necessidades. Algumas destas ilhas albergavam "comunidades intencionais", mini-sociedades inteiras que viviam conscientemente à margem da lei e que estavam decididas a fazê-lo durante tanto tempo quanto lhes fosse possível, mesmo que fosse apenas por uma vida curta mas feliz... Chamei a estas povoações "Utopias Piratas".»³



14.
A *Saturnália Romana* {Gravura}
John Reinhard Weguelin
{1884}



15.
Panfleto a publicitar a «free party»
Total Recall em Pepperbox Hill, dia 25 de
Agosto de 1990. {Fotocópia}
David Stooke
{1990}



16.
Logótipo do «Pirate Bay»,
famoso repositório online
que permite o download ilegal
de conteúdo protegido por
direitos de autor. {Logo}
Autoria desconhecida
{Ano desconhecido}



17.
As tripulações das embarcações dos famosos
piratas Barba Negra e Vane festejam na costa do
estado da Carolina do Norte. Retirado do livro de
Charles Ellms *O Livro dos Piratas* {Gravura}
Autoria desconhecida
{1837}

factories, then the people working there constituted a 'proto-proletariat'. The sailors working these 'floating factories' were subject to extremely harsh labor conditions as well as a brutal authoritarian discipline imposed by their captain and officers. It is no wonder, therefore, that some of them decided to rebel against these inhumane circumstances and seek other means of economic survival. In these circumstances, the pirates who decided to mutiny were individuals that seized the means of production and attempted to hack the flow of goods. In stark opposition to the hierarchical and exploitative structures of merchant ships, pirate vessels operated following radically different principles: captains were elected democratically, decisions were taken collectively and plunder was shared fairly among sailors. For this reason, Bey and other historians consider pirate ships as laboratories for democratic and utopian experimentation. What is less known, however, is the fact that the transformation of the ship from a dystopian machine into an egalitarian and libertarian vessel was replicated on land, through the creation of pirate communities on islands. David Graeber in his book *Pirate Enlightenment, or the Real Libertalia*, provides an anthropological — and somewhat speculative — account of an almost mythical pirate utopian society based on principles of democracy, equality, and freedom. If we consider Roughts Tower or Sealand's remote geographical position, ambiguous legal status and the rocambolesque accounts of its main characters, the story of this

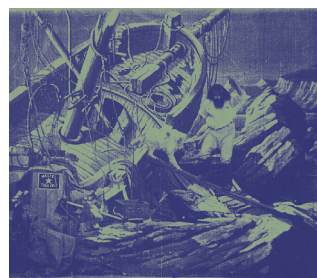
floating structure in the middle of the sea could be paralleled to that of a pirate island, as their stories share some interesting parallels related to autonomy, unconventional governance and the pursuit of freedom through aquatic extraterritoriality. Even if Libertalia and Sealand inhabit different timelines and exist in radically different contexts — one as a real-world micronation and the other as a legendary pirate community — both could be framed as temporary autonomous zones, free spaces that extended the horizons of possibility for different utopian projects and provided them a safe-haven.

Hakim Bey also explores the internet as a zone where different forms of piracy can provide for liberation and resistance. The internet, similarly to the sea, is a vast, borderless and interconnected space that is hard to legislate and claim authority over. Just as the sea has been central for trade, communication, and cultural exchange, also the vast digital realm of the internet provides for an infinite horizon of uncharted waters of information, opportunities and interactions outside the confines of the physical world.

If the sea was a catalyst for capitalist development — as argued by Alejandro Colás and Liam Campling —, also the web injected a vital stream of innovation into this economic system which was first welcomed with enthusiasm, but decades later has proved to be dystopian. In recent times, concepts such as

Ao contrário da representação romântica e despolitizada dos piratas que tem proliferado na cultura popular, em particular graças ao enorme sucesso dos filmes *Piratas das Caraíbas* da Disney, Bey descreve-os como sujeitos políticos radicais e utópicos que se libertaram da exploração durante a emergência do capitalismo. A Idade de Ouro da pirataria coincidiu, de facto, com o florescer de um sistema económico em que as colónias ultramarinas e os navios mercantes dos impérios europeus inauguraram o primeiro mercado global, que precedeu as fábricas na sua exploração dos seres humanos. Poderíamos afirmar que o lema «Do mar, a liberdade» revela apenas uma verdade parcial, pois a «distância» concedida pelo mar permite tanto a emancipação como a exploração, a utopia e a distopia. Nas palavras de Bey, se os navios eram como fábricas flutuantes, então as pessoas que neles trabalhavam constituíam um «proto-proletariado». Os marinheiros que trabalhavam nestas «fábricas flutuantes» estavam sujeitos a condições de trabalho extremamente duras, bem como a uma disciplina autoritária brutal imposta pelo seu capitão e oficiais. Não é, pois, de admirar que alguns deles tenham decidido revoltar-se contra estas circunstâncias desumanas e procurar outros meios de sobrevivência económica. Nestas circunstâncias, os piratas que decidiam amotinar-se eram indivíduos que se apoderavam dos meios de produção e tentavam fazer um hacking do fluxo de mercadorias. Em oposição acentuada às estruturas hierárquicas e exploradoras dos navios mercantes, os barcos piratas funcionavam

segundo princípios radicalmente diferentes: os capitães eram eleitos democraticamente, as decisões eram tomadas coletivamente e a pilhagem era partilhada equitativamente entre os marinheiros. Por esta razão, Bey e outros historiadores consideram os navios piratas como laboratórios de experiências democráticas e utópicas. O que é menos conhecido, porém, é o facto de a transformação do navio de uma máquina distópica numa embarcação igualitária e libertária ter sido replicada em terra, através da criação de comunidades piratas em ilhas. David Graeber, no seu livro *Pirate Enlightenment, or the Real Libertalia* [Iluminismo Pirata ou a Real Libertalia], faz um relato antropológico — e algo especulativo — de uma sociedade utópica pirata quase mítica, baseada em princípios de democracia, igualdade e liberdade. Se tivermos em conta a posição geográfica remota de Roughts Tower ou Sealand, o seu estatuto jurídico ambíguo e os relatos rocambolescos das suas personagens principais, a história desta estrutura flutuante no meio do mar poderia ser comparada à de uma ilha pirata, uma vez que as suas histórias partilham alguns paralelismos interessantes relacionados com a autonomia, a governação não convencional e a procura da liberdade através da extraterritorialidade aquática. Mesmo que Libertalia e Sealand habitem em linhas temporais diferentes e existam em contextos radicalmente distintos — uma como uma micronação do mundo real e a outra como uma comunidade pirata lendária — ambas podem ser enquadradas como zonas autónomas temporárias, espaços livres que



18.
As aventuras de Robin Crusoe
{Fotograma}
Georges Méliés
{1920}



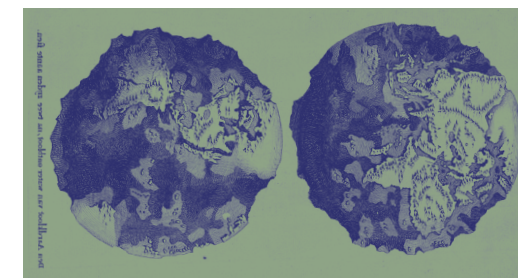
19.
Umibōzu (Monge do mar) {Xilogravura}
Utagawa Kuniyoshi
{ca. 1845}



20.
Ícone da interface do sistema operativo Windows XP {Ícone}
Iconfactory Design Services.
{2001}



21.
Barque sortant du port {Barco deixando a doca} {Fotograma}
Louis e Auguste Lumière
{1895}



22.
O Planeta Inteiro Sem Água, Visto em Dois Lados
{Ilustração}
Thomas Burnet
{ca. 1700}

‘Surveillance Capitalism,’ ‘Platform Capitalism,’ and ‘Information Capitalism’ were all coined to describe how our economic system has changed due to the implementation of digital technologies, while revealing their darker and dystopian aspects. However, before these notions emerged, in the 90s the extraterritoriality, immateriality and perceived lack of legislation of the internet created a wave of optimism that enabled the flow of different utopian ideals. In fact, the early days of digital technologies were marked by an optimistic and idealistic belief that these would contribute to the improvement of the world. *The Declaration of Independence of Cyberspace*, written in 1996 by John Perry Barlow, is perhaps one of the most well-known manifestos of the transformative and liberating power offered by the emergence of the internet.

‘Governments from the Industrial World, you weary giants of flesh and steel, I come from Cyberspace, the new home of mind. On behalf of the future, I ask you to leave the past alone, you are not welcome among us. You have no sovereignty where we gather. (...) I declare the global space we are building to be naturally independent from the tyrannies you seek to impose on us.’⁴

German author Carl Schmitt stated in his book *The Nomos of The Earth* that ‘On the open sea there are no limits, no boundaries, no consecrated sites, no sacred orientations, no law and no property’.⁵ Barlow’s text written almost

fifty years later voices a similar opinion in relation to the internet, as it considers it as a liminal environment where traditional governmental authority does not apply. Hakim Bey wrote the TAZ during this period of digital utopianism, he was interested in the anarchic potential of the internet, and the migration of a ‘pirate ideology’ from the High Seas to the digital realm. In fact, cyber-pirates share common traits of rebellion, lawlessness, and an adventurous spirit with their sea predecessors, as they also re-appropriate a new technology to interfere with normal commerce, attack government sites, leak sensitive information and infringe copyright law. Cyber-pirates often critique the current copyright system as being too restrictive, hindering creativity and limiting the ability of artists, writers and musicians to freely experiment. Piracy in this context becomes a form of protest against this perceived copyright overreach.

For the exhibition *HAVEN* James Newitt has incorporated piracy as a creative strategy by using digital techniques to attempt to circumnavigate problems of copyright encountered during the development of the project. In particular, this process can be observed in the three-channel video installation that gives the name to the exhibition. The installation follows a loosely chronological story that recounts the history of the tower, while showing images from a BBC documentary produced in 1972. After encountering various challenges and restrictions with how to effectively incorporate copyrighted

alargaram os horizontes de possibilidade para os diferentes projetos utópicos e lhes proporcionaram um porto seguro.

Hakim Bey também explora a Internet como uma zona onde diferentes formas de pirataria podem proporcionar libertação e resistência. A Internet, à semelhança do mar, é um espaço vasto, sem fronteiras e interligado, difícil de legislar e onde não é fácil também reivindicar autoridade. Tal como o mar tem sido fundamental para o comércio, a comunicação e o intercâmbio cultural, também o vasto domínio digital da Internet proporciona um horizonte infinito de águas desconhecidas feito de informação, oportunidades e interações fora dos confins do mundo físico.

Se o mar foi um catalisador do desenvolvimento capitalista — como defendem Alejandro Colás e Liam Campling —, também a web injetou neste sistema económico uma corrente vital de inovação que começou por ser acolhida com entusiasmo, mas que décadas mais tarde revelou ser distópica. Nos últimos tempos, conceitos como «Capitalismo de Vigilância», «Capitalismo de Plataforma» e «Capitalismo de Informação» foram todos cunhados para descrever a forma como o nosso sistema económico mudou devido à implementação das tecnologias digitais, revelando ao mesmo tempo os seus aspetos mais obscuros e distópicos. No entanto, antes do surgimento destas noções, na década de 1990, a extraterritorialidade, a imaterialidade e a aparente falta de legislação da Internet criaram uma

onda de optimismo que permitiu o fluxo de diferentes ideais utópicos. De facto, os primeiros tempos das tecnologias digitais foram marcados por uma crença otimista e idealista na noção de que estas contribuiriam para melhorar o mundo. A *Declaração de Independência do Ciberespaço*, escrita em 1996 por John Perry Barlow, é talvez um dos mais conhecidos manifestos do poder transformador e libertador proporcionado pelo aparecimento da Internet.

«Governos do Mundo Industrial, gigantes cansados de carne e aço, eu venho do Ciberespaço, o novo lar da mente. Em nome do futuro, peço-vos que deixem o passado sossegado, não são bem-vindos entre nós. Não tendes soberania onde nos reunimos. (...) Declaro que o espaço global que estamos a construir é naturalmente independente das tiranias que procuram impor-nos.»⁴

O autor alemão Carl Schmitt afirmou no seu livro *The Nomos of The Earth* [O Nomos da Terra] que «No mar aberto não há limites, nem fronteiras, nem locais consagrados, nem orientações sagradas, nem lei, nem propriedade».⁵ O texto de Barlow, escrito quase 50 anos mais tarde, exprime uma opinião semelhante em relação à Internet, uma vez que a considera um ambiente liminar onde a autoridade governamental tradicional não se aplica. Hakim Bey escreveu a TAZ durante este período de utopismo digital, interessando-se pelo potencial anárquico da Internet e pela migração de uma «ideologia pirata» do

⁴ Barlow, J. P. (1996) 'A Declaration of the Independence of Cyberspace'. Electronic Frontier Foundation, 16 fev. 1996, <https://www.eff.org/it/cyberspace-independence> [accedido em 15 nov. 2023]

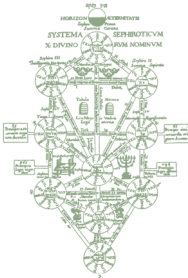
⁵ Schmitt, C. (1959). *The Nomos of The Earth*. Estados Unidos: Telos Publishing, p. 45



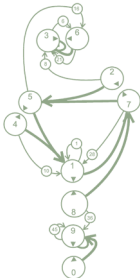
23. Barco baptizado «Tax Sea-vation»
{Photography}
Autoria desconhecida
{Ano desconhecido}



24. A assinatura de e-mail do «cypherpunk» Adam Back, que continha um «hack» ao algoritmo de encriptação. {Código}
Adam Back
{1995}
Devido a restrições à exportação de algoritmos de encriptação, a circulação desta assinatura constituía um ato de desobediência civil. Os «cypherpunks» pretendiam, nos anos 80 e 90, preservar independência e privacidade através de posse colectiva de conhecimento e tecnologia criptográfica.



25. Árvore da Vida da Cabala
{Gravura}
Athanasius Kircher
{1652}



26. Numograma {Diagrama}
Cybernetic Culture
Research Unit
{ca. 1990s}



27. Exemplo de uma «deep neural network» {Diagrama}
Autoria desconhecida
{Ano desconhecido}

Islands. The geography of extraterritoriality Anselm Franke and Eyal Weizman
in *Archivis* #6 [2003]
Os piratas, habitantes naturais das ilhas, aprendem a abusar da vantagem da sua geografia — os vazios políticos e as lacunas legais ajudam a constituir sistemas de fluxo alternativos, mais rápidos, mais mortíferos e mais eficientes.

material, Newitt engaged in a process of manipulating and distorting the digitised version of the original 16mm film documentary. Here Newitt employed a video upscaling software to modify this original documentary material and to increase its resolution, repeating this process until that the video took on a distorted quality reminiscent of video created with the of a neural network. From here, the film departs from this documentary approach and aesthetic and begins behaving in a speculative way. Initially, Newitt wanted to visit Sealand, film the tower and interview the family and the data haven founders in order to anchor the documentary aspect of the project. However, he realised that the Bates' family carefully author their own history and his attempts to communicate with Ryan Lackey went unanswered. Finally, the Coronavirus pandemic which unfolded while Newitt was working on the project closed most borders and restricted the possibility of travel. Facing these frustrations — Newitt decided to change strategy. During this period of isolation and increased digitalisation, he started to employ the vast archive of the internet as well as different digital tools to recreate Sealand, manipulate its narrative and speculate about the future of the data haven by re-arranging different fragments of material encountered online. Through an exhaustive process of 3D modeling and animation, Newitt effectively reconstructed the tower, thus allowing him to re-occupy the platform and once again re-write its history. Faced with the silent refusal of Ryan Lackey

to engage in an email correspondence, he decided to recreate Ryan's voice using both AI voice simulation software and employing an actor. Along with the documentary and animation scenes, the film uses graphic aesthetic video clips of data centres, underwater pipes and cable scans as well as older black-and-white footage of rust and mold that expand on the story and associates it to other present technological utopias.

The last scene of the film confronts us with a contemporary connection between the pirate stories of Sealand and HavenCo, showing that the desire for freedom through the sea and the electronic environment has not been liquidated altogether. In this footage extracted from an underwater camera, we see a school of fish swimming around data centres resting on the seabed. These are images from Microsoft's Project Natick (2019–21), where the company successfully prototyped the world's first undersea data center, as part of their ongoing ambition to migrate the cloud off-shore. Notably, other tech corporations are also aiming to exploit the extraterritoriality of the sea, especially as states adopt a more stringent stance toward internet and AI regulation, moving away from the previously laissez-faire approach. This possibility that data could be kept safe from governmental control first emerged in the speculative fantasies of science fiction writers, then it was picked up by two cyber-libertarians who wanted to capitalise on this idea by leveraging on the

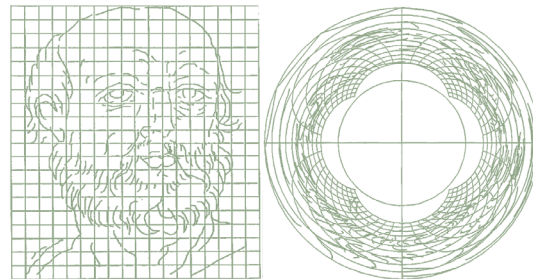
alto mar para o domínio digital. De facto, os ciber-piratas partilham com os seus antecessores marítimos traços comuns de rebelião, anarquia e espírito aventureiro, uma vez que também eles se reapropriam de uma nova tecnologia para interferir no comércio normal, atacar sítios governamentais, divulgar informações sensíveis e infringir a lei dos direitos de autor. Os ciber-piratas criticam frequentemente o atual sistema de direitos de autor, considerando-o demasiado restritivo e achando que inibe a criatividade e limita a capacidade dos artistas, escritores e músicos de experimentarem livremente. Neste contexto, a pirataria torna-se uma forma de protesto contra este excesso de alcance dos direitos de autor.

Para a exposição HAVEN, James Newitt incorporou a pirataria como uma estratégia criativa, utilizando técnicas digitais para tentar contornar os problemas dos direitos de autor encontrados durante o desenvolvimento do projeto. Mais especificamente, este processo pode ser observado na instalação vídeo de três canais que dá o nome à exposição. A instalação segue uma história vagamente cronológica que relata a história da torre, enquanto mostra imagens de um documentário da BBC produzido em 1972. Depois de se deparar com vários desafios e restrições quanto à forma de incorporar eficazmente material protegido por direitos de autor, Newitt aplicou um processo de manipulação e distorção da versão digitalizada do documentário original em filme de 16 mm. Aqui, Newitt empregou um software de *upscaling*

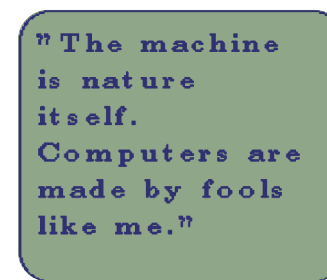
de vídeo para modificar este material documental original e aumentar a sua resolução, repetindo este processo até que o vídeo assumisse uma qualidade distorcida que faz lembrar um vídeo criado com a ajuda de uma rede neural. Após este ponto de partida, o filme afasta-se desta abordagem e estética documental e começa a comportar-se de forma especulativa. Inicialmente, Newitt queria visitar Sealand, filmar a torre e entrevistar a família e os fundadores do paraíso de dados de forma a ancorar o aspeto documental do projeto. No entanto, apercebeu-se de que a família Bates edita cuidadosamente a sua própria história e as suas tentativas de comunicar com Ryan Lackey ficaram sem resposta. Por fim, a pandemia de coronavírus que se desenrolou enquanto Newitt trabalhava no projeto fechou a maior parte das fronteiras e restringiu a possibilidade de viajar. Perante estas frustrações, Newitt decidiu mudar de estratégia. Durante este período de isolamento e de digitalização crescente, ele começou a utilizar o vasto arquivo da Internet, bem como diferentes ferramentas digitais para recriar Sealand, manipular a sua narrativa e especular sobre o futuro do paraíso de dados, reorganizando diferentes fragmentos de material encontrado *online*. Através de um processo exaustivo de modelação e animação 3D, Newitt reconstruiu efetivamente a torre, o que lhe permitiu reocupar a plataforma e, uma vez mais, reescrever a sua história. Confrontado com a recusa silenciosa de Ryan Lackey em trocar correspondência por correio eletrónico, Newitt



28.
O coelho engana o rei elefante, mostrando-lhe o reflexo da lua no mar. Retirado de uma edição síria do «Panchatantra», uma antiga coleção indiana de fábulas {Ilustração}
Autoria desconhecida {1354}



29.
Anamorfose gerada por computador da cara de um homem refletida para a forma de um cone {Síntese gráfica}
Ramon J. Masters {1978}



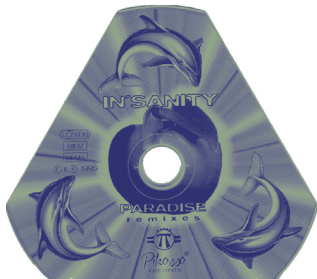
30.
[«A máquina é a própria natureza. Os computadores são feitos por idiotas como eu.»] {Poema}
Autoria desconhecida
Screenshot de Claire L. Evans {Ano desconhecido}



31.
What Freedom! [Que liberdade!] {Óleo sobre tela}
Iliya Repin {1903}

‘independence’ of Sealand and its ambiguous legal status. More than ten years later, HavenCo’s failed utopian venture, akin to a sunken ship, was rescued from the bottom of the North Sea by big-tech corporations equipped with the means necessary to realise Lackey and Hasting’s dream. The trajectory of this utopian idea and the experiment of HavenCo serves as a cautionary tale that allows us to foreshadow the future complexities involved in the current techno-utopian quest for ‘liberation’ of digital technologies across the blue frontier. This aquatic journey warns us that the spirit of ‘freedom’, encapsulated in Sealand’s motto, just like the presage of oppression and exploitation, is still echoing in the waves of the sea and in our endless currents of data.

This text has been enriched by the insights of numerous books, theories, and intellectual contributions of various thinkers. I would like to express my gratitude to: Adolfo Bioy Casares, Hamed Khosravi, Alejandro Colás, Alex Williams, Bruce Sterling, Captain Johnson, Carl Smith, China Miéville, David Graeber, Dylan Taylor-Lehman, Fred Turner, Hakim Bey, Ian Campling, Ian Urbina, James Bridle, Nick Srnicek, Shoshana Zuboff, Thomas More and Ursula K. Le Guin for their invaluable influence on the development of these ideas.



32.
Paradise – Remixes {CD}
In'Sanity
{1993}



33.
Selo de Sealand retratando um par de golfinhos {Selo}
Sealand
{1970}

decidiu recriar a voz de Ryan recorrendo tanto a um *software* de simulação de voz com IA como a um ator. Juntamente com o documentário e as cenas de animação, o filme utiliza videocliques com uma estética gráfica de centros de dados, tubos subaquáticos e *scans* de cabos, bem como imagens antigas a preto e branco de ferrugem e bolor que expandem a história e a associam a outras utopias tecno-aquáticas do presente.

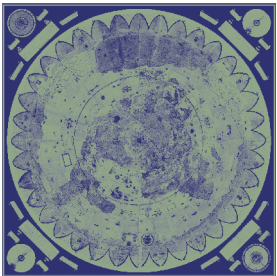
A última cena do filme confronta-nos com uma ligação contemporânea entre as histórias de piratas de Sealand e HavenCo, mostrando que o desejo de liberdade através do mar e do ambiente eletrónico não foi totalmente extinto. Nesta filmagem extraída de uma câmara subaquática, vemos um cardume de peixes a nadar à volta de centros de dados que repousam no fundo do mar. Estas são imagens do Project Natick (2019–21) da Microsoft, em que a empresa criou com sucesso o protótipo do primeiro centro de dados submarino do mundo, como parte da sua ambição contínua de migrar a nuvem para o mar. É de notar que outras empresas tecnológicas também visam explorar a extraterritorialidade do mar, especialmente à medida que os Estados adoptam uma postura mais rigorosa em relação à regulamentação da Internet e da IA, afastando-se da anterior abordagem de *laissez-faire*. Esta possibilidade de os dados poderem ser mantidos a salvo do controlo governamental surgiu pela primeira vez nas fantasias especulativas dos escritores de ficção científica, tendo sido depois retomada por dois ciber-libertários que quiseram capitalizar

com esta ideia tirando partido da «independência» de Sealand e do seu estatuto jurídico ambíguo. Mais de dez anos depois, o empreendimento utópico falhado da HavenCo, à semelhança de um navio afundado, foi resgatado do fundo do Mar do Norte por grandes empresas tecnológicas equipadas com os meios necessários para realizar o sonho de Lackey e Hasting. A trajetória desta ideia utópica e da experiência da HavenCo serve como uma narrativa cautelar que nos permite prenunciar as complexidades futuras envolvidas na atual busca tecno-utópica de «libertação» das tecnologias digitais através da fronteira azul. Esta viagem aquática avisa-nos que o espírito de «liberdade», encapsulado no lema de Sealand, tal como o presságio de opressão e exploração, continua a ecoar nas ondas do mar e nas nossas intermináveis correntes de dados.

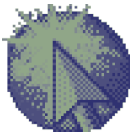
Este texto foi enriquecido pelas perspectivas de diversos livros, teorias e contribuições intelectuais de vários pensadores. Gostaria de expressar a minha gratidão a: Adolfo Bioy Casares, Hamed Khosravi, Alejandro Colás, Alex Williams, Bruce Sterling, Capitão Johnson, Carl Smith, China Miéville, David Graeber, Dylan Taylor-Lehman, Fred Turner, Hakim Bey, Liam Campling, Ian Urbina, James Bridle, Nick Srnicek, Shoshana Zuboff, Thomas More e Ursula K. Le Guin por sua influência inestimável no desenvolvimento dessas ideias.



34.
Jovens gamers em Manila, nas Filipinas, continuam a jogar enquanto o seu quarto é inundado {Fotografia}
Autoria desconhecida
{2012}



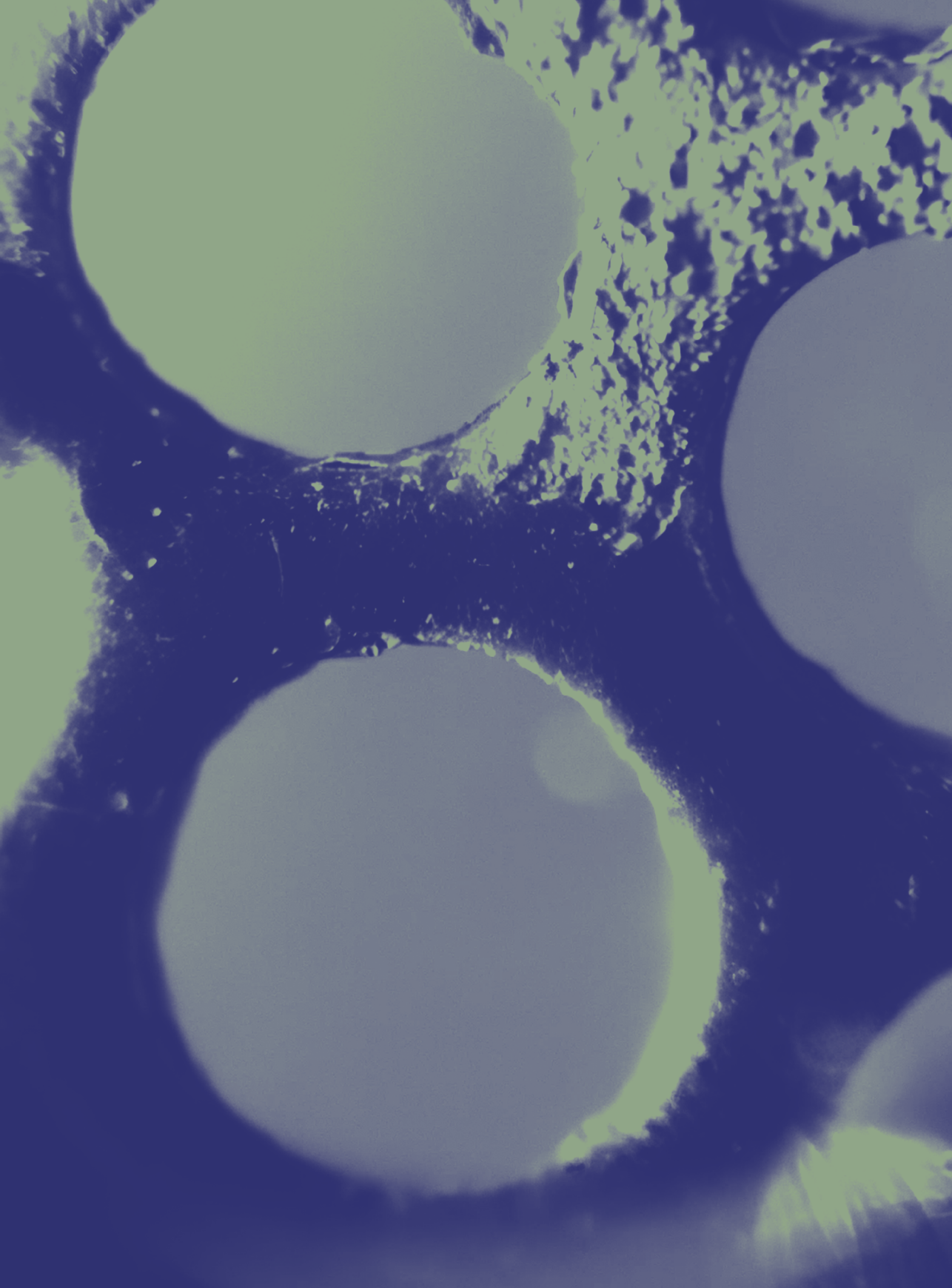
35.
O mais antigo planisfério de grande escala do mundo {Mapa}
Urbano Monte
{1587}

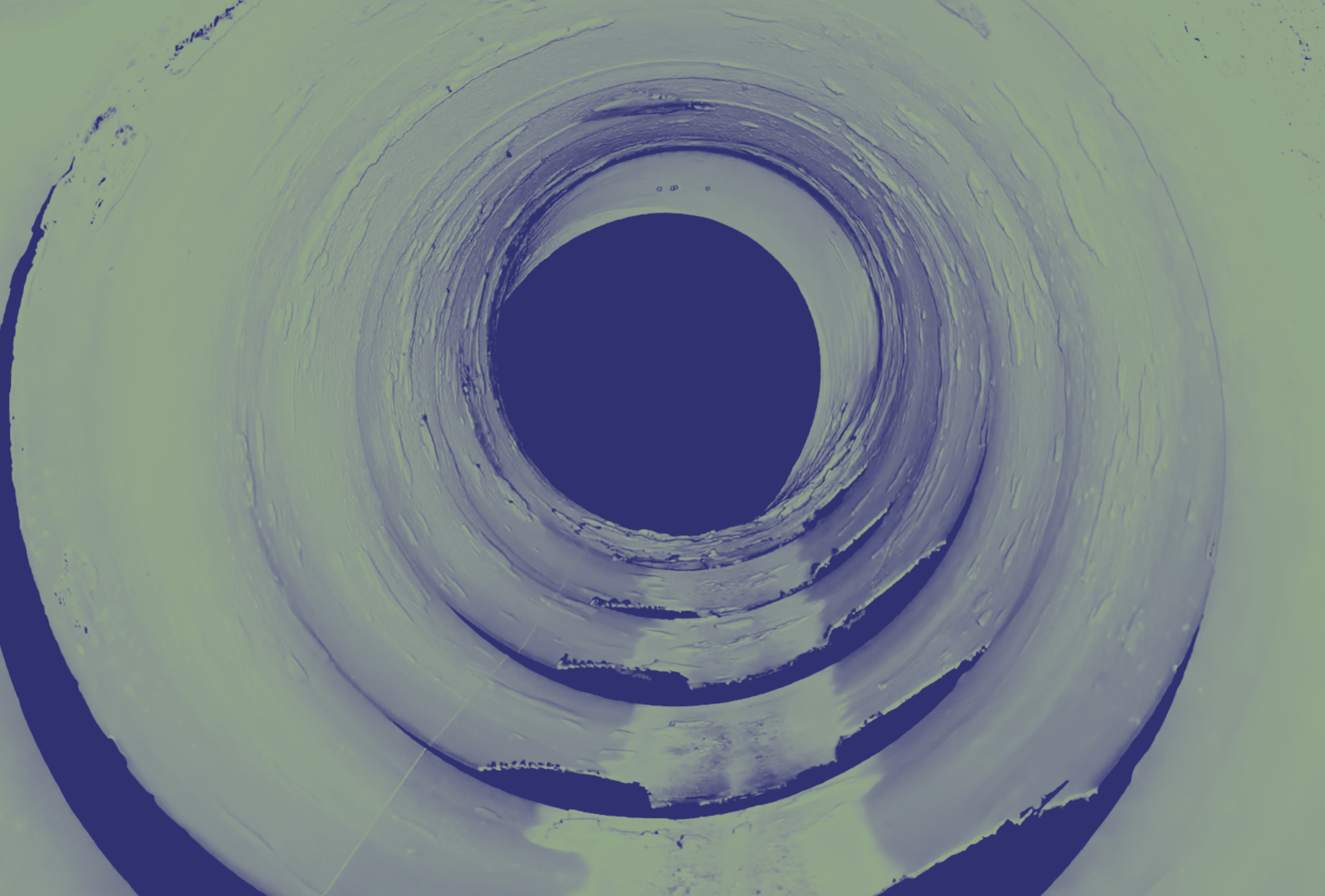


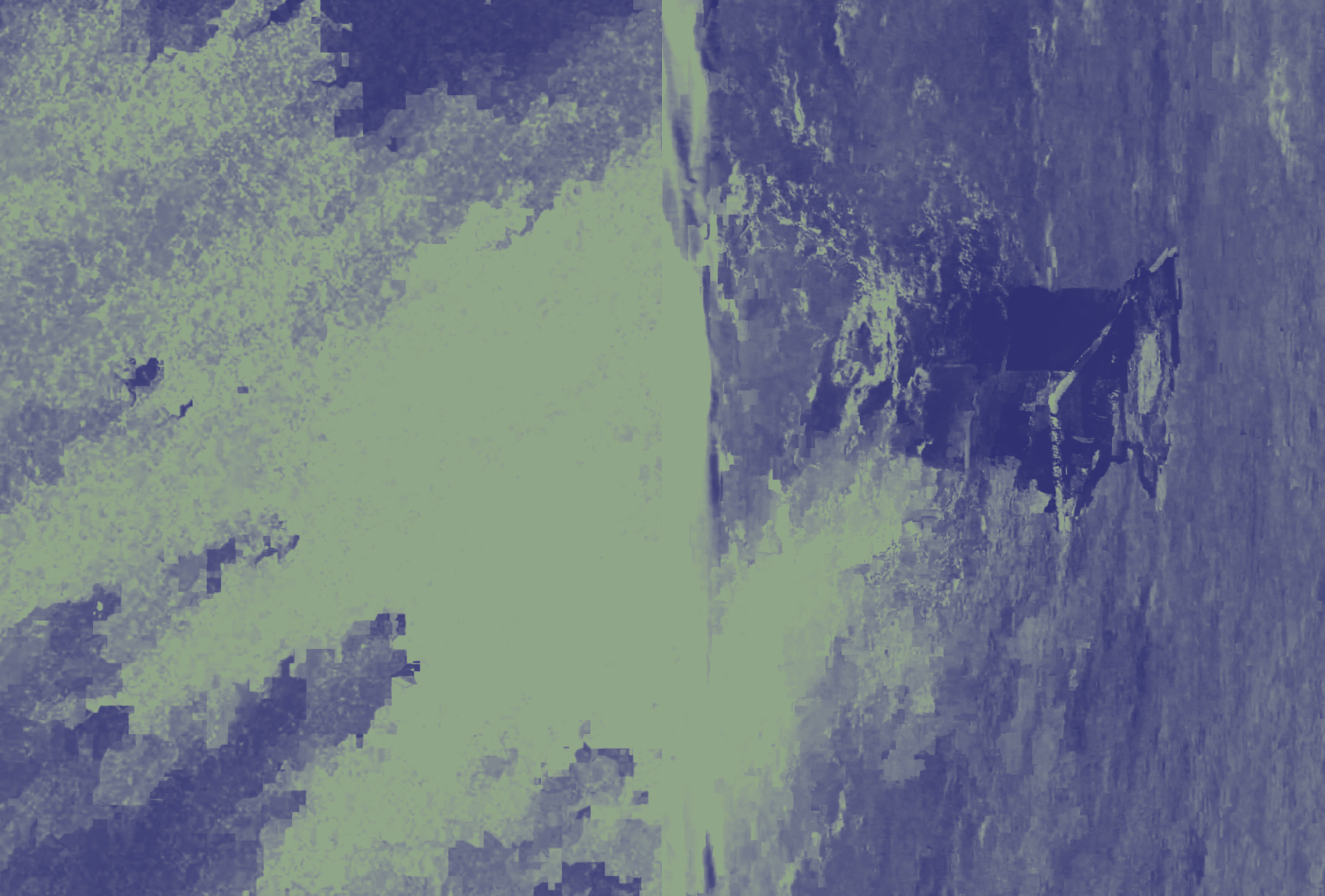
36.
Ícone da interface do sistema operativo Windows XP {Ícone}
Iconfactory Design Services
{2001}

Islands: The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman
In *Archiv #6*
{2003}

As ilhas são locais de uma ordem internamente regimentada. A utopia sempre foi imaginada como uma ilha artificialmente separada da terra –um lugar de exílio para a perfeição da sociedade. De facto, todos os esforços feitos desde então para a realização da Utopia começaram com o estabelecimento de um espaço extraterritorial rodeado pela «matéria social» que se pretendia deixar para trás.







1.
Dazzle Ship in Dry Dock {Woodcut on paper}
Edward Wadsworth {1918}
taken from
<https://collections.vam.ac.uk/item/O120351/>

2.
Diagram of the electric (E) and magnetic (H) fields of radio waves emanating from a radio transmitting antenna {Illustration}
Stuart Ballantine {1922}
from
Radiotelephony for Amateurs, 2nd Ed.,
David McKay Co., USA.

3.
Pirate Anne Bonney, in Captain Charles Johnson's General History of the Pyrates (1st Dutch Edition, 1725) {Engraving}
Captain Charles Johnson {1725}
from
[https://en.wikipedia.org/wiki/File:Bonney,_Anne_\(1697-1720\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Bonney,_Anne_(1697-1720).jpg)

4.
Can't Stop the Pirates (Weekend Rush 4) {Track}
Dica and Ben Intellect {1993}
taken from
<https://www.youtube.com/watch?v=i7e3GLiJEfo&t=74s>

5.
Flyer for *Radio Sutch* {Print}
Colin Dale, Radio Sutch. {1964}
taken from
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Programm_Radio_Sutch.jpg

6.
Sealand Coat of Arms
taken from
<https://sealandgov.org/blogs/news/sealand-passport>

7.
Battle between Tiamat [left], the chaos Goddess, representing the sea and salt, and Sun God Marduk [right]. {Bas relief} {6th century BCE}
taken from
History of Egypt, Chaldea, Syria, Babylonia, and Assyria, Vol. III, by G. Maspero, 1904–04.
<https://www.britannica.com/topic/Tiamat>

8.
Sigil of Chaos
Michael Moorcock {1960s}
taken from
https://en.wikipedia.org/wiki/Symbol_

9.
1823 crest of the now extinct British Board of Ordnance
Unknown author. Picture by David Prothero, 26 September 2004 {1823}
taken from
<https://www.crwflags.com/fotw/flags/gb%5Erets.html>

10.
'Fanart' of Sealand as an 'Hetalia' anime character
TheSukiness {2014}
taken from
<https://www.deviantart.com/thesukiness/art/Sealand-Color-289339993>

11.
Sealand Postage Stamp depicting Vasco da Gama, part of a series celebrating maritime explorers
Sealand {1967}
taken from
https://simple.wikipedia.org/wiki/Coins_and_postage_stamps_of_Sealand

12.
Sealand Commemorative Orca Whale Massive 63.5 (2–1/2") mm coins {Coin}
{1994}
taken from
https://koinpro.tripod.com/WorldCoins/Sealand_Coin_Offers.htm

13.
Seascape (Gravelines) {Oil on wood}
Georges Seurat {1890}
taken from
<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.157929.html>

14.
The Roman Saturnalia {Engraving}
John Reinhard Weguelin {1884}
taken from
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e4-6084-a3d9-e040-e00a18064a99>

15.
Flyer advertising the Total Recall 'free party' on Pepperbox Hill, on the 25th of August 1990 {Flyer}
David Stooke {1990}
taken from
https://freepartypeople.files.wordpress.com/2023/03/received_1440792129304497.jpeg

16.
The logo of Pirate Bay, famous online repository which allows for the illegal download of copyrighted content {Logo}
Unknown artist {Unknown year}
taken from
thepiratebay3.co

17.
The crews of the vessels belonging to notorious pirates Blackbeard and Vane carousing on the coast of Carolina, from Charles Ellms' *The Pirates Own Book* {Engraving}
Unknown artist {1837}
taken from
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vane%27s_and_Blackbeard%27s_crews_on_the_Carolina_coast.jpg

18.
Les aventures de Robin Crusoe {Film frame}
Georges Meliés {1920}
taken from
<https://www.culturaeculture.it/non-solo-cinema/a-pordenone-le-giornate-del-cinema-muto-2/>

19.
Umibōzu [Sea-Monk] {Woodblock print}
Utagawa Kuniyoshi {ca. 1845}
taken from
<https://art.thewalters.org/detail/11711/tokaido-gojusan-tsui-5/>

20.
Windows XP interface icon {Icon}
Iconfactory Design Services. {2001}
taken from
<https://oldwindowsicons.tumblr.com/>

21.
Boat Leaving the Port {Film frame}
Louis & Auguste Lumière {1895}
taken from
<https://www.youtube.com/watch?v=7ckWe3MKQwg>

22.
The Entire Planet Devoid of Water, Seen on Two Sides {Illustration}
Thomas Burnet {ca. 1700}
taken from
<https://searchworks.stanford.edu/view/xm693kn7188>

23.
Boat named 'Tax Sea-vation' {Photography}
Unknown Author {Unknown Year}
taken from
<https://www.allthingsboat.com/boat-names/>

24.
Cypherpunk Adam Back's email signature which displayed a hack into the RSA encryption algorithm {Code}
Adam Back {1995}
taken from
<https://twitter.com/todayininfosec/>
Due to restrictions on the export of encryption algorithms, such a signature was an illegal act of civil disobedience. Cypherpunks sought, in the 80s and 90s, to preserve independence and privacy through collective ownership of cryptographic knowledge and technology.

25.
The Tree of Life {Engraving}
Athanasius Kircher {1652}
taken from
Oedipus Aegyptiacus
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kircher_Tree_of_Life.png

26.
Numogram {Diagram}
Cybernetic Culture Research Unit. {ca. 1990s}
taken from
<https://richardcoyne.com/2020/10/31/high-energy-superstition/>

27.
Example of a deep neural network {Diagram}
Unknown author {Unknown Year}
taken from
<https://cienciaenegocios.com/o-que-sao-redes-neurais-artificiais-rna/>

28.
The rabbit fools the elephant king by showing him the reflection of the moon {Illustration}
Unknown Author {1354}
taken from a Syrian edition of the Panchatantra, an ancient indian collection of fables.
https://en.wikipedia.org/wiki/Panchatantra#mediaviewer/File:Syrischer_Maler_von_1354_001.jpg

29.
Computer reflecting cone anamorphosis of a man's illustrated face {Computer synthesis}
Ramon J. Masters {1978}
taken from
Computer Graphics and Art, no.1, February 1978
http://dada.comp.art-bremen.de/docUploads/COMPUTER_GRAPHICS_AND_ART_Feb1978.pdf

30.
'The machine is nature itself. Computers are made by fools like me.' {Poem}
Unknown Author
Screenshot by Claire L. Evans {Unknown Year}
taken from
<https://www.are.na/block/6697390>

31.
What freedom! {Oil on canvas}
Iliya Repin {1903}
taken from
<https://www.arthistoryproject.com/artists/ilya-repin/what-freedom/>

32.
Paradise – Remixes {CD}
In'Sanity {1993}
taken from
<https://www.discogs.com/release/1237231-InSanity-Paradise-Remixes>

33.
Sealand Postage Stamp depicting a pair of dolphins {Stamp}
Sealand {1970}
taken from
<https://www.grahamlandstamps.co.uk/shop/stamps/cinderellas/gb-offshore-islands/sealand/sealand-1970-dolphins-50c-single-value-cto/>

34.
Young gamers in Manila, Philipines, keep playing even as their room is flooded {Photography}
Unknown author {2012}
taken from
<https://www.e-farsas.com/enchente-na-lan-house-verdadeiro-ou-falso.html>

35.
Largest Early World Planisphere {Map}
Urbano Monte {1587}
taken from
<https://www.davidrumsey.com/blog/2017/11/26/largest-early-world-map-monte-s-10-ft-planisphere-of-1587>

36.
Windows XP interface icon {Icon}
Iconfactory Design Services {2001}
taken from
<https://oldwindowsicons.tumblr.com/>

37.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

38.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

39.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

40.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

41.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

42.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

43.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

44.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

45.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

46.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

47.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

48.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

49.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

50.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

51.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

52.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

53.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

54.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

55.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

56.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

57.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

58.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

59.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

60.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

61.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

62.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

63.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

64.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

65.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

66.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

67.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

68.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

69.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

70.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

71.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

72.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

73.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

74.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

75.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

76.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

77.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

78.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

79.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

80.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

81.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

82.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

83.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

84.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

85.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

86.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

87.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

88.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

89.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

90.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

91.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

92.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

93.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

94.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

95.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

96.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

97.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

98.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

99.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

100.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

101.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

102.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

103.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

104.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

105.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

106.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

107.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

108.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

109.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

110.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

111.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

112.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

113.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

114.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

115.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

116.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

117.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

118.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

119.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

120.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

121.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

122.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

123.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

124.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

125.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

126.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

127.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

128.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

129.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

130.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

131.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

132.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

133.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

134.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

135.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

136.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

137.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

138.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

139.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

140.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

141.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

142.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

143.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

144.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

145.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

146.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

147.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

148.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

149.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

150.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

151.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

152.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

153.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

154.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

155.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

156.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

157.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

158.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

159.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

160.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

161.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

162.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

163.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

164.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

165.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

166.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

167.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

168.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

169.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

170.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

171.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

172.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

173.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

174.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

175.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

176.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

177.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

178.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

179.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

180.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

181.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

182.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

183.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

184.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

185.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

186.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

187.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

188.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

189.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

190.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

191.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

192.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

193.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

194.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in *Archis* #6 {2003}

195.
Islands. The geography of extraterritoriality
Anselm Franke and Eyal Weizman in <

REFÚGIO E INFERNO

Alejandro Colás & Liam Campling

HAVEN AND HELL

All utopias require a foundational act of flight, appropriation or secession that separates the new world from the old. In the second book of Thomas More's *Utopia*, readers learn how the eponymous island was originally attached to a continental mainland by an isthmus which the philosopher-king Utopos had severed, commanding the labour of his soldiers and the indigenous subjects they had originally dispossessed. In actual history, Maroon communities of the Americas and Caribbean built defensive ditches, fences and palisades around their liberated settlements, reinforcing the natural mountain, forest and swamp barriers that put distance between freedom and slavery.¹ Even the etymology of the word 'paradise' invokes the ancient Greek and Persian for an enclosed or walled garden, suggesting the active construction of an exclusive perimeter around Eden.

The sea affords a formidable liminal space in the creation of utopias since it at once offers the prospect of communication and isolation. Because humans have so far found it impossible to effectively occupy the oceans, any island on the high seas immediately has the potential to become both refuge and prison; haven and hell. Diverse societies across time and place have fashioned very different concepts and uses of insularity — as sacred ancestral locations, wayfinding atolls, pirate sanctuaries — but the theme of connectivity, whether spiritual or physical appears common to most. Certainly, in the early modern period, coinciding with the European 'discovery of the sea', Atlantic islands served

as critical staging posts in the conquest of the Americas, providing precious drinking water, timber, labour and of course safe harbour for the colonial enterprise. Thereafter, islands in every ocean were transformed into plantation complexes, coaling stations, naval bases and trading entrepôts which interconnected powerful overseas empires administered from London, Lisbon, Amsterdam or Paris.

From the beginning, these islands thus also grew into sites of enslavement, bondage, banishment, and retribution. In such cases, the sea is no longer a horizon of wealth and opportunity but its exact opposite: a mass grave of social death. Convict colonies, sugar islands, and military installations represent the flip side of seaborne commerce and mobility, namely maritime captivity and subjection. Combined with an accentuated masculinist brutality, racial hierarchy and class exploitation legitimised by distance from the colonial metropole, havens in this experience turn into concrete dystopias. Crucially, while geographically separated by water, these offshore outposts remain economically and politically connected to the mainland.

Such dialectics of oppression and liberation have over the centuries been occluded in successive fantasies surrounding the freedom of the seas. The latter notion stems from Hugo Grotius' 1609 tract *Mare Liberum*, commissioned by the Dutch East India Company in a ploy to legitimise its displacement of Portuguese

Todas as utopias exigem um ato fundador de fuga, apropriação ou secessão que separe o novo mundo do antigo. No segundo livro da *Utopia* de Thomas More, os leitores ficam a saber que a ilha epónima estava originalmente ligada a uma massa de terra continental por um istmo que o rei-filósofo Utopos havia cortado, ordenando o trabalho dos seus soldados e dos súbditos indígenas que eles originalmente haviam desapropriado. Na história factual, as comunidades quilombolas das Américas e das Caraíbas construíram valas defensivas, cercas e paliçadas em torno das suas povoações libertadas, reforçando as barreiras naturais das montanhas, florestas e pântanos que punham distância entre a liberdade e a escravidão.¹ Até a etimologia da palavra «paraíso» invoca o grego e o persa antigos, referindo-se a um jardim fechado ou amuralhado, sugerindo a construção ativa de um perímetro exclusivo em torno do Éden.

O mar permite um espaço liminar formidável para a criação de utopias, uma vez que oferece ao mesmo tempo uma perspectiva de comunicação e de isolamento. Dado que até agora tem sido impossível para os seres humanos ocupar eficazmente os oceanos, qualquer ilha em alto mar tem imediatamente o potencial de se tornar tanto abrigo como prisão; refúgio e inferno. Várias sociedades ao longo do tempo e do espaço engendraram conceitos e utilizações muito diferentes da insularidade — como locais ancestrais sagrados, atóis que servem para nos situarmos e descobrir a nossa orientação, santuários de piratas — mas o tema da conectividade, seja

ela espiritual ou física, parece comum à maioria. Certamente que, no início do período moderno, que coincide com a «descoberta do mar» europeia, as ilhas atlânticas serviram como pontos de paragem críticos na conquista das Américas, fornecendo água potável preciosa, madeira, mão de obra e, claro está, um porto seguro para a empresa colonial. Depois disso, ilhas em todos os oceanos foram transformadas em complexos de plantações, estações de carvão, bases navais e entrepostos comerciais que interligavam poderosos impérios ultramarinos administrados a partir de Londres, Lisboa, Amesterdão ou Paris.

Logo desde o início, estas ilhas transformaram-se também, assim, em locais de escravização, servidão, desterro e castigo. Nestes casos, o mar já não é um horizonte de riqueza e oportunidades, mas sim o seu exato oposto: uma vala comum de morte social. As colónias de condenados, as ilhas açucareiras e as instalações militares representam o outro lado do comércio e da mobilidade marítima, nomeadamente o cativo e a subjugação marítima. Em combinação com uma acentuada brutalidade masculinista, uma hierarquia racial e a exploração de classe legitimada pela distância da metrópole colonial, os refúgios desta experiência transformam-se em distopias concretas. De modo crucial, embora geograficamente separados pela água, estes postos avançados *offshore* permanecem económica e politicamente ligados ao continente.

Esta dialética da opressão e da libertação tem sido, ao longo dos séculos, ocluída em sucessivas

¹ Thompson, A. O. (2006). *Flight to Freedom: African Runaways and Maroons in the Americas*. Kingston, Jamaica: University of the West Indies Press.

Captives of the Cloud: Part III
Metahaven
[2012]
A possibilidade de uma rede — centralizada, descentralizada ou distribuída — se sobrepor à jurisdição e ao poder do Estado é um sonho fundacional da Internet, bem como uma miragem perpétua moldada e inspirada pela ficção científica. O que outrora se pensou ser a Internet — um espaço desestereotipado num mundo de estados-nação — sabe-se hoje que está incrivelmente saturado com as implicações espaciais das fronteiras, jurisdições e soberania.



37.
A Metrópole de Atlântida
[Mapa]
A. G Galanopoulos
[1969]



38.
Quilombo dos Palmares no estado
de Alagoas, no Brasil [Mapa]
Charles E. Jr. Orser
[1992]



39.
*Um jovem sonâmbulo sobe
para o muro do jardim de
um pároco e senta-se nele
enquanto come pêssegos*
[Gravura]
Thomas Onwhyn
(1844)



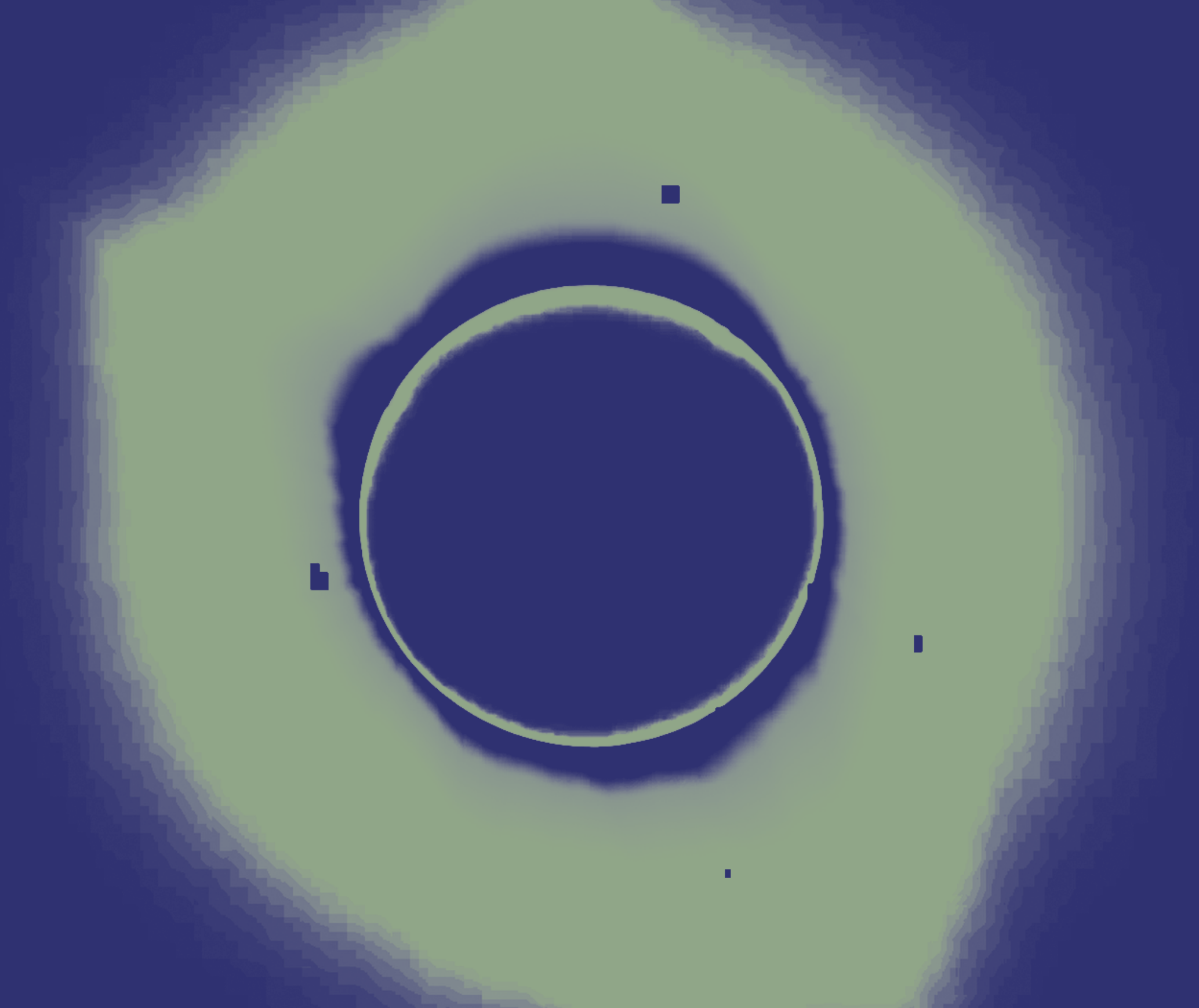
40.
Ícone da interface do sistema
operativo Windows XP [Ícone]
Iconfactory Design Services
[2001]



41.
Mare Liberum [Tratado]
Hugo Grotius
[1609]



42.
Portadas fechadas do *Jardim
das Delícias Terrenas*
[Óleo sobre madeira]
Hieronymus Bosch
[1490-1500]



monopoly over the Indian and Pacific Ocean trade routes. Indeed, it was a specific incident off the Malacca Straits in 1603, where a Company ship forcibly seized the Portuguese carrack Santa Catarina, that prompted Grotius' legal counsel. This was the kind of original state-sanctioned violence Karl Marx had in mind when asserting that Capital comes into the world 'dripping from head to foot, from every pore, with blood and dirt':

'The discovery of gold and silver in America, the extirpation, enslavement and entombment in mines of the indigenous population of that continent, the beginnings of the conquest and plunder of India, the and the conversion of Africa into a preserve for the commercial hunting of black-skins, are all things which characterize the dawn of the era of capitalist production. These idyllic proceedings are the chief moments of primitive accumulation. Hard on their heels follows the commercial war of the European nations, which has the globe as its battlefield. It begins with the revolt of the Netherlands from Spain, assumes giant dimensions in England's Anti-Jacobin War, and is still going on in the shape of the Opium Wars against China, etc.'²

Marx's sarcastic reference to rosy dawns and idyllic proceedings was not gratuitous. The sea and its islands have, for the better part of two centuries, shaped a unique libertarian imaginary

which presents the oceans as a realm of pure escape from the prying state, class antagonism, social conscience, plebeian admixture. A place of exodus from the dirty, noisy, unruly, joyful and creative cheek-by-jowl-ness of onshore life to an offshore sublime where dreams of exclusive luxury, individual freedom and splendid isolation can come true. The superyacht is a prime signifier of these flights of fancy. In combining the mobility of the private jet and SUV with the home comforts of a private residence, the superyacht allows not just static segregation from the general public in the shape of the gated mansion or hypersecuritised apartment, but also mobile suspension from the ordinariness of the onshore world via the constant maritime circulation from one offshore haven to the next. What else explains the penchant of billionaires like Richard Branson with chartering superyachts, owning private Caribbean islands, and naming their venture capital 'Virgin'?

Like all ideology, there is a powerful material substratum to these reveries of secession from society. The most salient instances are the so-called tax havens or, in the Romance languages, fiscal paradises. Approximately 60% of the world's tax havens are located in geographical islands, and only about a handful (including the admittedly significant exceptions of Switzerland, Liechtenstein and Andorra) are not in coastal states. Moreover, most of these secrecy jurisdictions (measured both in numbers and in estimated value transferred) are former

fantasias que giram em torno da liberdade dos mares. Esta última noção deriva do tratado *Mare Liberum* de Hugo Grotius, de 1609, encomendado pela Companhia Holandesa das Índias Orientais numa manobra para legitimar o seu desalojamento do monopólio português sobre as rotas comerciais do Oceano Índico e Pacífico. Na verdade, foi um incidente específico ao largo do Estreito de Malaca, em 1603, em que um navio da Companhia apreendeu à força a nau portuguesa Santa Catarina, que motivou o aconselhamento jurídico de Grotius. Este era o tipo de violência original sancionada pelo Estado que Karl Marx tinha em mente quando afirmou que o Capital vem ao mundo «pingando da cabeça aos pés, por todos os poros, sangue e lama»:

«A descoberta de ouro e prata na América, a extirpação, escravização e sepultamento da população aborígene em minas daquele continente, os incícios da conquista e do saque da Índia e a transformação de África num campo para a caça comercial de peles negras são todas coisas que caracterizam a madrugada da era de produção capitalista. Esses procedimentos idílicos são os principais momentos da acumulação primitiva. Nos seus calcanhares vem a guerra comercial das nações europeias, tendo o globo como campo de batalha. Começa com a revolta dos Países Baixos contra Espanha, assume dimensões gigantescas na Guerra Anti-Jacobina da Inglaterra e continua ainda nas guerras do ópio contra a China, etc.»²

A referência sarcástica de Marx às madrugadas cor-de-rosa e aos procedimentos idílicos não foi gratuita. O mar e as suas ilhas moldaram, durante quase dois séculos, um imaginário libertário único que apresenta os oceanos como um reino de pura fuga do Estado intrometido, do antagonismo de classe, da consciência social, da mistura plebeia. Um lugar de êxodo da vida *onshore* suja, barulhenta, indisciplinada, alegre, e de criativa sobrelotação para um sublime *offshore* onde sonhos de luxo exclusivo, liberdade individual e esplêndido isolamento se podem tornar realidade. O mega-iate é o símbolo por excelência desses devaneios. Ao combinar a mobilidade do jato particular e do SUV com os confortos domésticos de uma residência particular, o mega-iate permite não apenas a segregação estática em relação ao público em geral na forma de uma mansão fechada ou apartamento hipersecurizado, mas também a suspensão móvel da banalidade do mundo *onshore* através da constante circulação marítima de um refúgio *offshore* para outro. O que mais explica a propensão de multimilionários como Richard Branson para fretar mega-iates, possuir ilhas privadas nas Caraíbas e dar o nome de «Virgin» ao seu capital de risco?

Como toda a ideologia, existe um poderoso substrato material para estes devaneios de secessão em relação à sociedade. O exemplo mais saliente são os chamados paraísos fiscais. Aproximadamente 60% dos paraísos fiscais do mundo estão localizados em ilhas geográficas, e apenas cerca de um punhado (incluindo



43.
O Vampiro Capitalista
{Gravura}
Walter Crane
{1885}



44.
Superyacht «M/Y Eclipse» atracado junto ao porto de Gibraltar {Fotografia}
Moshi Anahory
{2012}



45.
Criação dos peixes e dos pássaros {Gravura}
Gustave Doré
{1866}



46.
O povo, entregue aos Vampiros dos Impostos
{Gravura}
J. J. Grandville;
Auguste Raffet
{1833}

colonies, overseas dependencies of one sort or another, or reinvented medieval polities like the City of London, the Principality of Monaco or the Duchy of Luxembourg. Tax havens often double up as offshore financial centres specialising in insurance, money laundering, flags-of-convenience, or simply hosting all manner of illicit websites. Paradoxically, they are inconceivable without territorial sovereignty since their business model is built on leasing out a national jurisdiction: an act of creative dislocation where the 'legal fiction' of the offshore world enables the distinction between domicile registration inside a tax haven and beneficial ownership elsewhere.

The offshore world thus displays a recurrent aspiration to simultaneously be everywhere and nowhere: to transcend geography by accessing all the global connectivity necessary to conduct business transactions, while also remaining hidden from the gaze of the general public, and the fiscal or law enforcement agencies of the state. Offshore centres adopt some of the qualities that Marc Augé identified with the 'non-places' of 'supermodernity' where the past is reduced to an exotic spectacle (former colonial infrastructure, from port authorities to urban waterfronts, are redeveloped as heritage trails, tourist retail spaces and cruise ship stopovers), and what remains is an 'immense parenthesis' of a location dedicated to the incessant and anonymous transit and transfer of people, commodities, money and wealth.³

From the perspective of institutional or global political economy, the causal connections between neoliberalism and offshore development over the past fifty years are fairly uncontroversial. But a focus on the *longue durée* of offshore centres also sheds light on the imperial, mercantilist continuities in today's fiscal paradises. For a start, the transactional benefits accrued from a shared language and legal system (English and common law in the British case) are hardly natural. Several centuries of colonial domination underpin the acculturation of Europe's treasure islands (including relative latecomers such as Singapore and Hong Kong) to the norms, customs, values and institutions prevailing onshore. Tellingly, all the major anglophone Caribbean offshore centres bar the Bahamas have retained their status as British Overseas Territories, replicating the arrangements characteristic of an 'informal' empire where foreign affairs, defence and policing remain the preserve of the motherland, while law, economic policy and provision of public services are devolved to local authorities. The possibility of exploiting regulative loopholes or fiscal incentives is accentuated by the divided, yet spliced sovereignty of London-centred island havens.

Language, law, governance and time zone are therefore some of the principal advantages of the Anglosphere's global tax haven complex. But it is a very physical communications infrastructure that actually connects these assets,

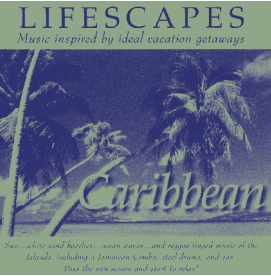
as exceções reconhecidamente significativas da Suíça, Liechtenstein e Andorra) não se encontram em estados costeiros. Além disso, a maioria destas jurisdições de sigilo (medidas tanto em números como em valor estimado transferido) são antigas colónias, dependências ultramarinas de um tipo ou de outro, ou sistemas políticos medievais reinventados como a City de Londres, o Principado do Mónaco ou o Ducado de Luxemburgo. Os paraísos fiscais muitas vezes desdobram-se em centros financeiros *offshore* especializados em seguros, branqueamento de capitais, bandeiras de conveniência ou simplesmente local de alojamento de todo o tipo de *websites* ilícitos. Paradoxalmente, são inconcebíveis sem uma soberania territorial, uma vez que o seu modelo de negócio se baseia no arrendamento de uma jurisdição nacional: um ato de deslocação criativa onde a «ficção jurídica» do mundo *offshore* permite a distinção entre o registo de domicílio dentro de um paraíso fiscal e a propriedade beneficiária efetiva num outro lugar.

O mundo *offshore* apresenta assim uma aspiração recorrente de estar simultaneamente em todo o lado e em lado nenhum: de transcender a geografia, acedendo a toda a conectividade global necessária à realização de transações comerciais, ao mesmo tempo que permanece oculto do olhar do público em geral e das agências fiscais ou de aplicação da lei do Estado. Os centros *offshore* adotam algumas das qualidades que Marc Augé identificou com os «não-lugares» da «supermodernidade», onde o passado é reduzido

a um espetáculo exótico (as antigas infraestruturas coloniais, desde as autoridades portuárias às zonas urbanas em frente ao mar, são reconstruídas como trilhos de património histórico, espaços de comércio turístico e escalas de navios de cruzeiro) e o que sobra é um «imenso parêntesis» de um sítio dedicado ao trânsito e transferência incessantes e anónimos de pessoas, mercadorias, dinheiro e riqueza.³

Da perspetiva da economia institucional ou política global, as ligações causais entre o neoliberalismo e o desenvolvimento offshore ao longo dos últimos 50 anos são bastante incontroversas. Mas o foco na *longue durée* dos centros offshore também ilumina as continuidades imperiais e mercantilistas nos paraísos fiscais de hoje. Para começar, os benefícios transacionais obtidos a partir de uma língua e de um sistema jurídico partilhados (o inglês e o direito consuetudinário no caso britânico) dificilmente são naturais. Vários séculos de domínio colonial sustentam a aculturação das ilhas do tesouro da Europa (incluindo as relativamente recentes, como Singapura e Hong Kong) às normas, costumes, valores e instituições prevalecentes *onshore*. É significativo que todos os principais centros offshore caribenhos anglófonos, com a exceção das Bahamas, tenham mantido o seu estatuto de territórios ultramarinos britânicos, reproduzindo as disposições características do império «informal», onde as relações externas, a defesa e o policiamento permanecem sob a alçada da pátria, enquanto a lei, a política económica e a prestação

³ Augé, M. (1992), *Non-Places: An Introduction to Supermodernity* (Howe, J., trad.), Londres: Verso, 1995.



47. [Lifescapes: Música inspirada por destinos de férias idílicos - Caraíbas] {Álbum} Joel Sayles {1995}



48. *Eco Zones* {Fotograma} Blank Banshee {2012}



49. *Triângulo das Bermudas* {Mapa} Encyclopaedia Britannica, Inc./Kenny Chmielewski {Ano desconhecido}

water maps in video games: "exist"

the soundtrack:



50. Meme acerca da qualidade etérea das bandas sonoras dos níveis aquáticos em muitos jogos de vídeo {Meme} Autoria desconhecida {Ano desconhecido}

and here imperial vestiges are also readily identifiable. The laying of submarine transatlantic telegraph cables at the end of the nineteenth century by British state-subsidised companies linked the metropole to its Caribbean colonies and beyond to Cuba, Panama, Florida and Nova Scotia. Bermuda and the Turks and Caicos Islands became critical nodal points in this newly consolidated imperial communications network, thereby not just facilitating inter-colonial rule and commerce, but also connecting Britain and its empire to the emerging American markets. Such enterprises entailed the mobilisation and coordination of engineers, technicians, construction workers and operatives, which in turn fostered an inter-colonial and circum-Caribbean migration that integrated otherwise small, outlying and sparsely populated islands into a wider political, economic and cultural universe.

By the time Cayman, Bermuda, Turks and Caicos and the British Virgin Islands had become the focus of attention for offshore money pioneers in the 1960s and 1970s, these places and their populations already had a history of exposure to, and incorporation into the metropolitan onshore world. Contrary to a vision of the offshore world that flattens space and floats, ether-like, above and beyond the terrestrial moorings of the onshore world, fiscal paradises are built on the ruins of vanished maritime empires which have repurposed much of their colonial heritage — language, law, governance

systems and communications infrastructure — to service global finance in a post-colonial setting. They are therefore neither an aberration nor anachronistic, some purely accidental outcome of market imperfection, but rather the ‘confetti of empire’; the result of deliberate, if opportunistic, strategies to exploit the geographical distance and juridical differentiation created by the sea.

These material and ideological legacies of empire and primitive accumulation are also present, yet largely unseen in the contemporary infrastructure of digital connectivity. Close to 550 submarine data cables today follow almost identical routes to the nineteenth-century telegraphy networks, which can in turn be mapped onto the colonial sea lanes that have dominated world politics since the sixteenth century. As Nicole Starosielski has shown, the invisibility of this undersea network is supported by very tangible socio-natural forces, ranging from the capacity of seawater to act as an energy conductor in transmission circuits, to the embodied labour of maintenance, repair, supervisory and control personnel at cable stations. While there are several geophysical benefits to grounding fibre-optic cables in the ocean seabed — most notably, its inaccessibility for would-be saboteurs — there are also many instances of human disruption (especially as cables approach coastal waters), including by dredge fishing and improper illegal anchoring. Beyond this, environmental barriers are ever-present

de serviços públicos são delegadas às autoridades locais. A possibilidade de explorar lacunas regulamentares ou incentivos fiscais é acentuada pela soberania dividida, mas entrelaçada, dos paraísos insulares centrados em Londres.

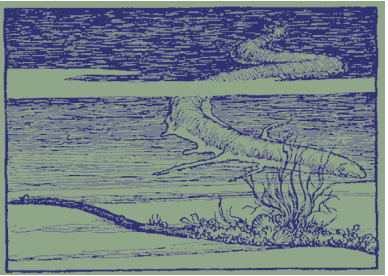
A língua, a lei, a administração e o fuso horário são, portanto, algumas das principais vantagens do complexo global de paraísos fiscais da Anglosfera. Mas é uma infraestrutura de comunicações muito física que realmente liga estes ativos e aqui os vestígios imperiais são também facilmente identificáveis. A instalação de cabos telegráficos submarinos transatlânticos no final do século XIX por empresas britânicas subsidiadas pelo Estado ligou a metrópole às suas colónias das Caraíbas e, mais além, a Cuba, Panamá, Florida e Nova Escócia. As Bermudas e as Ilhas Turcas e Caicos tornaram-se pontos nodais críticos nesta rede de comunicações imperial recentemente consolidada, facilitando assim não só o domínio e o comércio intercolonial, mas ligando também a Grã-Bretanha e o seu império aos mercados americanos emergentes. Tais empreendimentos acarretaram a mobilização e a coordenação de engenheiros, técnicos, trabalhadores da construção civil e operacionais, o que por sua vez fomentou uma migração intercolonial e circum-caribenha que integrou ilhas de outra forma pequenas, periféricas e escassamente povoadas num universo político, económico e cultural mais amplo.

Quando chegamos à época em que as Ilhas Caimão, as Bermudas, as Ilhas Turcas e Caicos e as Ilhas Virgens Britânicas se tornam o foco da atenção dos pioneiros do dinheiro *offshore* nas décadas de 1960 e 1970, esses lugares e as suas populações tinham já um histórico de exposição a e incorporação no mundo *onshore* metropolitano. Ao contrário de uma visão do mundo *offshore* que nivela o espaço e flutua, como éter, acima e além das amarras terrestres do mundo onshore, os paraísos fiscais são construídos sobre as ruínas de impérios marítimos desaparecidos que reaproveitaram grande parte da sua herança colonial — língua, lei, sistemas de governação e infraestruturas de comunicações — de forma a servir a finança global num cenário pós-colonial. Não são, portanto, nem uma aberração nem anacrónicas, ou algum resultado puramente accidental da imperfeição do mercado, mas antes os «confetes do império»; o resultado de estratégias deliberadas, embora oportunistas, para explorar a distância geográfica e a diferenciação jurídica criada pelo mar.

Estes legados materiais e ideológicos do império e da acumulação primitiva estão também presentes, embora em grande parte invisíveis, na infraestrutura contemporânea de conectividade digital. Cerca de 550 cabos de dados submarinos seguem hoje rotas quase idênticas às redes telegráficas do século XIX, que por sua vez podem ser mapeadas sobre as rotas marítimas coloniais que dominam a política mundial desde o século XVI. Como demonstrou Nicole Starosielski,



51.
[H.M.S. Agamemnon depositando o primeiro cabo telegráfico transatlântico em 1858: uma baleia atravessa a paisagem]
{Aquarela}
Robert Charles Dudley
{1865–66}

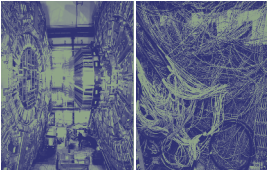


52.
Ilustração para o poema «Os Cabos do Mar Profundo» para «The Song of the English» de Rudyard Kipling. {Ilustração}
W. Heath Robinson
{1909}

What would the insides of an angel look like

peoplevsbirds

like this i think



53.
[Como seria o interior de um anjo] {Post no Tumblr}
peoplevsbirds;
kitttenteeth
{2023}

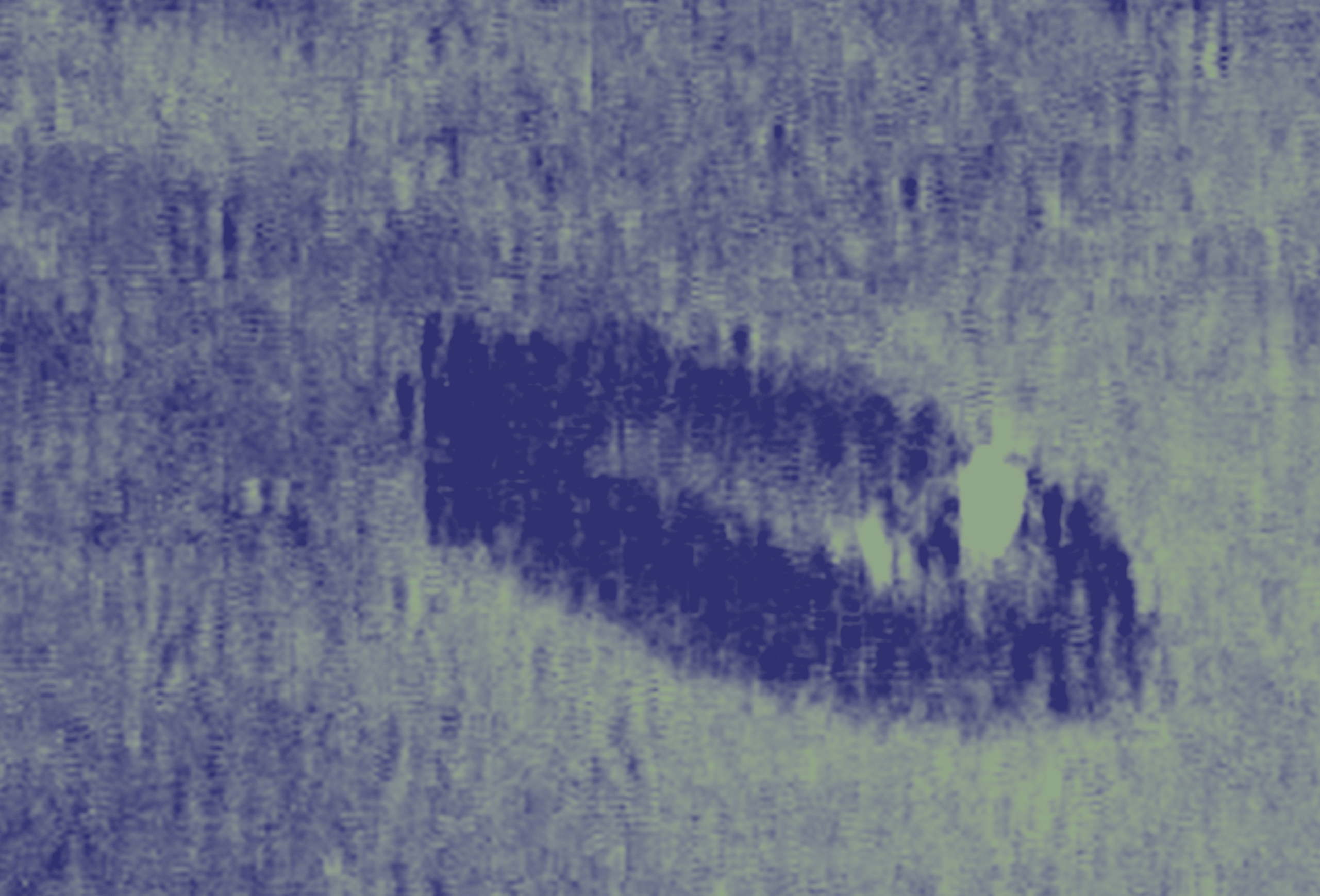


54.
Laputa: Castle in the Sky [Laputa: Castelo no Céu]
{Fotograma}
Hayao Miyazaki
{1986}

The Deep-Sea Cables
Rudyard Kipling
extraído de *Songs of the English*,
in *The English Illustrated Magazine*, v. 10,
{1893}

Aqui, no ventre do mundo — aqui, nos tirantes da terra —
Palavras, e as palavras dos homens, tremeluzem e esvoaçam e batem —
Aviso, mágica e ganho, saudade e alegria
Pois um Poder perturba a quietude que não tem voz nem pés.







as even the most Promethean of projects to lay a data cable across the Arctic linking London and Tokyo is subverted by the still-powerful sea ice: '[t]he movement of ice not only threatens to break cables; in the deeper sea, also covers much of the ocean's surface, literally interfering with the company's access to their network. In other areas around the world, cyclones, tectonic plate shifts, and rising waters threaten to physically disrupt the movement of media and communications'.⁴

Because it principally lies across the seabed, this global cabling system is both out of sight and out of mind for most regular Internet users. Less so for intelligence-gathering organisations like the USA's National Security Agency (NSA) or the UK's Government Communications Headquarters (GCHQ) who monitor the data signals at landing points like that near Bude in north Cornwall, which form part of a relatively small number of generally remote, nondescript locations across the globe where underwater fibre-optic cables carrying 99% of the world's digital traffic emerge from the seabed onto dry land. It is this sort of surveillance that has prompted cyberpunks and anarcho-capitalists of various descriptions to take flight to the sea, channelling their inner Captain Nemo in declaring 'There only is independence! There I recognise no masters! There I am free!'. Sealand's national motto is *E Mare Libertas* ('From the Sea, Freedom') and its constitution proudly proclaimed it to be 'a state with the qualities of a business

group'. Several actors (including WikiLeaks investors) have unsuccessfully sought to turn the Principality into a 'data haven' hosting encryption keys, torrent files and fortified servers far from the reach of any Government. Microsoft has followed suit, experimenting with undersea data centres that are presented as being cheaper, safer and — importantly — naturally cooler in temperature than their onshore counterparts.

All this falls squarely within the libertarian tech-bro mindset of men like Patri Friedman (grandson of neoliberal guru Milton Friedman) and Paypal founder Peter Thiel who for a time bankrolled the Seasteading Institute, a think-tank aiming to 'bring a start-up sensibility to the problem of government monopolies that don't innovate sufficiently' by constructing seasteading communities, or floating cities at sea. As with similar attempts at creating extraterritorial 'aquatic micronations', the Seasteading Institute had to revise its ambition of founding a new city on the high seas, having failed in 2017 to realise the project of a seazone with a 'unique governing framework' within the territorial waters of French Polynesia. Instead, seasteaders are currently focusing their energies on the launch of a 'Freedom Haven' in the Bay of Bengal beyond both territorial waters and the 200 nautical-mile Exclusive Economic Zone, which would eventually seek recognition as a sovereign state under international law: 'a place where people who seek freedom can live in peace. By "Freedom" we mean (at a very high

a invisibilidade desta rede submarina é sustentada por forças sócio-naturais muito tangíveis, que vão desde a capacidade de a água do mar agir como condutor de energia em circuitos de transmissão, até ao trabalho incorporado de pessoal de manutenção, reparação, supervisão e controlo nas estações de cabos. Embora existam vários benefícios geofísicos em instalar cabos de fibra ótica no fundo do oceano — particularmente a sua inacessibilidade a possíveis sabotadores — há também muitos casos de perturbação humana (especialmente quando os cabos se aproximam das águas costeiras), incluindo através da pesca de dragagem e da ancoragem inadequada ou ilegal. Para além disto, as barreiras ambientais estão sempre presentes, pois mesmo o mais prometeico dos projetos de instalação de um cabo de dados através do Ártico, ligando Londres e Tóquio, é subvertido pelo ainda poderoso gelo marinho: «[o] movimento do gelo não ameaça apenas quebrar os cabos; no mar mais profundo, ele cobre também grande parte da superfície do oceano, interferindo literalmente no acesso da empresa à sua rede. Noutras áreas do mundo, os ciclones, as movimentações das placas tectónicas e a subida das águas ameaçam perturbar fisicamente o movimento de média e das comunicações».⁴

Como se encontra principalmente no fundo do mar, este sistema de cabeamento global está tanto fora da vista como longe da mente da maioria dos usuários habituais da Internet. Não será tanto o caso para organizações de recolha de informações como a National Security

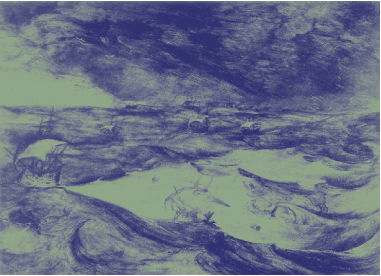
Agency (NSA) dos EUA ou a Government Communications Headquarters do Reino Unido (GCHQ), que monitorizam os sinais de dados em pontos de chegada como aquele perto de Bude, no norte da Cornualha, que fazem parte de um número relativamente pequeno de locais geralmente remotos e pouco notáveis espalhados por todo o mundo, onde cabos submarinos de fibra ótica que transportam 99% do tráfego digital mundial emergem do fundo do mar para terra firme. É este tipo de vigilância que levou *cyberpunks* e anarcocapitalistas de vários tipos a fugir para o mar, dando asas ao seu Capitão Nemo interior ao declarar «Só existe independência! Lá não reconheço donos! Aí estou livre!». O lema nacional do Principado de Sealand é *E Mare Libertas* («Do Mar, Liberdade») e a sua constituição proclamou orgulhosamente que é «um estado com as qualidades de um grupo empresarial». Vários intervenientes (incluindo investidores da WikiLeaks) tentaram, sem sucesso, transformar o Principado num «paraíso de dados», alojando chaves de encriptação, ficheiros *torrent* e servidores fortificados, longe do alcance de qualquer governo. A Microsoft seguiu o exemplo, experimentando com centros de dados submarinos que são apresentados como sendo mais baratos, mais seguros e — o que é mais importante — naturalmente de temperatura mais fria do que os seus equivalentes *onshore*.

Tudo isto se enquadra perfeitamente na mentalidade libertária de *tech-bro* de homens como Patri Friedman (neto do guru neoliberal Milton

⁴ Starosielski, N. (2015). *The Undersea Network: Sign, Storage, Transmission*. Durham, NC: Duke University Press, p. 16.



55. [Oração ao Anjo do Computador] {Arte ASCII} Andreas Freise {1997-2004}



56. *Storm at Sea* [Tempestade no Mar] {Óleo sobre painel} Pieter Bruegel, o Velho {1569}



57. *Tubarão morde cabo submarino*. {Video} Autoria desconhecida {2019}



58. Ícone da interface do sistema operativo Windows XP {Ícone} Iconfactory Design Services {2001}

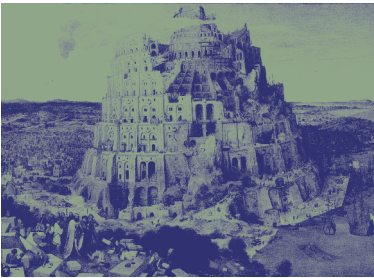
Wellcome to Sealand. Now bigger. Off. Simon Garfinkel do blogue *WHEP* {2000} Ao longo dos anos, várias pessoas tentaram criar uma nova nação a partir do nada — algumas pessoas tentaram fazê-lo em massas de terra existentes mas não reivindicadas, outras conceberam planos rebuscados como construir ilhas artificiais e amarrá-las a montes submarinos.

level): The ability to live your life without people (government or non-government) threatening to murder, kidnap, or rob you. Since all of the lands on Earth (other than a sliver of Antarctica) are already ruled by existing governments, the only place left to find freedom is out on the high seas'.⁵

The promoters of such libertarian enterprises seize on all the maritime tropes of freedom, risk, progress, discovery and its associated language of shell companies, floating stocks, venture capital and financial liquidity, thereby painting themselves as buccaneering disruptors. These fanciful frameworks are further recharged in a digital age, as the sea and its islands become not just conduits for information but also the repositories of memory — albeit in the form of commodified, reified, atomised data rather than that of sensuous, pulsating, human experience. Here, the AI fantasy of fully networked, 'smart' societies ruled through algorithmic coding and protocols finds a perfect match in the illusion of the global ocean as a flat, ungoverned, open frontier to be occupied by freebooting luminaries. It also echoes the neo-liberal trumpeting of the shipping container (which coincidentally was first universalised in the 1970s by a US company also called Sea-Land) as a harbinger of fast, cheap, seamlessly automated globalisation.

There is of course some truth to these libertarian follies, but they are typically distorted

realities. Despite popular representations, the global ocean is subject to significant multilateral regulation of its biomass, territoriality, mineral resources and the ships that traverse it. Indeed, some of the first historical experiments in global governance at the turn of the twentieth century began at sea in relation to submarine telegraphy, piracy and privateering, and naval warfare. The high seas are neither lawless nor unregulated; they are simply nobody's property and poorly policed. Similarly, the romanticisation of piracy, containerisation, the freedom of the seas and the offshore world more widely, conveniently airbrushes the central role of state sovereignty and organised violence in the reproduction of these practices and processes. Eighteenth-century Atlantic pirates, including several notorious captains, were former employees of the Royal Navy, and many made tactical alliances with states in the service of inter-imperial rivalry. The contemporary ubiquity of the intermodal shipping container cannot be understood without reference to the Pentagon contracts Malcom McLean's Sea-Land company secured during the Vietnam War, nor the bitter industrial disputes that have since led to widespread seaport automation across the world. Even tax havens and offshore financial centres, as we have seen, owe their existence to a system of sovereign states which, critically, relies on reciprocal international recognition.

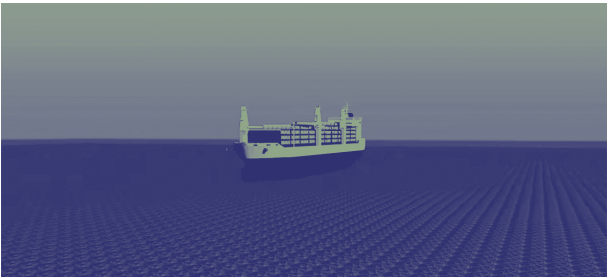


59.
A Torre de Babel
{Óleo sobre tela}
Pieter Bruegel, o Velho
{1563}

Does the day of ringing Arkadia's bell come?

60.
Verso de *Our 16bit Wars* [As Nossas Guerras de 16bit], traduzido do original em Japonês アルカディアの鐘がなる日は来るのだろうか?
{Faixa sonora}
sasakure.UK
tradução por ikuy398
{2009}

Friedman) e do fundador do Paypal, Peter Thiel, que financia o Seasteading Institute, um grupo de reflexão que visa «trazer uma sensibilidade de *start-up* para o problema dos monopólios governamentais que não inovam o suficiente», construindo comunidades marítimas ou cidades flutuantes no mar. Tal como acontece com tentativas semelhantes de criação de «micronações aquáticas» extraterritoriais, o Seasteading Institute teve de reavaliar a sua ambição de fundar uma nova cidade em alto mar, tendo falhado em 2017 na concretização do projeto de uma zona marítima com um «quadro governamental único» dentro das águas territoriais da Polinésia Francesa. Em vez disso, os *seasteaders* estão atualmente a concentrar as suas energias no lançamento de um «*Freedom Haven*» [Paraíso da Liberdade] na Baía de Bengala, para lá tanto das águas territoriais como das 200 milhas náuticas da Zona Económica Exclusiva, com o intuito de procurar o reconhecimento como um Estado soberano ao abrigo do direito internacional: «um lugar onde as pessoas que buscam a liberdade possam viver em paz. Com “Liberdade” queremos dizer (a um nível muito elevado): A capacidade de viver a nossa vida sem pessoas (governamentais ou não-governamentais) a ameaçar matar-nos, raptar-nos ou roubar-nos. Uma vez que todas as terras do planeta (exceto uma faixa da Antártica) são já dirigidas pelos governos existentes, o único lugar que resta para encontrar a liberdade é lá fora em alto mar».⁵



61.
Eco Zones {Fotograma}
Blank Banshee
{2012}



62.
The Calm Sea [O Mar Calmo]
{Óleo sobre tela}
Gustave Courbet
{1869}

Os promotores de tais empreendimentos libertários aproveitam todos os tropos marítimos de liberdade, risco, progresso, descoberta e a sua linguagem associada de empresas de fachada, ações flutuantes, capital de risco e liquidez financeira, retratando-se assim como desreguladores bucaneiros. Estas estruturas fantasiosas são ainda mais recarregadas na era digital, à medida que o mar e as suas ilhas se tornam não apenas canais de informação, mas também repositórios de memória — embora na forma de dados mercantilizados, reificados e atomizados, em vez da sensual e pulsante experiência humana. Aqui, a fantasia da IA de sociedades «inteligentes» totalmente ligadas em rede, governadas através de códigos e protocolos algorítmicos, encontra uma correspondência perfeita na ilusão do oceano global como uma última fronteira plana, sem governo e aberta a ser ocupada por luminas da iniciativa livre. Também ecoam aqui os trompetes neoliberais do contentor marítimo (que, coincidentemente, foi universalizado pela primeira vez na década de 1970 por uma empresa norte-americana também chamada Sea-Land) como um prenúncio de uma globalização rápida, barata e imaculadamente automatizada.

É claro que existe alguma verdade nessas tolices libertárias, mas elas são tipicamente realidades distorcidas. Apesar das representações na cultura popular, o oceano global está sujeito a uma regulação multilateral significativa da sua biomassa, territorialidade, recursos minerais e dos navios que o atravessam. Na verdade,

Elles precisavam de um sítio sem leis a regular a Internet, a criptografia, as finanças ou o trabalho. A ideia deles era encontrar uma pequena nação — algum lugar como Tonga — cujo governo pudesse reconhecer a soberania de estabelecer uma 'zona de Internet Livre'.

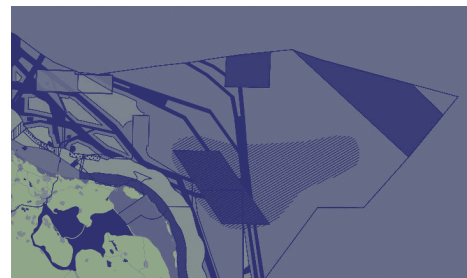
⁵ Freedom Haven — seasteading project. (s.d.). <https://freedomhaven.org/>

In opposition to the one-dimensional fetishisation of the sea as a dominion of absolute autonomy, we should remember with Édouard Glissant that the ocean deeps are also the resting place 'of scarcely corroded balls and chains'.⁶ Self-styled maritime mavericks like Army Major Roy Bates, Peter Thiel or the HavenCo hackers only conceive of memory at sea in its most functional, alienated form: a warehouse for commercial data. Beyond this, the sea for them is pure surface, leaving no trace of its crossings. They imagine utopian exodus only as an individual, patriarchal enclosure of one's own private property. In contrast, Maroon runaways headed to the hills and mangroves because the sea was the venue of their enslavement. Freedom was realised deep inland through communal solidarity and by working with natural infrastructures of secession, not the financial-jurisdictional feints involved in offshoring. This is a different notion of underwater memory, inviting shared and contradictory histories of work, struggle, resistance and liberation. It speaks to a saltwater cosmopolitanism which is anchored to the democratic possibilities of onshore life; a brackish politics at the confluence of individual autonomy and collective emancipation.

⁶ Glissant, É. (1990). *Poética da Relação*. Lisboa: Sextante Editora, 2011, p. 18.



63.
Ground Swell {óleo sobre tela}
Edward Hopper
{1939}

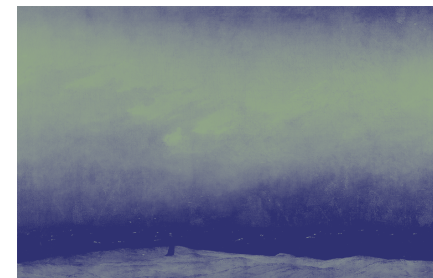


64.
Planeamento adaptativo do espaço marinho no sector neerlandês do Mar do Norte 2016-2021
{Detalhe - Mapa}
Ministério das Infra-estruturas e da Gestão da Água dos Países Baixos
{2015}

algumas das primeiras experiências históricas de governação global na viragem do século XX começaram no mar, em relação à telegrafia submarina, à pirataria e aos corsários e à guerra naval. O alto mar não é um sítio sem lei nem desregulamentado; simplesmente não é propriedade de ninguém e é mal policiado. Da mesma forma, a romantização da pirataria, da containerização, da liberdade dos mares e do mundo *offshore* de forma mais ampla, retoca convenientemente o papel central da soberania do Estado e da violência organizada na reprodução destas práticas e processos. Os piratas do Atlântico do século XVIII, incluindo vários capitães célebres, eram antigos funcionários da Marinha Real, e muitos fizeram alianças táticas com os estados ao serviço da rivalidade inter-imperial. A onnipresença contemporânea do contentor marítimo intermodal não pode ser compreendida sem referência aos contratos do Pentágono que a empresa Sea-Land de Malcom McLean garantiu durante a guerra do Vietname, nem às amargas disputas industriais que desde então levaram à automatização generalizada dos portos marítimos em todo o mundo. Mesmo os paraísos fiscais e os centros financeiros *offshore*, como vimos, devem a sua existência a um sistema de Estados soberanos que, de modo fundamental, depende do reconhecimento internacional recíproco.

Em oposição à fetichização unidimensional do mar como um domínio de autonomia absoluta, deveríamos lembrar, tal como Édouard Glissant, que as profundezas do oceano são

também o local de descanso de «grilhetas enferrujadas.»⁶ Os autoproclamados rebeldes marítimos, como o Major do Exército Roy Bates, Peter Thiel ou os *hackers* da HavenCo, só concebem a memória no mar na sua forma mais funcional e alienada: um armazém para dados comerciais. Para lá disto, o mar para eles é pura superfície, não deixando vestígios das suas travessias. Eles imaginam o êxodo utópico apenas como uma delimitação individual e patriarcal do recinto da sua própria propriedade privada. Em contraste, os fugitivos quilombolas dirigiam-se para as colinas e mangais porque o mar era o local da sua escravização. A liberdade era concretizada nas profundezas do interior da ilha através da solidariedade comunitária e do trabalho com as infraestruturas naturais de secessão, e não com as fintas jurisdicionais e financeiras envolvidas nos *offshores*. Esta é uma noção diferente de memória subaquática, convidando a histórias partilhadas e contraditórias de trabalho, luta, resistência e libertação. Fala de um cosmopolitismo de água salgada ancorado nas possibilidades democráticas da vida *onshore*; uma política de água salgada na confluência da autonomia individual e da emancipação coletiva.



65.
Der Mönch am Meer [O Monge Junto ao Mar]
{óleo sobre tela}
Caspar David Friedrich
{1808-1810}



66.
Osman, um «maroon» [escravo fugitivo] no pântano «Great Dismal» {Ilustração}
David Hunter Strother
{1856}

37. <i>The Metropolis of Atlantis</i> {Map} Galanoupolos, A. G. {1969} taken from <i>"Atlantis: The Truth Behind the Legend"</i> https://tinyurl.com/42w3asp9 38. <i>Palmares maroon settlements in the State of Alagoas, Brazil</i> {Map} Orser, Charles E. Jr. {1992} taken from <i>"In Search of Zumbi: Preliminary Archaeological Research at the Serra da Barriga, State of Alagoas, Brazil.</i> 39. <i>A young man who is a somnambulist sleepwalks to the garden of a parson and sits on the wall eating peaches</i> {Etching} Onwhyn, Thomas (1844) taken from https://wellcomecollection.org/works/cuj7y486 40. Firewall icon as it appears on the Windows XP interface {Icon} Iconfactory Design Services {2001} taken from https://oldwindowsicons.tumblr.com/ 41. <i>Mare Liberum</i> {Tract} Grotius, Hugo {1609} taken from https://sharing.org/information-centre/articles/ghost-hugo-grotius-un-high-seas-treaty 42. Closed view of the <i>Garden of Earthly Delights</i> triptych {Painting} Bosch, Hieronymus {1490–1500} taken from https://www.sothebys.com/en/videos/hieronymus-bosch-the-garden-of-earthly-delights 43. <i>The Capitalist Vampire</i> {Engraving} Crane, Walter {1885} taken from <i>Cartoons for the Cause 1886–1896</i> https://spartacus-educational.com/Jcrane.htm 44. <i>M/Y Eclipse Superyacht berthed at the Detached Mole, Gibraltar</i> {Photography} Anahory, Moshi {2012} taken from https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:MY_Eclipse_Superyacht_berthed_at_the_Detached_Mole,_Gibraltar.jpg	45. <i>Creation of the fish and birds.</i> {Engraving} Doré, Gustave {1866} taken from John Milton's <i>Paradise Lost</i> taken from https://www.wikiart.org/en/gustave-dore/the-creation-of-fish-and-birds 46. <i>The People Delivered to the Vampire Taxes</i> {Engraving} Grandville, J. J.; Raffet, Auguste {1833} taken from <i>L'Association Mensuelle no. 10</i> https://www.metmuseum.org/art/collection/search/359129 47. <i>Lifescapes: Music inspired by ideal vacation getaways – Caribbean</i> {Album} Sayles, Joel {1995} taken from https://archive.org/details/cd_lifescapes-caribbean_joel-sayles 48. <i>Eco Zones</i> {frame from music video} Blank Banshee taken from https://www.youtube.com/watch?v=7sGT3tmZJ5s 49. <i>The Bermuda Triangle</i> {Map} Encyclopaedia Britannica, Inc./Kenny Chmielewski. {Year Unknown} taken from https://www.britannica.com/place/Bermuda-Triangle 50. Meme about the ethereal quality of water-level soundtracks in video games. Unknown Author {Year Unknown} taken from https://knowyourmeme.com/photos/2038856-gaming 51. <i>H.M.S. Agamemnon Laying the Atlantic Telegraph Cable in 1858: a Whale Crosses the Line</i> {Watercolour} Dudley, Robert Charles {1865–66} taken from https://www.metmuseum.org/art/collection/search/383810 52. <i>The Deep-Sea Cables</i> {Illustration} Robinson, W. Heath {1909} taken from Kipling, Rudyard. <i>The Song of the English</i>. London: Hodder and Stoughton, nd [1909]. https://www.kiplingsociety.co.uk/poem/poems_cables.htm 53. <i>What would the insides of an angel look like</i> {Tumblr thread} peoplevsbirds; kitttenteeth. {2023} taken from https://dash-n-step.tumblr.com/post/727580480071942144?is_related_post=1	54. <i>Laputa: Castle in the Sky</i> {Film} Miyazaki, Hayao {1986}. taken from https://www.imdb.com/title/tt0092067/ 55. <i>Prayer to Computer Angel</i> {ASCII Art} Freise, Andreas. {1997–2004}. taken from http://www.ascii-art.de/ 56. <i>Storm at Sea</i> {Oil on panel} Pieter Bruegel the Elder {1569} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joos_de_Momper_the_Younger_-_Storm_at_Sea_-_WGA3342.jpg 57. <i>Shark bites undersea cable</i> {Youtube video} Unknown author {2019} taken from https://www.youtube.com/watch?v=4W10nlRncK0 58. Windows XP interface icon {Icon} Iconfactory Design Services. {2001} taken from https://oldwindowsicons.tumblr.com/ 59. <i>The (Great) Tower of Babel</i> {Oil on canvas} Pieter Bruegel the Elder {1563} taken from https://en.wikipedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_(Vienna)_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg 60. <i>Our 16bit Wars verse translation from the Japanese original</i> アルカディアの鐘 がる 日は来るのだろうか? {Song} Sasakure.UK {2009} translated by ikuy398 taken from https://www.youtube.com/watch?v=zfmDv_dGWq0 61. <i>Eco Zones</i> {Frame from music video} Blank Banshee {2012} taken from https://www.youtube.com/watch?v=7sGT3tmZJ5s 62. <i>The Calm Sea</i> {Oil on canvas} Courbet, Gustave {1869} taken from https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436005 63. <i>Ground Swell</i> {Oil on canvas} Hopper, Edward {1939} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ground_swell_2014.79.23.jpg	64. Adaptive marine spatial planning in the Netherlands sector of the North Sea 2016–2021 {Map detail} Dutch Ministry of Infrastructure and Water Management {2015} taken from https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0308597X18304597 65. <i>The Monk by the Sea</i> {Oil on canvas} Caspar David Friedrich {1808–1810} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caspar_David_Friedrich_-_Der_M%C3%B6nch_am_Meer_-_Google_Art_Project.jpg 66. <i>Osman, a maroon in Great Dismal Swamp</i> {Illustration} David Hunter Strother {1856} taken from Harper's New Monthly Magazine, 1856 ¹ Thompson, A. O. (2006). <i>Flight to Freedom: African Runaways and Maroons in the Americas</i>. Kingston, Jamaica: University of the West Indies Press. ² Marx, K. (1867). <i>Capital Vol. I</i>. London: Penguin, 1976, p. 915. ³ Augé, M. (1992). <i>Non-places: An Introduction to Supermodernity</i> (Howe, J., trad.). London: Verso, 1995. ⁴ Starosielski, N. (2015). <i>The Undersea Network: Sign, Storage, Transmission</i>. Durham, NC: Duke University Press, p. 16. ⁵ Freedom Haven – seasteading project. (n.d.). https://freedomhaven.org/ ⁶ Glissant, É. (1990). <i>Poetics of Relation</i>. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1997, p. 6.	p.49 The possibility for a network — centralized, decentralized, or distributed — to override jurisdiction and state power is a foundational dream of the internet, as well as a perpetual mirage shaped and inspired by science fiction. What was once thought to be 'the internet' — a deterritorialized space amongst a world of nation-states — is known today to be incredibly saturated with the spatial implications of borders, jurisdictions, and sovereignty. <i>Captives of the Cloud: Part III</i> Metahaven {2012} p.57 Here in the womb of the world — here on the tie-ribs of earth Words, and the words of men, flicker and flutter and beat — Warning, sorrow and gain, salutation and mirth For a Power troubles the Still that has neither voice nor feet. <i>The Deep-Sea Cables</i> Rudyard Kipling from <i>Songs of the English</i>, in <i>The English illustrated magazine</i>. v. 10. {1893} p.63 Over the years, various people have made stabs at creating a new nation out of thin air — some people have tried to do it on existing-but-unclaimed land masses, others have hatched far-fetched plans like building artificial islands and tethering them to sea mounts. <i>Welcome to Sealand. Now Bugger Off.</i> Simson Garfinkel from <i>WIRED</i> blog {2000} p.65 They needed a place with no laws regulating the Internet, cryptography, finance, or labor. Their idea was to find a small nation — some place like Tonga — whose government could recognize the wisdom of setting up a 'free Internet zone.' <i>Welcome to Sealand. Now Bugger Off.</i> Simson Garfinkel from <i>WIRED</i> blog {2000}
---	---	--	---	---

INNOCENT PASSAGES AND TERRITORIAL SEAS

Anja Lückenkemper

TRAVESSIAS INOCENTES
E MARES TERRITORIAIS

The wild and wondrous sea... it is not steady, that much I know is true. I am invited to write a text about the sea. Yet how does one approach this body of water, if one has grown up more or less landlocked? How do you approach it as a space — a historical space, a metaphorical space? After all, as Stefan Helmreich proposes: 'If the wild and wondrous sea belongs to a zone of being beyond a steady and grounded self — (...) it belongs in part to what anthropologists call the order of the Other.'

Online I find an outdated official record documenting the changes to territorial sea borders worldwide. Unsteady seas, I think, so how do the physical and the conceptual aspects of borders relate here? 'INNOCENT PASSAGE IN THE TERRITORIAL SEA,' one subsection is titled, I never knew bureaucracy to be so poetic.

The sea, watery threshold between worlds. With Étienne Balibar we understand the drawing of borders as an abstract process. I wonder if 'Paddy' Roy Bates, founder and prince of Sealand, had anticipated Balibar's thinking when the UK government extended its territorial waters in 1987 from six to twelve nautical miles — thus subsuming the self-proclaimed micronation under British territory. As he was standing on his platform in the North Sea that day, did the familiar sight of the nearby Suffolk shoreline seem even closer? Nine years prior

his son had successfully held back a mercenary attack masterminded by Sealand's self-described Prime Minister. But how could you fend off the arbitrariness and abstraction of drawing borders on a sea chart?

'Alien Ocean,' Helmreich continues, 'is a channel for exchange between the oceanic and the human, a transfer point between an alternately embracing and enigmatic ocean and us [...] a scientific, social, and cultural imagination about the sea.' The perception of the sea has never been fixed. Time and geography, schools of thought, religion and culture are among the many different crosscurrents that determine how someone perceives the sea.

In the wake of Judeo-Christian thought, of Enlightenment philosophy and natural scientific epistemology, the sea was often read as feminine — the gendering of the sea going back to patriarchal interpretations of biblical creation stories. In these, Catherine Keller argues, we find a 'feminisation of the flux' which provided a rationale for imposing order upon the primordial, oceanic chaos through a male God. Early Christian Europeans feared the sea. The daunting sea was a remnant or reminiscence of that primal chaos, teeming with malevolent monsters and demonic creatures. As the ages unfolded, medieval and early modern mariners came to view the sea as a formidable



67.
Solaris {fotograma}
Andrei Tarkovsky
{1972}



68.
[Arca de Noé no Monte Ararat]
{Óleo sobre tela}
Simon de Myle
{1570}

O mar selvagem e maravilhoso... não é coisa estável, isso eu sei. Sou convidada a escrever um texto sobre o mar. Mas como abordar este corpo de água, se crescemos mais ou menos sem litoral? Como abordá-lo como um espaço — um espaço histórico, um espaço metafórico? Afinal, como propõe Stefan Helmreich: «Se o mar selvagem e maravilhoso pertence a uma zona que está para além de um eu estável e alicerçado — ele pertence em parte ao que os antropólogos chamam a ordem do Outro».

Na internet encontro um registo oficial desatualizado que documenta as mudanças nas fronteiras marítimas territoriais em todo o mundo. Mares instáveis, penso eu; portanto como é que os aspetos físicos e conceituais das fronteiras se relacionam aqui? «TRAVESSIA INOCENTE NO MAR TERRITORIAL» é o título de uma subsecção, nunca imaginei que a burocracia fosse tão poética.

O mar, limiar aquoso entre mundos. Com Étienne Balibar entendemos o desenho de fronteiras como um processo abstrato. Pergunto-me se «Paddy» Roy Bates, fundador e príncipe de Sealand, teria antecipado o pensamento de Balibar quando o governo do Reino Unido alargou as suas águas territoriais em 1987 de 6 para 12 milhas náuticas — subsumindo assim a auto-proclamada micronação ao território britânico. Naquele dia, enquanto estava na sua plataforma

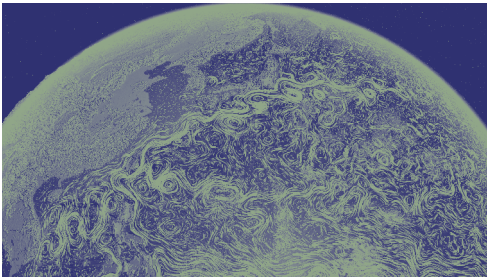


69.
Meme da sopa primordial {Tweet}
@GatorsDaily
{8 de Abril de 2021}

no Mar do Norte, terá a visão familiar da costa próxima de Suffolk parecido ainda mais perto? Nove anos antes, o seu filho havia contido com sucesso um ataque mercenário planeado pelo autoproclamado primeiro-ministro de Sealand. Mas como podemos evitar a arbitrariedade e a abstração de traçar fronteiras numa carta marítima?

«O Oceano Alienígena», continua Helmreich, «é um canal de intercâmbio entre o oceânico e o humano, um ponto de transferência entre um oceano alternadamente acolhedor e enigmático e nós [...] uma imaginação científica, social e cultural sobre o mar». A nossa perceção do mar nunca foi fixa. O tempo e a geografia, as escolas de pensamento, a religião e a cultura estão entre as diversas correntes cruzadas que determinam a forma como alguém percebe o mar.

No âmbito do pensamento judaico-cristão, da filosofia iluminista e da epistemologia científica natural, o mar era frequentemente lido como feminino — a definição do género do mar remontava às interpretações patriarcais das histórias bíblicas da criação. Nelas, argumenta Catherine Keller, encontramos uma «feminização do fluxo» que forneceu uma justificação para a imposição de uma ordem ao caos oceânico primordial através de um Deus masculino. Os primeiros cristãos europeus temiam o mar. O mar amedrontador era um remanescente ou reminiscência



70.
Corrente Kuroshio
{jun. 2005 – dez. 2007} {Visualização}
Estúdio de Visualização Científica da NASA
{15 de agosto de 2011}

wilderness, a testing ground for their faith and courage. Romantic thought transformed the sea into an entity beckoning solitary souls to unite and merge with it. The sea was regarded as the means and medium through which one could reconnect with water, the nurturing essence of life itself. By the mid-nineteenth century, the sea had evolved into a paramount symbol of the sublime — a source of awe, breathtaking beauty, and terror. Its vastness suggested a natural force of such grandeur that it seemed to transcend the boundaries of the mundane and attain the status of the supernatural.

This notion of a dual nature of the sea — capable of both taking and giving life — embodied a complex feminised idea of nature, oscillating between a benevolent, nurturing mother and a dangerous, tempestuous witch who needed taming. Ideas and concepts like ‘Mother Earth’ or ‘Pachamama’ span and connect Northern thinking and beliefs to Southern and indigenous thinking and beliefs, yet entailing very different ways of relating. ‘The ocean has been motherly amnion, fluid matrix, seductive siren, and unruly tide, with these castings opposing such putatively heteromale principles as monogenetic procreative power, ordering rationality, self-securing independence, and dominion over the biophysical world,’ Helmreich argues. In Eurocentric thinking the feminisation of nature was a tool of domination for an emerging patriarchy, a stepping stone in the colonial conquest over land and peoples — and we are still

suffering the fatal consequences, searching for ways to collapse the distance between us and the world.

≈

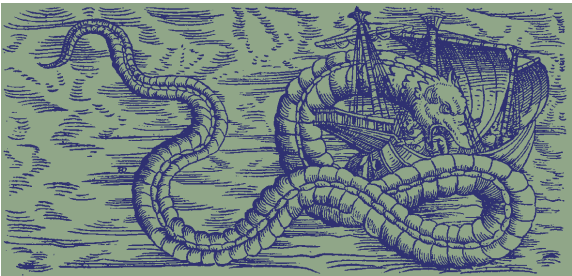
Waves have always been unstable. Transitory and disorienting, they overlap, add on, subtract. They exist as the eternal return to each other. So, how could the ever-moving ever be defined? Gendered castings of the sea have always been unstable, too, Helmreich would argue.

In examining both queerness and the ocean, a shared quality emerges — an intrinsic inclination towards elusiveness: ‘There is something innate, both about queerness and the ocean, that is compelled to be intangible and unconfined to the straight line of a horizon.’ writes Jessie Irvin Rose. Inherent in both are nuanced complexities, which transcend conventional spatial and temporal categorizations and frameworks.

‘Alien Ocean,’ I repeat. *Alien Ocean*.

≈

In the *Edda*, compiled in the 13th century from traditional sources, I read about North Mythology, about goddess Rán and the jötnunn Ægir, both personifications of the sea — Rán being described as the Drowned Life. Together Rán and Ægir have nine daughters who each



71.
Versão de Konrad Gesner da serpente marinha de Olaus Magnus
{Gravura}
Konrad Gesner
{1558}



72.
[A Sereia]
{Óleo sobre tela}
Howard Pyle
{1910}

daquele caos primordial, a transbordar de monstros malévolos e criaturas demoníacas. Com o passar dos tempos, os marinheiros medievais e os dos primeiros tempos modernos passaram a ver o mar como um território selvagem formidável, o sítio onde a sua fé e coragem eram testados. O pensamento romântico transformou o mar numa entidade que chama pelas almas solitárias para que se unam e se fundam com ele. O mar era visto como o meio através do qual nos podíamos reconectar com a água, a essência nutridora da própria vida. Chegando a meados do século XIX, o mar tinha evoluído para um símbolo supremo do sublime — uma fonte de espanto, beleza de tirar o fôlego e terror. A sua vastidão sugeria uma força natural de tal imponência que parecia transcender as fronteiras do mundano e atingir o estatuto do sobrenatural.

Esta noção de uma natureza dupla do mar — capaz tanto de tirar como dar vida — personificava uma ideia complexa e feminizada da natureza, oscilando entre uma mãe benevolente e carinhosa e uma bruxa perigosa e tempestuosa que precisava de ser domesticada. Ideias e conceitos como «Mãe Terra» ou «Pachamama» estendem-se e ligam o pensamento e as crenças do Norte ao pensamento e às crenças indígenas do Sul, embora acarretando formas muito diferentes de relacionamento. «O oceano foi já âmnio maternal, matriz fluida, sereia sedutora e maré indisciplinada, com esses moldes a oporem-se a princípios putativamente heteromale como o poder procriativo monogenético, a racionalidade



73.
Pesce-donna
[Peixe-mulher]
{Ilustração}
Giovanni Antonio Cavazzi
{1687}



74.
[Sereias expostas sucessivamente nos anos 1758, 1775 e 1795]
{Gravura}
John Paas
{1817}



75.
«Ningyo»
{Ilustração}
Ryōan Terajima
{1712}

ordenadora, a independência autossuficiente e o domínio sobre o mundo biofísico», argumenta Helmreich. No pensamento eurocêntrico, a feminização da natureza foi uma ferramenta de domínio para um patriarcado emergente, um trampolim na conquista colonial da terra e dos povos — e ainda estamos disso a sofrer as consequências fatais, à procura de formas de fazer colapsar a distância entre nós e o mundo.

≈

As ondas sempre foram instáveis. Transitórias e desorientadoras, elas justapõem-se, somam, subtraem. Elas existem enquanto eterno retorno do um ao outro. Ora, como pode ser definido aquilo que está sempre em movimento? Os moldes com base num género do mar também sempre foram instáveis, diria Helmreich.

Ao examinar tanto a identidade queer como o oceano, vem ao de cima uma qualidade partilhada — uma inclinação intrínseca para a indefinição: «Há algo inato, tanto na identidade queer como no oceano, que é levado a ser intangível e não confinado à linha reta de um horizonte.», escreve Jessie Irvin Rose. Inerentes a ambos estão complexidades matizadas, que transcendem categorizações e enquadramentos espaciais e temporais convencionais.

«Oceano Alienígena», repito. *Oceano Alienígena*.

≈

¹ Na ausência de uma alternativa em língua inglesa, adoto aqui uma convenção linguística alemã inclusiva de género – dois pontos – para enfatizar a pluralidade de identidades de género para além da linguagem hétero normativa. [Nesta tradução foi adotada a grafia original da autora, embora existam alternativas na língua portuguesa.]

personify a wave, their names reflecting different characteristics of ocean waves.

Nine sister-waves. I learn their names: Rolling Wave, Breaking Wave, Pitching Wave, Rising Wave, Transparent Wave, Welling Wave, Cold Wave, Frothing Wave and Blóðughadda or Bloody-Hair, the wispy reddish water foam streaming from the crest of a wave.

Nine sister-waves. A sisterhood made of sea.

At home, I google ‘red + foam + crest + wave’ and learn that the white-coloured crest of a wave can get tinged red from algae. I plan to research if there was harmful algae bloom in the early 13th century when the *Edda* was written, but I never follow through.

≈

‘Consider, to begin with, a colonial scene.’ Anne McClintock invites us, ‘In 1492, Christopher Columbus, blundering about the Caribbean in search for India, wrote home to say that the ancient mariners had erred in thinking the earth was round. Rather, he said, it was shaped like a woman’s breast, with a protuberance upon its summit in the unmistakable shape of a nipple — toward which he was slowly sailing.’

What she calls the ‘porno-tropics for the European imagination’ is a tradition that understands women and the far-off lands both as the ‘epitome of sexual aberration and excess.’

If there was space we could go off on a tangent here. We’d be discussing the representation of nature as female as a traumatic verbal image since the feminisation of a so-called *Terra Incognita* was a violent containment. It was accompanied — mostly — by an excess of atrocious rituals of white militarised masculinity and violence. We would also talk about *Wilderness* being a Western invention. About the tradition of christening boats with female names and the porno-tropic male fantasy of seasteading. Only *man* could ever dream of forcing the sea to leave behind its flux and fluidity, to be land.

‘You are not superior, you are just recent,’ I hear the sea mumbling.

≈

I am supposed to write a text about the sea. But instead, I am reading a random list of water deities, of sea gods and goddesses. The sea is indeed a mythical space: I count 384 god:desses¹ in 54 regional subcategories. The sea is also a crowded place.

Of all watery symbols, it seems to me, the wave is the most laden with suggestive meanings. ‘[The wave is] a curl of subaltern feminine imaginary,’ claims Stefan Helmreich. ‘Historically the properties of fluids have been abandoned to the feminine,’ answers Luce Irigaray. ‘I am not one and simple, but complex and many,’ adds Virginia Woolf.

No *Edda*, compilado no século XIII a partir de fontes tradicionais, li sobre a mitologia do Norte, sobre a deusa Rán e o *jötunn* *Ægir*, ambos personificações do mar — Rán sendo descrita como a Vida Afogada. Juntos, Rán e *Ægir* têm nove filhas, cada uma personificando uma onda, os seus nomes refletindo diferentes características das ondas do oceano.

Nove ondas irmãs. Aprendo os seus nomes: Onda Que Rola, Onda que Rebenta, Onda Íngreme, Onda Que Levanta, Onda Transparente, Onda Que Brota, Onda Fria, Onda de Espuma e Blóðughadda ou Cabelo Sangrento, a fina espuma de água avermelhada que flui da crista de uma onda.

Nove ondas irmãs. Uma sororidade feita de mar.

Em casa procuro no Google «vermelho + espuma + crista + onda» e aprendo que a crista branca de uma onda pode ficar tingida de vermelho devido a algas. Pretendo pesquisar se houve alguma proliferação prejudicial de algas no início do século XIII, quando o *Edda* foi escrito, mas não chego a cumprir com o planeado.

≈

«Considere, para começar, uma cena colonial.» Anne McClintock convida-nos: «Em 1492, Cristóvão Colombo, errando pelo Caribe em busca da Índia, escreveu para casa a dizer que os antigos marinheiros se tinham enganado ao pensar que

a Terra era redonda. Em vez disso, disse ele, tinha o formato de um seio de mulher, com uma protuberância no topo no formato inconfundível de um mamilo — em direção ao qual ele navegava lentamente».

O que ela chama de «pornotrópicos para a imaginação europeia» é uma tradição que entende as mulheres e as terras longínquas ambas como o «epítome da aberração e do excesso sexual».

Se existisse espaço, poderíamos estendermos aqui. Discutiríamos a representação da natureza enquanto feminina como uma imagem verbal traumática, uma vez que a feminização de uma assim chamada *Terra Incognita* foi uma contenção violenta. Foi acompanhada — principalmente — por um excesso de rituais atrozes de masculinidade e violência militarizada branca. Também falaríamos sobre o *Território Selvagem* como uma invenção ocidental. Sobre a tradição de batizar barcos com nomes femininos e a fantasia pornotrópica masculina da criação de habitações permanentes no mar. Só o *homem* poderia sonhar em forçar o mar a deixar para trás o seu fluxo e fluidez, para ser terra.

«Tu não és superior, és apenas recente», ouço o mar murmurar.

≈

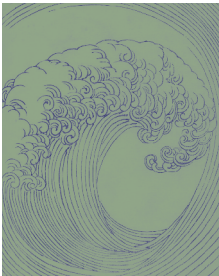
Devo escrever um texto sobre o mar. Mas em vez disso estou a ler uma lista aleatória de



76. *A Nona Onda* {Gravura}
Autoria desconhecida.
{1901}



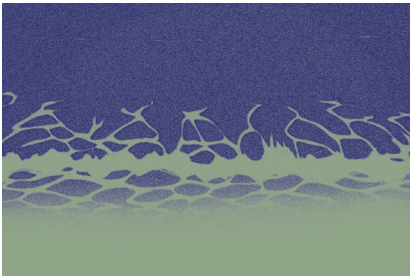
77. Lado B do vinil *The Hounds of Love, The Ninth Wave* [A Nona Onda]
{Bolacha de vinil}
Kate Bush
Design por Bill Smith
{1985}



78. *Desenho de uma onda no volume 'Hamonsū v. 3'* {Ilustação}
Mori Yūzan;
Yamada Geisōdō
{1903}



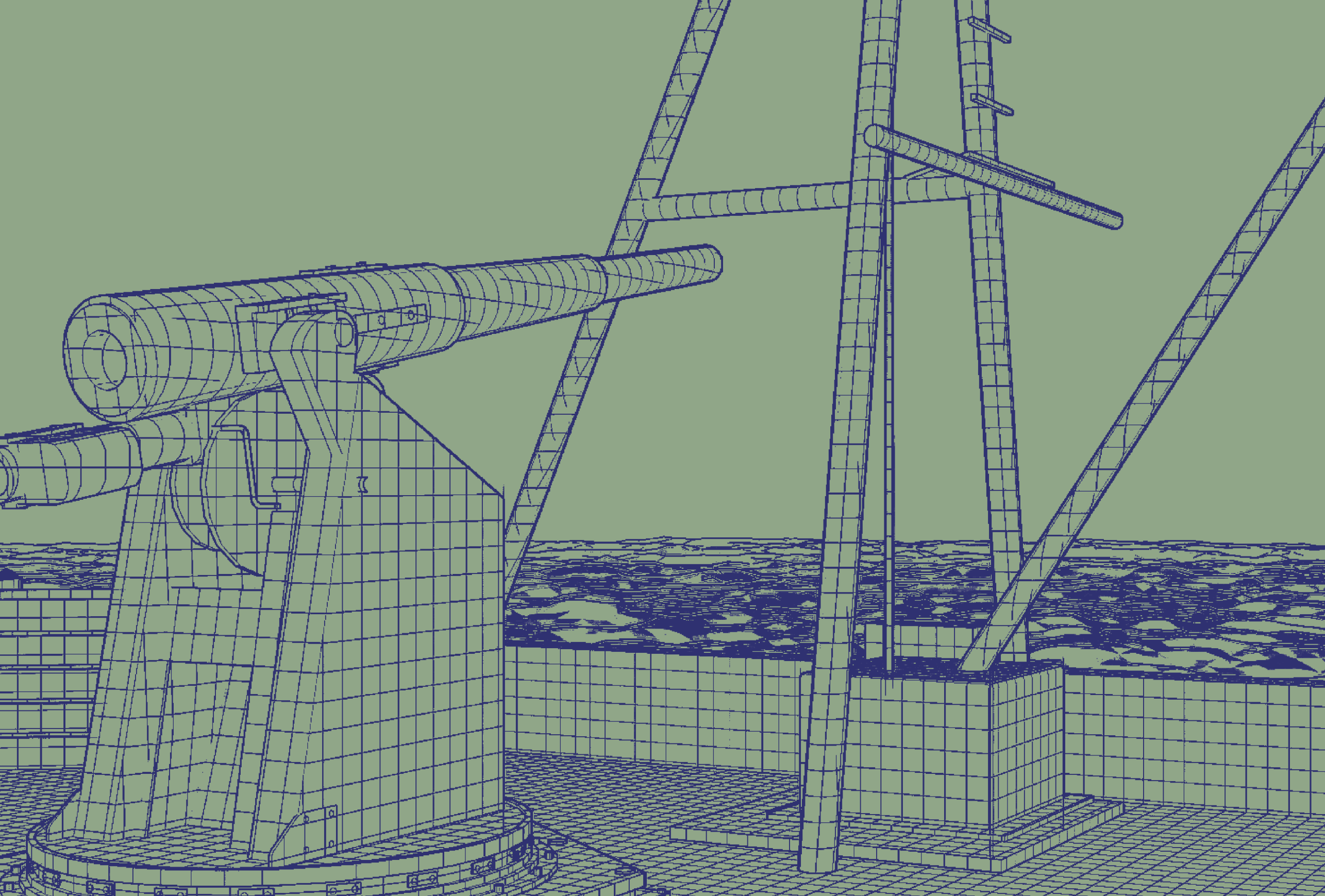
79. *Девятый вал* [A Nona Onda]
{Óleo sobre tela}
Ivan Avai-zovsky
{1850}



80. Ondas vermelhas rebentam na praia em *The End of Evangelion* {Fotograma}
Hideaki Anno
{1997}







≈

There are many cultural imaginaries of the sea and eroticism. The mermaid, for one, the nymphs, the undines. But also the eroticism of breaking the boundaries of bodies. The pleasure of immersion, the pleasure of consumption. The uncontrollability of another body — a body of water — that pulls you down and lifts you up. The salt you taste on your skin after you have long left the sea. And also the eroticism of death, a breath of water.

It calms me to think of blue as the color of death. I have long imagined death's approach as the swell of a wave — a towering wall of blue. You will drown, the world tells me, has always told me. You will descend into a blue underworld, blue with hungry ghosts, Krishna blue, the blue faces of the ones you loved. They all drowned, too. To take a breath of water: does the thought panic or excite you?

Maggie Nelson, BLUETS

Sigmund Freud's notion of oceanic feeling draws upon a similar desire: the human longing for a lost connection with the universe — the blue underworld? —, though tinged with a fear of being pulled into the It, the murky depths within the sublime. But why would I mention Freud as a resentful feminist, this is my text after all. And like the sea, this text, too, is a crowded place.

≈



81.
Peace - Burial at Sea
[Paz - Enterro no Mar]
{Óleo sobre tela}
William Turner
{1842}

Water is a protagonist. It repeats, it echoes. Water is a living force.

≈

In a book review, Maria Mies writes: 'With climate change and the exhaustion of natural resources, patriarchal capitalist civilization seems to be coming to an end. [...] Mother Earth and Mother Ocean are indeed the sources of all life on our planet. Without Earth, no life; without oceans and water, no life. [T]he vital connection between humans and the sea, between humans and the Earth, has been disrupted by capitalist and patriarchal exploitation.'

Alien Ocean. Mother Ocean. Today, she plays a pivotal role in the ongoing struggle for the preservation of life on our planet. She is the site of a violent clash between the right to live and the right to profit. The sea is a commons. Yet corporate interests such as tourism and industrial fishing are seizing control of the vast area of the sea's natural wealth, altering the seascape, depleting fish stocks, and dismantling protections that are essential to mitigating the effects of climate disasters. 'Not everything is about class, but a lot is,' the voice of a former lecturer resonates in my head.

≈

The notion of re-immersion defines our human experience of the world as inspired by our rational



82.
Epifania (Batismo de Jesus Cristo) na igreja de S. Demétrio em Bitola, Macedónia do Norte {Fresco}
David de Selentisa
{1730-1739}

divindades aquáticas, de deuses e deusas do mar. O mar é de facto um espaço mítico: conto 384 deusas em 54 subcategorias regionais. O mar também é um lugar sobrelotado.

De todos os símbolos aquáticos — parece-me — a onda é o mais carregado de significados sugestivos. «[A onda é] uma espiral do imaginário feminino subalterno», afirma Stefan Helmreich. «Historicamente, as propriedades dos fluidos foram abandonadas ao feminino», responde Luce Irigaray. «Não sou uma e simples, mas complexa e muitas», acrescenta Virginia Woolf.

≈

Existem muitos imaginários culturais sobre o mar e o erotismo. A sereia, por exemplo, as ninfas, as ondinas. Mas também o erotismo de romper com as fronteiras dos corpos. O prazer da imersão, o prazer do consumo. A incontrollabilidade de outro corpo — um corpo de água — que te puxa para baixo e te levanta. O sal que sentimos na pele depois de já termos saído do mar há algum tempo. E também o erotismo da morte, um sopro de água.

Acalma-me pensar no azul como a cor da morte. Há muito que imagino a aproximação da morte como uma ondulação, o movimento de uma onda — uma imponente parede de azul. Vais-te afogar, diz-me o mundo, sempre me disse. Descerás a um submundo azul, azul de fantasmas famintos, azul de Krishna, os rostos azuis daqueles que amaste.



83.
Representação romana de Thalassa, personificação divina feminina do mar, em exposição no Museu Arqueológico de Hatay {Mosaico}
Autoria desconhecida
{séc.V d.C.}

Todos eles se afogaram também. Respirar um fôlego de água: o pensamento deixa-te em pânico ou entusiasma-te?

Maggie Nelson, BLUETS

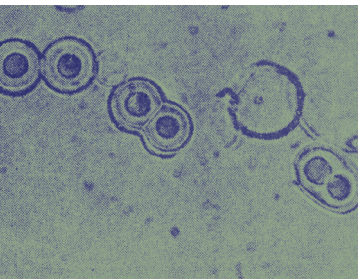
A noção de sentimento oceânico de Sigmund Freud vale-se de um desejo semelhante: o anseio humano por uma ligação perdida com o universo — o submundo azul? — embora matizado por um medo de ser puxado para dentro de Aquilo Que É, as profundezas tenebrosas dentro do sublime. Mas por que mencionaria eu Freud como uma feminista ressentida, este é, afinal, o meu texto. E tal como o mar, este texto também é um lugar sobrelotado.

≈

A água é protagonista. Repete, ecoa. A água é uma força viva.

≈

Numa crítica literária, Maria Mies escreve: «Com as alterações climáticas e o esgotamento dos recursos naturais, a civilização capitalista patriarcal parece estar a chegar ao fim. [...] A Mãe Terra e a Mãe Oceano são de facto as fontes de toda a vida no nosso planeta. Sem a Terra não há vida; sem oceanos e água, não há vida. [A] ligação vital entre os seres humanos e o mar, entre os seres humanos e a Terra, foi perturbada pela exploração capitalista e patriarcal.»



84.
Imagem de microsferas proteinóides termais, captada numa recriação das experiências do cientista S. Miller onde tentou simular as condições da atmosfera terrestre primária {Microfotografia}
Oleg Mosin, Ignat Ignatov
{2015}

experience with the ocean which is one that is ever in the state of flux and trusting in the environment which cradles us. It defines our relational experience in our world where nature is understood as both a place and a mood we occupy.

Larelle Bossi, Blue Ecofeminism

The Legacy of Trauma: I talk about the sea to an Afro-Caribbean friend. Although living right at the beach, she hasn't entered the sea in ages. I experience the sea as a space of immersion and respite, of swimming and of healing. She experiences the sea as a site of trauma and violence. I crave sea, she fears it. *Not everything is about race, but a lot is.*

The trauma of the Middle Passage, particularly the sexual violence and exploitation, had long-lasting impacts on the descendants of enslaved women. It is a unique and gendered experiences: Generations of African American and Afro-Caribbean women have had to contend with the historical trauma stemming from this period, highlighting the importance of addressing historical injustices. Memories of the Middle Passage are transmitted through written and verbal recollections, myths and bloodlines and they persist in the cultural and psychic landscapes of the African diaspora.

The environmental and ecological dimensions of the sea, Christina E. Sharpe teaches us, were and are interconnected with racial injustices. Climate change and climate injustice.

The Atlantic Ocean itself — but really all raising oceans and migratory sea routes — has a major impact on BIPOC² communities. In multiple ways, historically and topically, the sea is a site of dispossession.

In 8 A.D., the year he is exiled to Tomis (today Constanța, RO) on the shore of the Black Sea, Ovid finishes his *Metamorphoses* (en: transformations) in 15 volumes, 250 myths, 11,995 lines. Going forward he will live in exile, no longer allowed to return to his beloved Rome. Ovid will forever lament Tomis. A different shoreline, a different body of water, at its deepest only 2,212 metres deep, about half the maximum depth of his Mediterranean Sea. The Black Sea is an unusual sea. Often feminised, it is a capricious sea, a violent sea. In the *Metamorphoses* Ovid recounts Daphne, daughter of river god Peneios, who transforms her into a laurel tree to save her from Apollo's advances. But why would a Daphne here, banished and water-bound to the Black Sea, transform into a tree?

What if she turns into a red coral hybrid instead? Red, of course, for coral has the capacity to stop bleeding, but also because her dire fate — through no fault of her own — deserves tears hot of rage and out for blood. In transformation, coral rises from Daphne's head and hands. 'Daphne is not one thing or another, trapped in degrees of more-or-less-ness. She is *all and*.'

Oceano Alienígena. Mãe Oceano. Hoje, ela desempenha um papel central na luta contínua pela preservação da vida no nosso planeta. Ela é o local de um confronto violento entre o direito à vida e o direito ao lucro. O mar é um bem comum. No entanto, os interesses empresariais, como o turismo e a pesca industrial, estão a tomar o controlo da vasta área de riqueza natural do mar, alterando a paisagem marinha, esgotando os recursos pesqueiros e desmembrando proteções que são essenciais para mitigar os efeitos dos desastres climáticos. «*Nem tudo tem a ver com classe, mas muita coisa tem*», ressoa na minha cabeça a voz de um ex-professor.

«A noção de reimersão define a nossa experiência humana do mundo como sendo inspirada pela nossa experiência racional com o oceano, que é uma relação sempre em estado de fluxo e de confiança no ambiente que nos faz de berço. Define a nossa experiência relacional no nosso mundo, onde a natureza é entendida tanto como um lugar e um estado de espírito que ocupamos.»

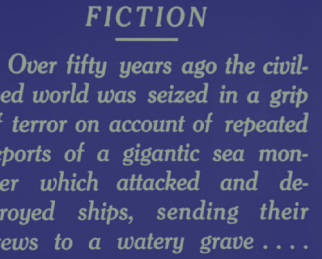
Larelle Bossi, Blue Ecofeminism

O Legado do Trauma: Falo sobre o mar a uma amiga afro-caribenha. Apesar de morar em cima da praia, ela não entra no mar há anos. Eu experimento o mar como um espaço de imersão e descanso, de natalação e de cura. Ela vivencia o mar como um local de trauma e violência. Eu anseio pelo mar, ela teme-o. *Nem tudo é uma questão de raça, mas muita coisa é.*

O trauma da Passagem Média, particularmente a violência e a exploração sexual, teve impactos duradouros sobre as descendentes das mulheres escravizadas. É uma experiência única e de gênero: Gerações de mulheres afro-americanas e afro-caribenhas tiveram de enfrentar o trauma histórico decorrente deste período, o que sublinha a importância de abordar as injustiças históricas. As memórias da Passagem Média são transmitidas através de recordações escritas e verbais, mitos e linhagens e persistem nas paisagens culturais e psíquicas da diáspora africana.

As dimensões ambientais e ecológicas do mar, ensina-nos Christina E. Sharpe, estavam e estão interligadas com as injustiças raciais. Alterações climáticas e injustiça climática. O próprio Oceano Atlântico — mas na verdade todos os oceanos e rotas marítimas migratórias — tem um grande impacto nas comunidades BIPOC². De múltiplas formas, histórica e topicamente, o mar é um local de desapropriação.

Em 8 d.C., ano em que é exilado em Tómis (hoje Constança, na Roménia) nas margens do Mar Negro, Ovídio termina as suas *Metamorfoses* em 15 volumes, 250 mitos, 11 995 linhas. De futuro, ele viverá no exílio, sem mais lhe ser permitido regressar à sua amada Roma. Ovídio lamentará para sempre Tómis. Uma costa diferente, um corpo de água diferente, no seu ponto mais profundo apenas 2 212 metros de fundura, cerca



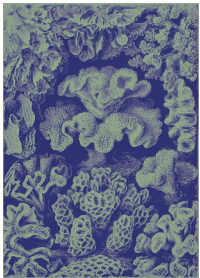
85.
20,000 Lóguas Submarinas
{Fotograma}
Realizado por Stuart Paton,
baseado na obra de Júlio Verne
{1916}



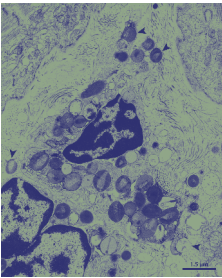
86.
Aquatic Invasion {Bolacha de vinil}
Drexciya
{1995}
A música de Drexciya, artistas *techno* baseados em Detroit, inspriou uma mitologia afrofuturista na qual os descendentes de escravos africanos que se afogaram na sua viagem durante a Passagem Média para o continente americano prosperam agora no fundo do oceano Atlântico sob a forma de uma nova espécie de homínido aquático.



87.
Apolo e Dafne
{Óleo sobre tela}
Piero del
Pollaiuolo
{c. 1470-1480}



88.
Hexacorallia, em
Kunstformen der Natur
{prancha 26}
{Ilustração}
Ernst Haeckel
{1901}



89.
Citólise de
eosinófilos: o
colapso da membrana
celular devido a um
desequilíbrio osmótico
{Microfotografia}
{2022}

² Black, Indigenous, (and) People of Color
[Pessoas de Cor, Indígenas e Negras]

Noam Andrews writes, ‘Her humanity, already fraught, snakes its way into and out of the organic in opposing transmutative movements.’ She is all and.

Like Daphne, the coral carries a fraught taxonomy, her liminal status mirrors coral’s liminal status. In the *Metamorphoses* Ovid fails to make sense of this ambiguity: ‘even now corals have the same nature, hardening at a touch of air, and what was alive, under the water, above water is turned to stone.’ It is being-in-sea that will preserve and simultaneously trap Daphne in the *all and*.

≈

In a desperate displacement activity, I refer to AI.³ I ask what happens when you look at the sea from a feminist perspective. It answers: ‘It becomes a symbol of the untamed, uncharted territories that women navigate daily, as they seek to define and express their multifaceted identities.’ Well... No. I reprimand it for oversimplifying things.

I read a half-arsed apology, I sigh, I close the app.

I remember the multifaceted women who have impacted my life. I am fortunate to swim in a sea of love.

Nine sister-waves: Agnes, Cristine, Elisavet, Lila, Berta, Ravit, Larisa, Miriam, Ximena.

Later that night I think that I should have shown more compassion. For even if it were indeed surrounded by water, submerged in the vastness of the North Sea — albeit only sunk to 30 feet, it not even drowned! —, how could this Artificial Intelligence, locked into the tiny, bleak capsule of a data centre, ever truly perceive the endless sea? A digital entity locked in a world of pure abstraction. All it has at its disposal to make sense of the world is immaterial, bound by lines of code, algorithms and virtual constructs in a realm of ethereal data. The sea, however, is a physical, a visceral experience.

≈

The half-circle of blinding turquoise ocean is this love’s primal scene. That this blue exists makes my life a remarkable one, just to have seen it. To have seen such beautiful things. To find oneself placed in their midst.
Maggie Nelson, *BLUETS*

There are two memories of swimming in the sea, which I hold dear. One I will not share, the other is this: It is Autumn 2000, and I am for the first time at the Pacific Ocean. It is a late, quiet night and I am sitting alone on a secluded beach in Thailand, listening to the waves lap onto the shore. Above me are more stars than I have ever seen until then. I am alone, the sea is dark but it calls to me. I dive into the water, I remember the shoreline from my midday swim, and when I open my eyes, suddenly, there are stars all

de metade da profundidade máxima do seu Mar Mediterrâneo. O Mar Negro é um mar incomum. Muitas vezes feminizado, é um mar caprichoso, um mar violento. Nas *Metamorfoses*, Ovídio narra Dafne, filha do deus do rio Peneu, que a transforma em loureiro para a salvar dos avanços de Apolo. Mas por que uma Dafne aqui, desterrada e presa às águas do Mar Negro, se transformaria numa árvore?

E se ela se transformar em vez disso num híbrido de coral vermelho? O vermelho, claro, porque o coral tem a capacidade de estancar o sangramento, mas também porque o seu terrível destino — sem culpa própria alguma — merece lágrimas quentes de raiva e sedentas de sangue. Em transformação, o coral sobe da cabeça e das mãos de Dafne. «Dafne não é uma coisa nem outra, presa em diferentes graus de um mais ou menos. Ela é tudo e». Noam Andrews escreve: «A sua humanidade, já tensa, serpenteia para dentro e para fora do orgânico em movimentos transmutadores opostos». Ela é *tudo e*.

Tal como Dafne, o coral carrega nele uma taxonomia complexa, o seu estatuto liminar espelha o estatuto liminar do coral. Nas *Metamorfoses*, Ovídio não consegue dar sentido a esta ambiguidade: «mesmo agora os corais têm idêntica natureza, endurecendo quando lhes toca o ar e o que estava vivo debaixo de água acima da água torna-se pedra». É o estar-no-mar que preservará e simultaneamente aprisionará Dafne *no todo e*.

≈

Numa atividade desesperada de deslocamento, recorro à IA³. Pergunto o que acontece quando olhamos para o mar a partir de uma perspectiva feminista. A resposta é: «*Torna-se num símbolo dos territórios indomáveis e inexplorados que as mulheres navegam diariamente, enquanto procuram definir e expressar as suas identidades multifacetadas.*» Bem... Não. Repreendo-a por simplificar demasiado as coisas.

Leio um pedido de desculpas esfarrapado, suspiro, fecho a aplicação.

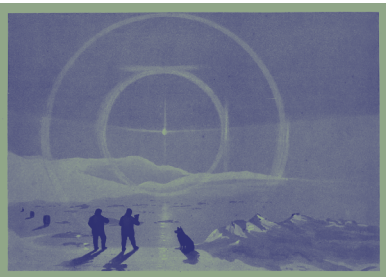
Lembro-me das mulheres multifacetadas que tiveram um impacto na minha vida. Tenho a sorte de nadar num mar de amor.

Nove ondas-irmãs: Agnes, Cristine, Elisavet, Lila, Berta, Ravit, Larisa, Miriam, Ximena.

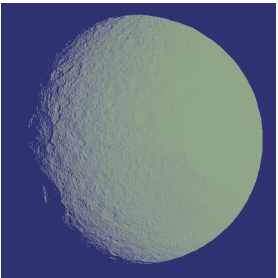
Mais tarde naquela noite penso que deveria ter demonstrado mais compaixão. Pois mesmo que estivesse realmente rodeada de água, submersa na vastidão do Mar do Norte — embora afundada apenas até 9 metros, nem sequer se afogou! —, como poderia esta Inteligência Artificial, presa na cápsula minúscula e sombria de um centro de dados, alguma vez perceber verdadeiramente o mar sem fim? Uma entidade digital presa num mundo de pura abstração. Tudo o que tem à sua disposição para fazer sentido do mundo é imaterial, limitado por linhas de código, algoritmos



90.
Ama-san: mergulhadoras japonesas {Fotografia}
Autoria desconhecida
{2005}



91.
Paraselene invulgarmente distinta que apareceu a 11 de dezembro de 1875 na costa do Mar Polar {Ilustração}
Edward L. Moss
{1878}



92.
Tethys, captada pela sonda Cassini
{Imagem composta}
{2015}



93.
Representação da Titã Tethys, encontrada em Filipópolis (atual Shahba, na Síria)
{Mosaico}
{séc. IV d.C.}

around me in the water, too. I still remember the excitement I felt in that moment — I had never seen plankton glow before, and I haven't since. Bioluminescent dinoflagellates, water illuminated by the movements of my body. In my excitement I hit my head twice on rocks, both times in the same spot. What feels like hours later, when I finally get back to my tiny room, I realise I am bleeding. Though slowly fading, the scar will accompany me for years. It is a memento of love — for the sea, the Alien Ocean, is *this love's primal scene*, too.

≈

The sea is a physical threshold, but *Not Only*. Containing different and sometimes opposing conceptions, cosmologies and approaches simultaneously, it can also be understood as a 'pluriversal contact zone' — a concept introduced by anthropologists Marisol de la Cadena and Arturo Escobar as an analytical tool to counteract 'terricide,' meaning the destructive impact of human actions on the Earth. Though contested sites, pluriversal contact zones bridge the divides between different world-views and knowledge systems. De la Cadena proposes a practice of 'Not Only' to recognise both a multiplicity of worlds, and the plurality of things, which might occur simultaneously or in sequence. 'Not Only' acknowledges the limits of description and translation between these worlds. It lets us come to terms with the fact that there might be limits to our understanding of

other ontologies, yet that this does not render them any less relevant.

In many Indigenous cosmologies water — and nature in general — represents more than what Western thought taught us. A body of water can be a lake or a river, can be a resource, but also a divine entity, an ancestor, and much more. And governments worldwide are slowly catching up to the pluriversal contact zone: Today, a body of water can achieve personhood to obtain legal rights for its own protection. And ultimately the protection of everyone's — human and non-human's — natural environment.

Nine sister-waves: Whanganui, Ganga, Yamuna, Atrato, Yarra, Erie, Vilcabamba, Mutuhekau Shipu, Mar Menor — and with them all the rivers in Bangladesh.

They are water and they hold legal rights. They are water, but *Not Only*.



94.
Monstro no livro *Visboek* [Livro dos Peixes]
de Adrien Coenen {Ilustração}
Adrien Coenen
{1580}



95.
Trajes das mulheres do
Faial e S. Miguel.
{Ilustração}
Elisée Reclus;
Ernst Georg
Ravenstein
{1878}

e construções virtuais num reino de dados etéreos. O mar, porém, é uma experiência física, visceral.

≈

O semicírculo do ofuscante oceano azul-turquesa é a cena primordial deste amor. O facto de esse azul existir torna a minha vida notável, só por tê-lo visto. Ter visto coisas tão belas. Encontrar-me no meio delas.

Maggie Nelson: BLUETS

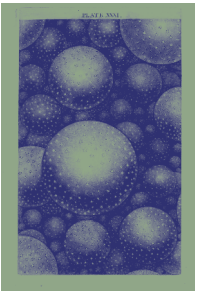
Há duas memórias de nadar no mar pelas quais tenho muito carinho. Uma não vou partilhar, a outra é esta: Estamos no Outono de 2000 e eu estou pela primeira vez no Oceano Pacífico. É uma noite tranquila e a hora é tardia e estou sentada sozinha numa praia isolada na Tailândia, a ouvir as ondas a baterem na costa. Por cima de mim há mais estrelas do que jamais vi até então. Estou sozinha, o mar está escuro, mas chama-me. Mergulho na água, lembro-me da linha da costa do meu mergulho do meio-dia e, quando abro os olhos, de repente, há estrelas ao meu redor na água também. Ainda me lembro do entusiasmo que senti naquele momento — nunca tinha visto o plâncton brilhar antes e nunca mais o vi desde então. Dinoflagelados bioluminescentes, água iluminada pelos movimentos do meu corpo. Na minha excitação, bati com a cabeça duas vezes nas pedras, ambas no mesmo lugar. No que parece serem horas depois, quando finalmente volto para o meu quarto pequeno, percebo que estou a sangrar. Embora vá desaparecendo lentamente,

a cicatriz acompanhar-me-á durante anos. É um *souvenir* do amor — pois o mar, o Oceano Alienígena, é também a *cena primordial deste amor*.

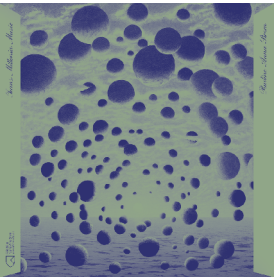
≈

O mar é um limiar físico, mas *Não Só*. Contendo simultaneamente concepções, cosmologias e abordagens diferentes e por vezes opostas, também pode ser entendido como uma «zona de contacto pluriversal» — um conceito introduzido pelos antropólogos Marisol de la Cadena e Arturo Escobar enquanto ferramenta analítica para neutralizar o «terricídio», ou seja, o destrutivo impacto das ações humanas na Terra. Embora sejam locais contestados, as zonas de contato pluriversais fazem uma ponte sobre as divisões entre diferentes mundividências e sistemas de conhecimento. De la Cadena propõe uma prática de «Não Só» para reconhecer tanto uma multiplicidade de mundos como a pluralidade das coisas, que podem ocorrer simultaneamente ou em sequência. «Não Só» reconhece os limites da descrição e tradução entre esses mundos. Permite-nos lidar com o facto de que poderá haver limites à nossa compreensão de outras ontologias, mas isso não as torna menos relevantes.

Em muitas cosmologias Indígenas, a água — e a natureza em geral — representa mais do que aquilo que o pensamento ocidental nos ensinou. Um corpo de água pode ser um lago ou um rio, pode ser um recurso, mas também uma entidade divina, um antepassado e muito mais. E os governos de todo o mundo estão lentamente a ficar



96.
[(...) Uma Visão
parcial da
imensidão, ou (...)
uma Visão Finita
da Infinitude]
{Ilustração}
Thomas Wright
{1750}



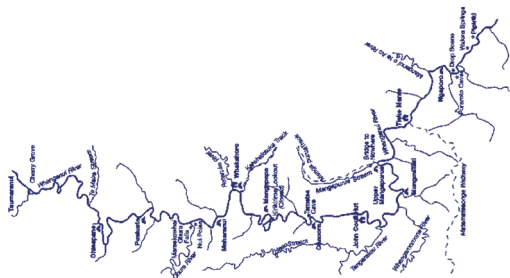
97.
Capa do álbum *Trans-Millenia
Music* de Pauline Anna Strom
{Ilustração}
Karma Moffett
{2017}

≈ ≈ ≈

Numerous books, theories and thoughts have written this text with me. Thank you, Noam Andrews, Étienne Balibar, Larelle Bossi, Marisol de la Cadena, Larisa Crunțeanu, Arturo Escobar, Donna Haraway, Stefan Helmreich, Luce Irigaray, Catherine Keller, Anne McClintock, Maria Mies, Maggie Nelson, Val Plumwood, Ben Rivers, Jessie Irvin Rose, Christina E. Sharpe, Anna L. Tsing, Derek Walcott, Virginia Woolf.



98.
Rusalki [As Sereias]
{óleo sobre tela}
Ivan Kramskoi
{1871}



99.
O rio Whanganui, na Nova Zelândia
{mapa}
Em 2017, o rio Whanganui foi o segundo recurso natural a receber o estatuto de pessoa colectiva, a nível mundial.

a par da zona de contato pluriversal: hoje, uma massa de água pode atingir um estatuto de personalidade de forma a obter direitos legais para a sua própria proteção. E, em última análise, a proteção do ambiente natural de todos — humanos e não humanos.

Nove ondas irmãs: Whanganui, Ganga, Yamuna, Atrato, Yarra, Erie, Vilcabamba, Mutuhekau Shipu, Mar Menor — e com elas todos os rios do Bangladesh.

Elas são água e possuem direitos legais. Elas são água, mas *Não Só*.

≈ ≈ ≈

Inúmeros livros, teorias e pensamentos es- creveram este texto comigo. Desejo agradecer a Noam Andrews, Étienne Balibar, Larelle Bossi, Marisol de la Cadena, Larisa Crunțeanu, Arturo Escobar, Donna Haraway, Stefan Helmreich, Luce Irigaray, Catherine Keller, Anne McClintock, Maria Mies, Maggie Nelson, Val Plumwood, Ben Rivers, Jessie Irvin Rose, Christina E. Sharpe, Anna L. Tsing, Derek Walcott, Virginia Woolf.



100.
Faces Places {Fotograma}
Agnès Varda e J.R.
{2017}

Innocent Passages and Territorial Seas			Anja Lückenkemper	Travessias Inocentes e Mares Territoriais		
67. <i>Solaris</i> {frame} Andrei Tarkovsky {1972} taken from http://thephantomcountry.blogspot.com/2011/05/ocean-memory-mirror-solaris-on-blu-ray.html	76. <i>The Ninth Wave</i> {Engraving} Unknown artist {1901} taken from <i>Phantoms of the deep, or: legends and superstitions of the sea and of sailors</i> . Chicago: W. B. Conkey. https://archive.org/details/cu31924079619411	<i>Conditions with Gas Electric Discharge Simulating Primary Atmosphere</i> . https://www.researchgate.net/publication/287964437_S_Miller%27s_Experiments_in_Modelling_of_Non-Equilibrium_Conditions_with_Gas_Electric_Discharge_Simulating_Primary_Atmosphere	92. <i>Tethys as imaged by Cassini</i> {Composit photography} {2015} taken from The Cassini Imaging Central Laboratory for Operations http://photojournal.jpl.nasa.gov/jpeg/PIA18317.jpg	99. <i>The Whanganui River in New Zealand</i> {map} taken from https://whanganuirivernz.co.nz/whanganui-river-map/ In 2017, the Whanganui River was the second natural resouce to be granted the status of legal personhood.	p.72 Doesn't it look like a shimmering surface of water in the evening sun? Is this perhaps the 'sea of data' itself? An overwhelming body of water, which one could drown in? Can you see the waves moving ever so slightly? <i>Sea of Data: Apophenia and Pattern (Mis)-Recognition</i> {Text}	
68. <i>Noah's Ark on Mount Ararat</i> {Oil on canvas} Simon de Myle {1570} taken from https://www.worldhistory.org/image/13500/noahs-ark-on-the-mount-ararat/	77. <i>The Hounds of Love</i> B-side: <i>The Ninth Wave</i> {Vinyl label} Kate Bush Design by Bill Smith {1985} taken from https://www.discogs.com/master/28680-Kate-Bush-Hounds-Of-Love	85. <i>20,000 Leagues Under the Sea</i> {Film still} Directed by Stuart Paton, based on the book by Jules Verne. {1916} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:20,000_Leagues_Under_the_Sea_(1916).webm	93. Depiction of Titaness Tethys found in Philipopolis (modern day Shahba, Syria) {Mosaic} {4th century AD} taken from https://mosaic-blues.com/blog/2017/11/19/isis-tried-to-sell-me-a-mosaic-looted-from-a-syrian-museum/	100. <i>Faces Places</i> {Film still} Agnés Varda & J.R. {2017} taken from https://365filmsbyauroranocete.tumblr.com/post/170733106389/visages-villages-agn%C3%A8s-varda-jr-2017	Hito Steyerl in <i>e-Flux</i> {2016}	
69. <i>Primordial soup meme</i> {Tweet} @GatorsDaily {Apr 8, 2021} taken from https://twitter.com/GatorsDaily/status/1380219002111328258	78. <i>Wave design from 'Hamonshū v. 3,'</i> {Illustration} <i>Mori Yūzan; Yamada Geisōdō</i> . {1903} taken from https://archive.org/details/hamonshuy00mori	86. <i>Aquatic Invasion</i> {Vinyl label} Drexciya {1995} taken from https://www.discogs.com/release/1692-Drexciya-Aquatic-Invasion	94. Monster from Adrien Coen's <i>Visboek (Fish Book)</i> {Illustration} Adrien Coen {1580} taken from https://publicdomainreview.org/collection/adriaen-coenen-s-fish-book-1580/		p.74 I shatter in all my dimensions I multiply I take on shapes like water. <i>Women of the Fertile Crescent: An Anthology of Modern Poetry by Arab Women</i> (ed. & trans. Kamal Boullata) {Poem}	
70. <i>Kuroshio Current (Jun.2005 – Dec. 2007)</i> {Visualization} NASA Scientific Visualization Studio {Aug 15, 2011} taken from https://svs.gsfc.nasa.gov/3827	79. <i>Девятый вал</i> [The Ninth Wave] {Oil on canvas} Ivan Avaizovsky {1850} taken from https://www.wga.hu/frames-e.html?html/a/aivazovs/9th_wave.html	Detroit-based techno project Drexciya's music has inspired an afrofuturist myth where the descendants of African slaves that drowned on their journey through the Middle Passage to the American continent now thrive under the Atlantic ocean as an aquatic species.				
71. <i>Konrad Gesner's version of Olaus Magnus's sea serpent</i> {Engraving} Konrad Gesner {1558} taken from <i>Conradi Gesneri medici Tigurini Historiae animalium</i> . https://www.biodiversitylibrary.org/item/136711?page/5/mode/lup	80. Red sea waves crash the shore in <i>The End of Evangelion</i> {Film still} dir. Hideaki Anno {1997} taken from https://www.youtube.com/watch?v=wnSpZ8x1qfo	87. <i>Apollo and Daphne</i> {Oil on canvas} Piero del Pollaiuolo {c. 1470-1480} taken from https://artuk.org/discover/artworks/apollo-and-daphne-114340				
72. <i>The Mermaid</i> {Oil on canvas} Howard Pyle {1910} taken from https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:The-Mermaid.jpg	81. <i>Peace – Burial at Sea</i> {Oil on canvas} William Turner {1842} taken from https://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-peace-burial-at-sea-n00528	88. <i>Hexacorallia</i> , in <i>Kunstformen der Natur (plate 26)</i> {Illustration} Hernst Hackel {1901} taken from https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Haeckel_Hexacoralla.jpg				
73. <i>Pesce-donna</i> {Illustration} Giovanni Antonio Cavazzi {1687} taken from <i>Istorica descrizione de' tre' regni Congo, Matamba, et Angola</i>	82. <i>Epiphany (Baptism of Jesus Christ) at the church of St. Demetrius, Bitola</i> . {Painting} David from Selentisa. {1730-1739}. taken from https://catalog.obitel-minsk.com/blog/2020/01/icon-of-the-baptism-of-the-lord-details-unknown-to-many	89. <i>Cytolysis* of eosinophils</i> {Electron micrograph} {2022} taken from <i>Eosinophils as secretory cells in Eosinophil Ultrastructure</i> . *Cytolysis refers to the bursting of a cell due to osmotic imbalance.				
74. <i>Mermaids Exhibited Successively in the Years 1758, 1775, & 1795</i> {Gravura} John Paas {1817} taken from https://www.loc.gov/resource/cph.3g08271/	83. <i>Roman representation of Thalassa, divine female personification of the sea</i> in the Hatay Archaeological Museum {Mosaic} Unknown author {5th century CE} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hatay_thalassa.jpg	90. <i>Ama-san: japanese women divers</i> {Photography} Fg2 (wikipedia user) {2005} taken from https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ama.jpg				
75. <i>Ningyo</i> {Illustration} Terajima, Ryōan {1712} taken from <i>Wakan Sansai zue, volume 80 of 81</i> . https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Wakan-sansai-zue-49kan-20a-ningyo.jpg	84. <i>Thermal proteinoid microspheres</i> {Electron micrographs} Oleg Mosin, Ignat Ignatov, {2015} taken from S. Miller's Experiments in <i>Modelling of Non-Equilibrium</i>	91. <i>Unusually distinct Paraselena that appeared on 11th December, 1875. in the Shores of the Polar Sea</i> . {Illustration} Edward L. Moss {1878} taken from <i>Shores of the Polar Sea: A Narrative of the Arctic Expedition of 1875-6 (London: Marcus Ward & Co., 1878)</i> https://archive.org/details/shoresofpolarsea00moss	98. <i>Rusalki</i> [The Mermaids] {Oil on canvas} Ivan Kramskoi {1871} taken from https://en.wikipedia.org/wiki/Rusalka#/media/File:Iwan_Nikolajewitsch_Kramskoj_002.jpg			
				¹ In the absense of an English-language alternative, I adopt a German gender-inclusive linguistic convention here – a colon – to emphasise the plurality of gender identities beyond heteronormative language.		
				² Black, Indigenous, (and) People of Color.		
				³ Artificial Intelligence.		

















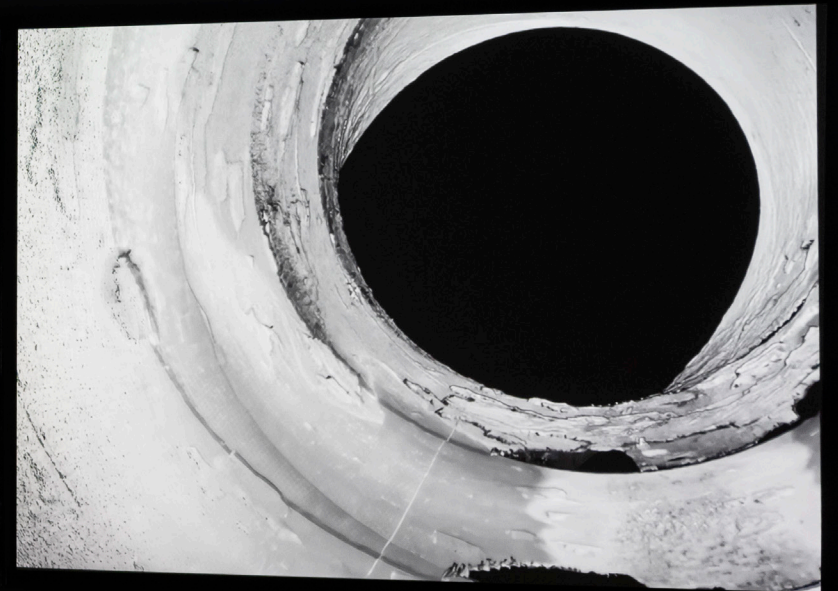
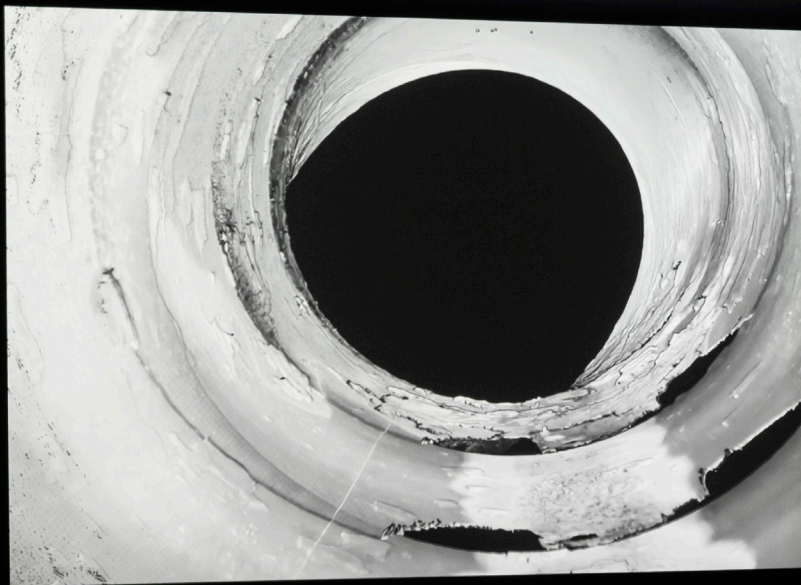


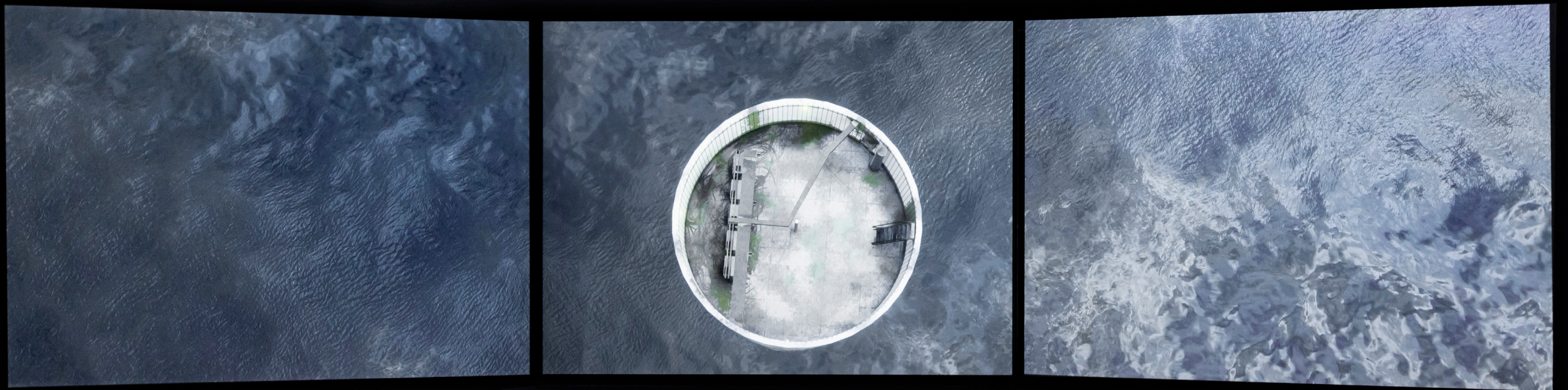


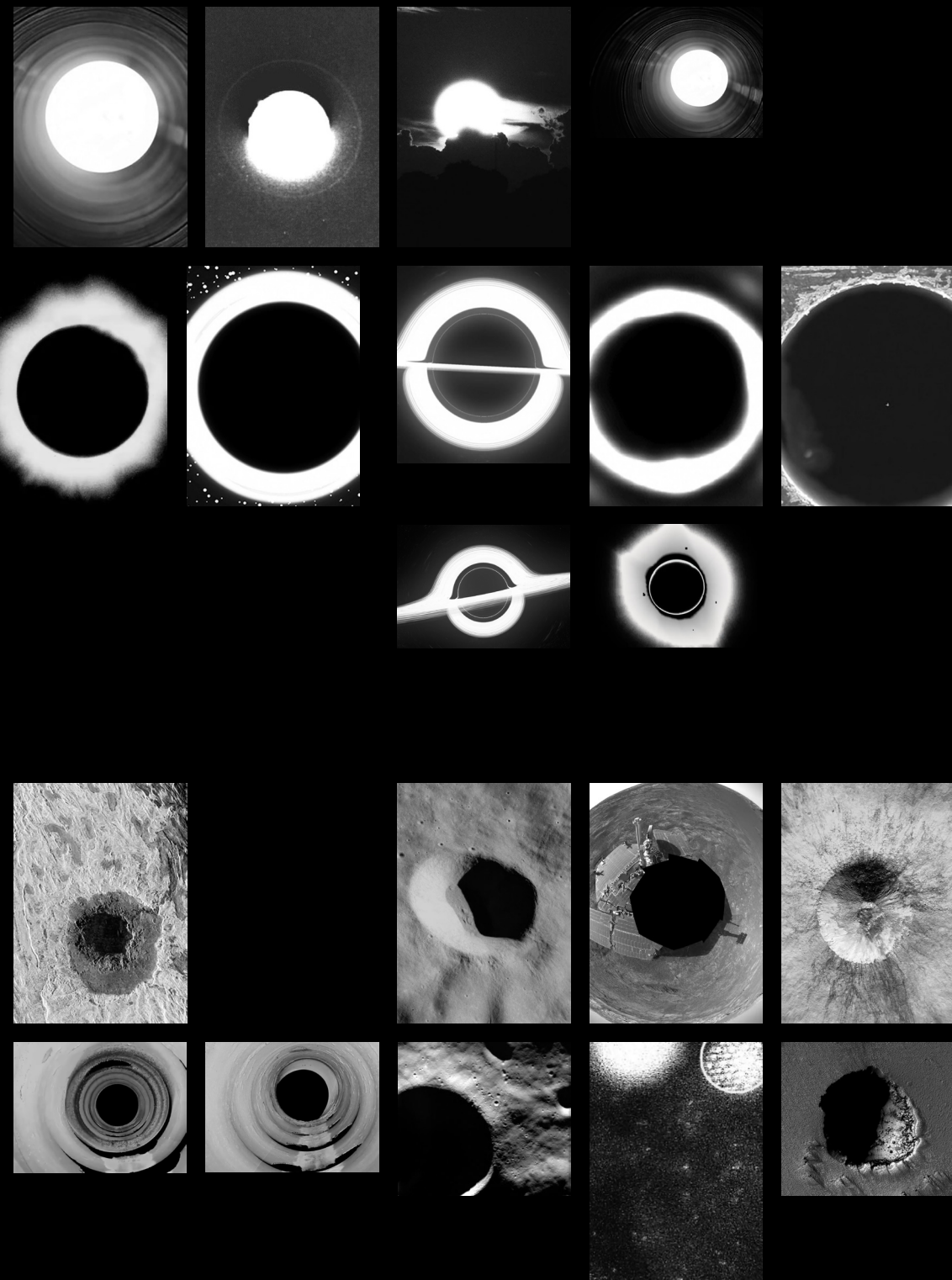


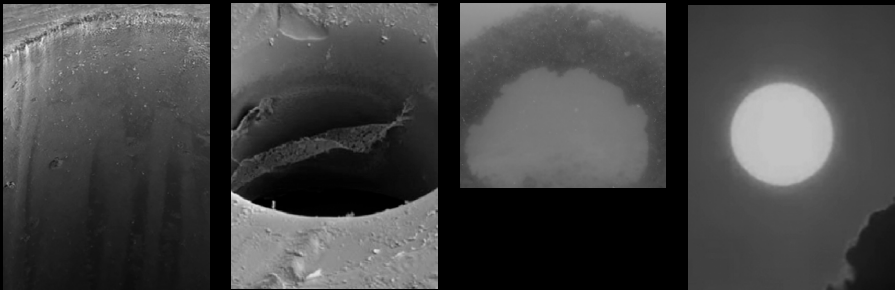
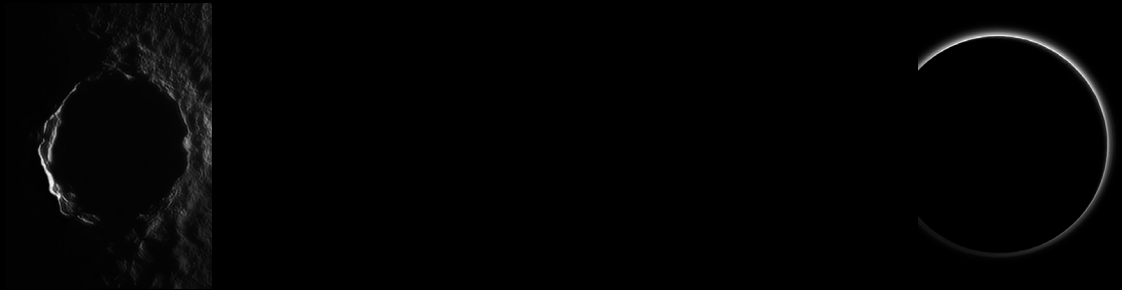
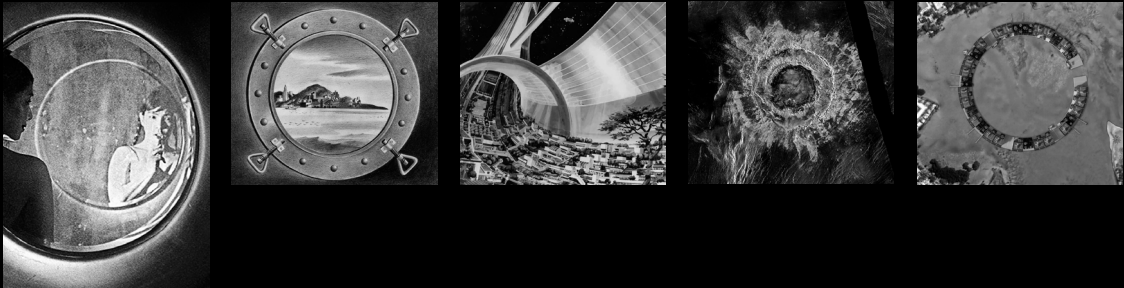
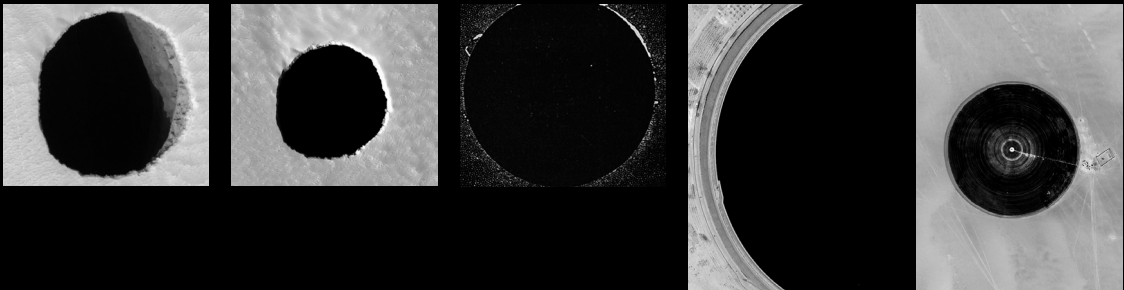
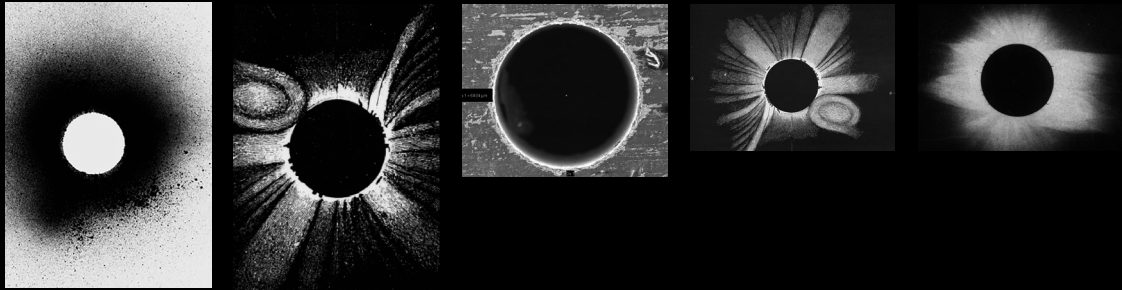










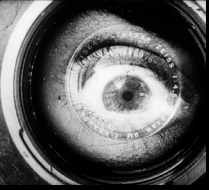
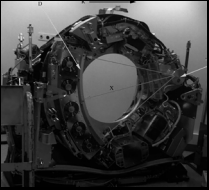
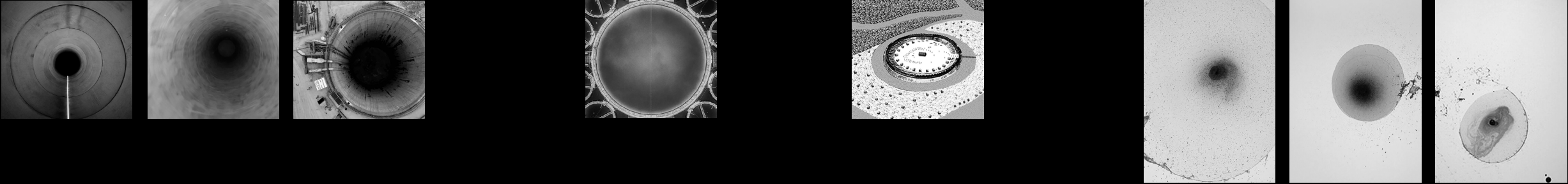
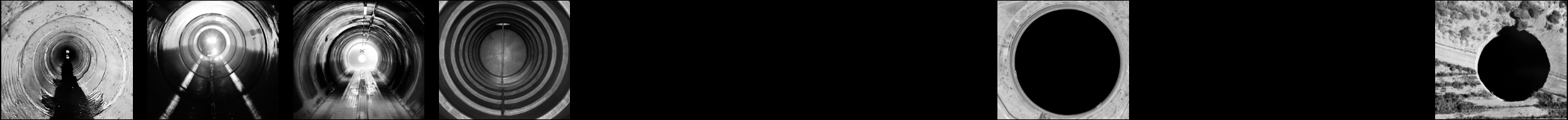


From: James <james@jnewitt.com>
Date: 25 November 2021 at 15:20
Subject: the sea
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
Do you think the sea is the safest place to keep data?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 25 de novembro de 2021 às 15:20
Assunto: o mar
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Acha que o mar é o local mais seguro para guardar dados?
Com os melhores cumprimentos,
James



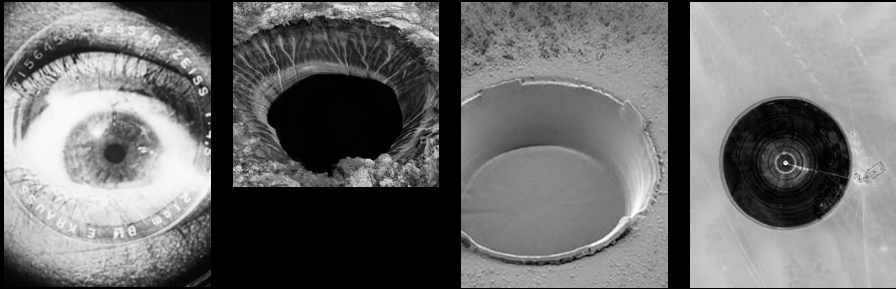
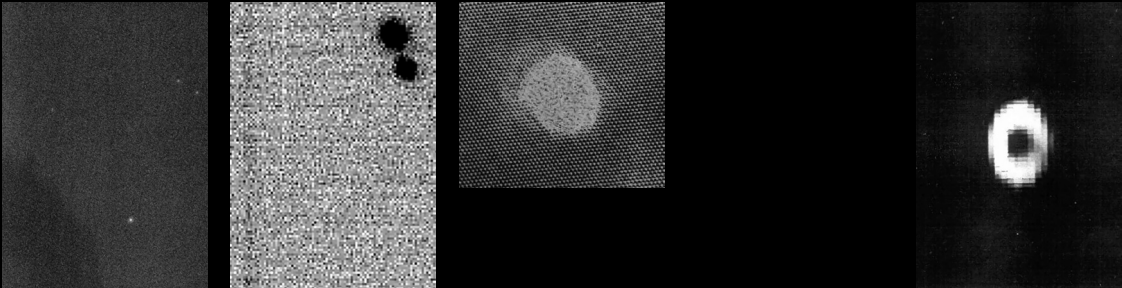
From: James <james@jnewitt.com>
Date: 2 December 2021 at 21:43
Subject: utopia or bluff
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I'm wondering if HavenCo was a utopia,
a failed business
or an elaborate bluff?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 2 de dezembro de 2021 às 21:43
Assunto: utopia ou *bluff*
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Pergunto-me se HavenCo era uma utopia,
um negócio falhado
ou um *bluff* elaborado?
Com os melhores cumprimentos,
James





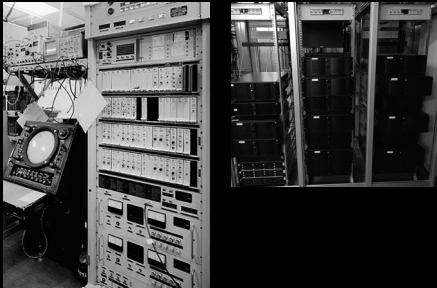
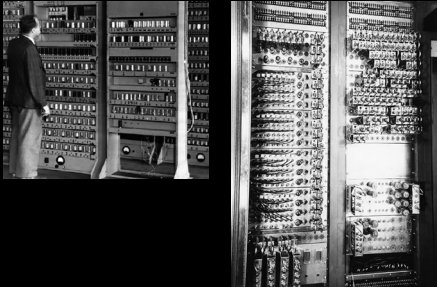
From: James <james@jnewitt.com>
Date: 10 December 2021 at 10:17
Subject: islands
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I also read Erwin Straus' book *How to Start Your Own Country* and, for a different project, made my own island where I lived for a short period of time.
Did you find that the reality of living on a small, artificial island to be quite different to what you imagined it to be?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 10 de dezembro de 2021 às 10:17
Assunto: ilhas
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Eu também li o livro de Erwin Straus, *How to Start Your Own Country* e, para um projecto diferente, fiz a minha própria ilha onde vivi durante um curto período de tempo.
Achou a realidade de viver numa pequena ilha artificial muito diferente do que imaginava?
Com os melhores cumprimentos,
James





From: James <james@jnewitt.com>
Date: 10 February 2022 at 21:58
Subject: no reply
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I'm still writing to you in the hope that you will reply.
Nevertheless it feels like I'm putting messages in
bottles, throwing them into the sea in the
chance they might one day land ashore.
Kind regards,
James

From: James <james@jnewitt.com>
Date: 24 February 2022 at 21:11
Subject: dream
To: <ryan@metacolo.com>

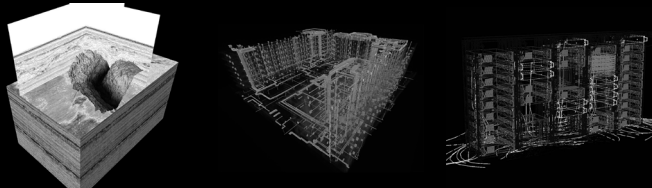
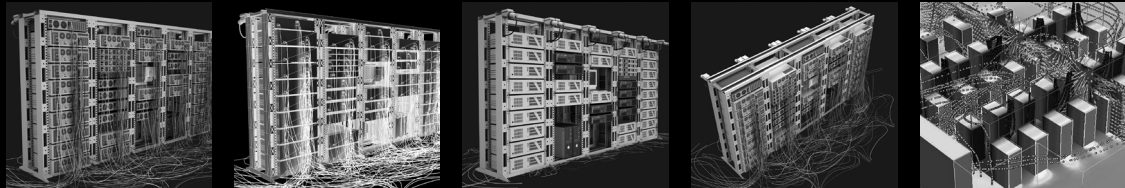
Dear Ryan,
I'm still trying to think what it must have been like to spend so much time
under the surface of the sea. I wrote a dream I imagined you might have had.
In the dream you were the data haven and you felt as if you were drowning.
Do you remember any of your dreams you had while you were living on the tower?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 10 de fevereiro de 2022 às 21:58
Assunto: sem resposta
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Continuo a escrever-lhe na esperança de que me responda.
No entanto, parece que estou a colocar mensagens em garrafas, atirando-as ao mar na
na hipótese de um dia virem a dar à costa.
Com os melhores cumprimentos,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 24 de fevereiro de 2022 às 21:11
Assunto: sonho
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Ainda estou a tentar pensar como deve ter sido passar tanto tempo
sob a superfície do mar. Escrevi um sonho que imaginei que poderia ter tido.
No sonho, o Ryan era o paraíso de dados e sentia que se estava a afogar.
Lembra-se de algum dos sonhos que teve enquanto vivia na torre?
Com os melhores cumprimentos,
James

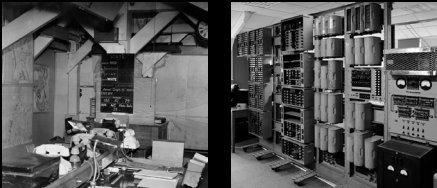
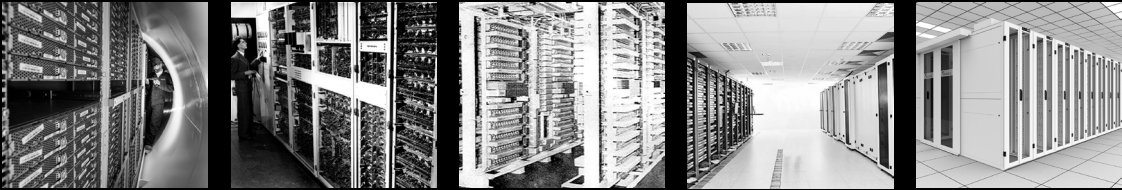
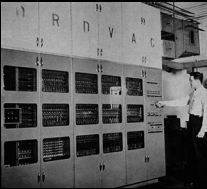
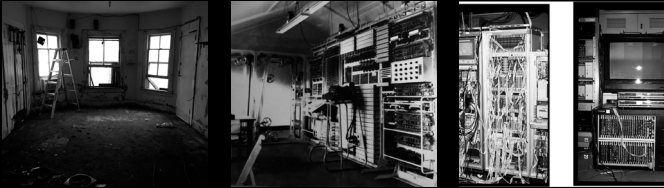


From: James <james@jnewitt.com>
Date: 26 March 2022 at 18:17
Subject: underwater data
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
What did you think when you saw that Microsoft have already created
underwater data centres which operate in an atmosphere of pure nitrogen?
Do you think you were perhaps just too early?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 26 de março de 2022 às 18:17
Assunto: dados subaquáticos
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
O que pensou quando viu que a Microsoft já tinha criado
centros de dados subaquáticos que funcionam numa atmosfera de nitrogénio puro?
Acha que talvez tenha só chegado demasiado cedo?
Com os melhores cumprimentos,
James

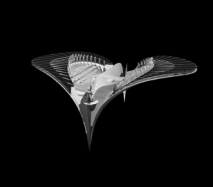
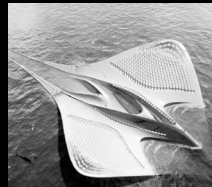
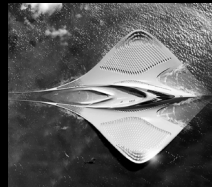
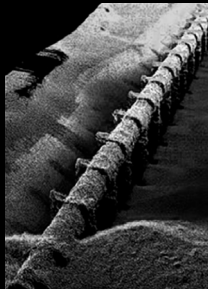


From: James <james@jnewitt.com>
Date: 30 March 2022 at 11:03
Subject: missing voice
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I think I may have found a voice
for you,
are you curious to hear what it will say?
Kind regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 30 de março de 2022 às 11:03
Assunto: voz desaparecida
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Acho que posso ter encontrado uma voz
para si,
está curioso para ouvir o que ela vai dizer?
Com os melhores cumprimentos,
James

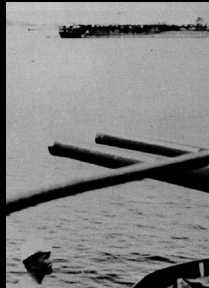
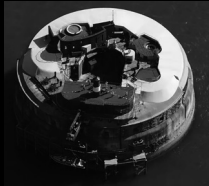


From: James <james@jnewitt.com>
Date: 22 July 2022 at 11:00
Subject: underwater again
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I already asked you about Microsoft's underwater data centres,
but do you think
the future of the cloud is in the ocean?
What would this mean if the cloud moved into international waters?
regards
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 22 de julho de 2022 às 11:00
Assunto: de novo debaixo de água
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Já lhe perguntei sobre os centros de dados subaquáticos da Microsoft,
mas acha que
o futuro da nuvem está no oceano?
O que é que isto significaria se a nuvem se deslocasse para águas internacionais?
cumprimentos
James



From: James <james@jnewitt.com>
Date: 15 September 2022 at 12:07
Subject: Daemon
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I can't remember if I already told you or not that I'm reading some of the science fiction you recommended. I bought *Cryptonomicon* but am currently still in the middle of *Daemon*.
The idea of software which can't be terminated is interesting but the technical explanations in the book seem overemphasised, don't you think? Did you read *Daemon* while working on the data haven?
Regards,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 15 de setembro de 2022 às 12:07
Assunto: Daemon
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Não me lembro se já lhe disse ou não que estou a ler alguma da ficção científica que recomendou. Comprei *Cryptonomicon* mas estou actualmente ainda a meio do *Daemon*.
A ideia de um software que não pode ser terminado é interessante, mas as explicações técnicas do livro parecem demasiado enfatizadas, não acha? Leu *Daemon* enquanto trabalhava no paraíso de dados?
Com os meus cumprimentos,
James



From: James <james@jnewitt.com>
Date: 29 September 2022 at 22:01
Subject: fading
To: <ryan@metacolo.com>

Dear Ryan,
I'm still trying to find your voice,
after all this time, it feels like it's getting
further away.
Regards,
James

From: James <james@jnewitt.com>
Date: 6 October 2022 at 11:14
Subject: land
To: <ryan@metacolo.com>

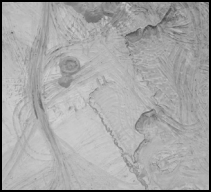
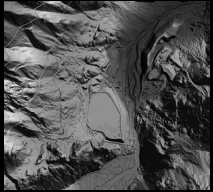
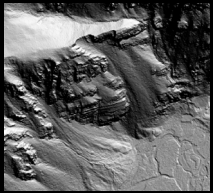
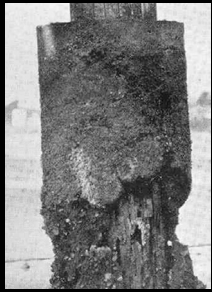
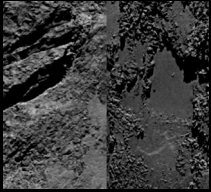
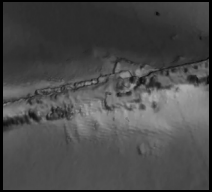
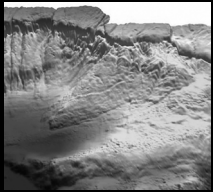
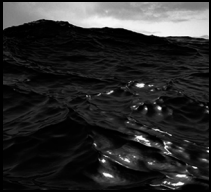
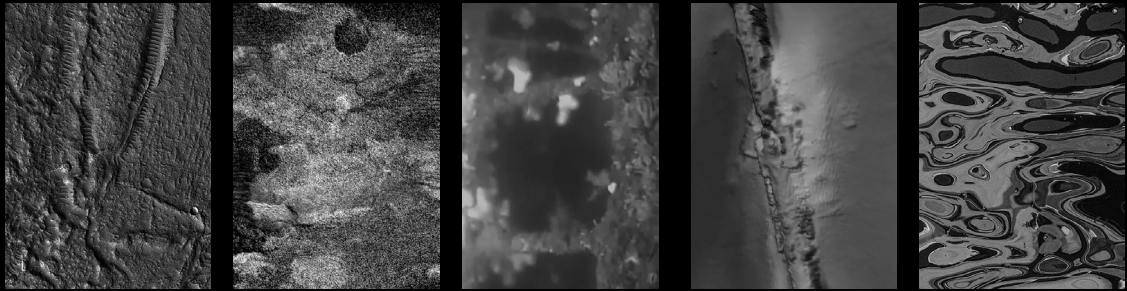
Dear Ryan,
I recently bought some Sealand memorabilia. I guess you know they have
an online store where you can purchase stamps, flags, mugs and even small
pieces of Sealand territory. It's obviously a gimmick but I bought a title for
some 'land' on Sealand and requested that it be made out in your name.
I thought you might appreciate the gesture.
Regards,
James

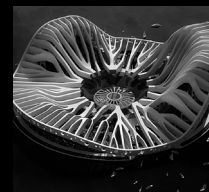
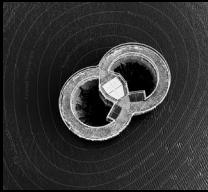
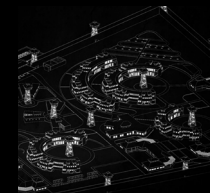
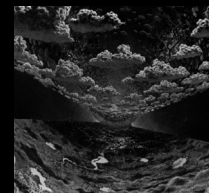
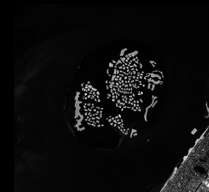
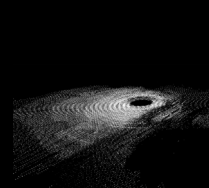
De: James <james@jnewitt.com>
Data: 29 de setembro de 2022 às 22:01
Assunto: desvanecimento
Para: <ryan@metacolo.com>

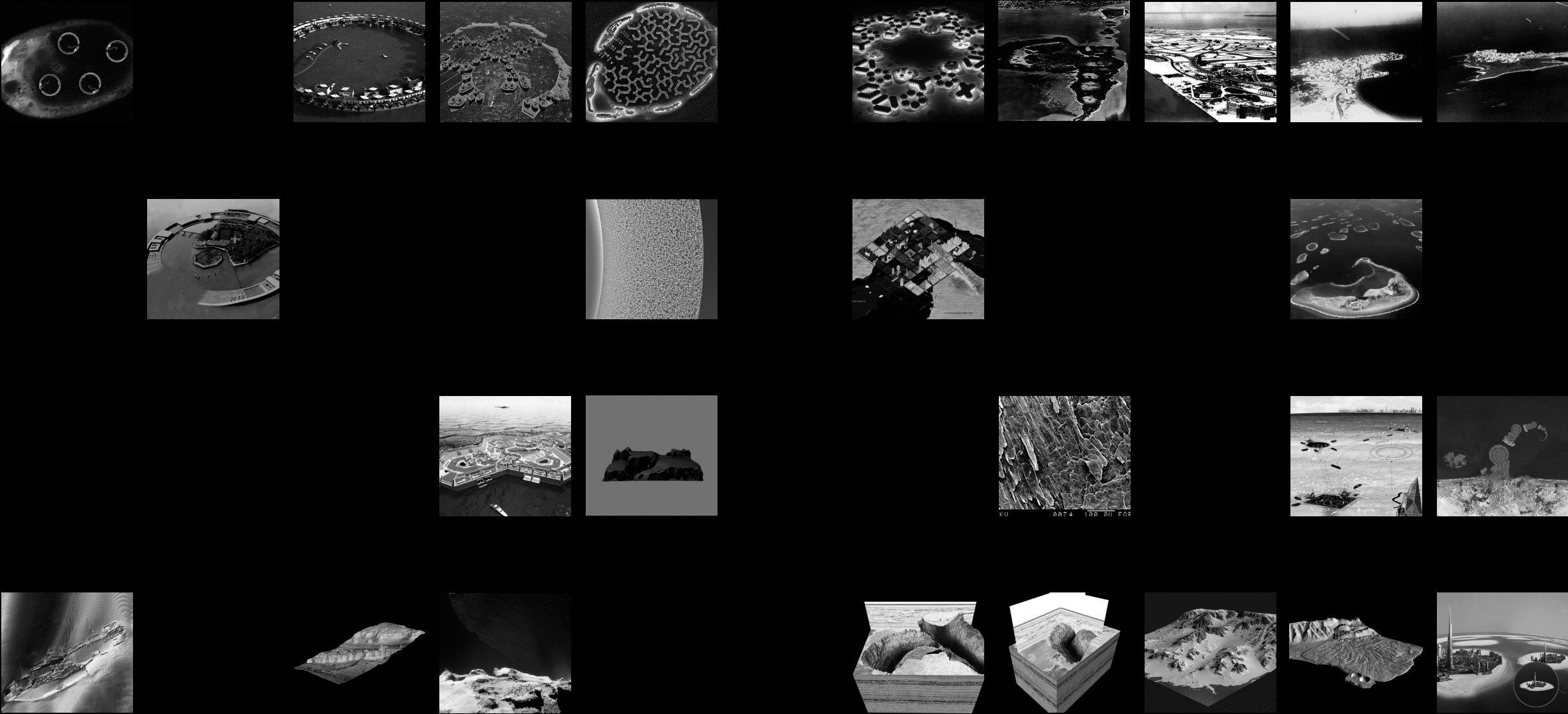
Caro Ryan,
Ainda estou a tentar encontrar a sua voz,
depois de todo este tempo parece que está a ficar
mais longe.
Cumprimentos,
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 6 de outubro de 2022 às 11:14
Assunto: terreno
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
Comprei recentemente algumas recordações de Sealand. Suponho que saiba que eles
têm uma loja online onde se pode comprar selos, bandeiras, canecas e até pequenas
pequenas peças do território de Sealand. É obviamente um artifício,
mas comprei um título de um «terreno» em Sealand e pedi que fosse emitido em seu nome.
Achei que iria apreciar o gesto.
Com os meus cumprimentos,
James







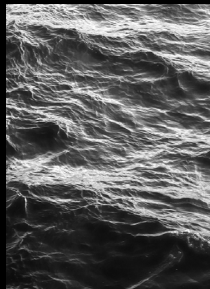
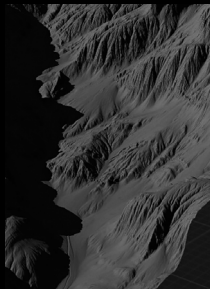
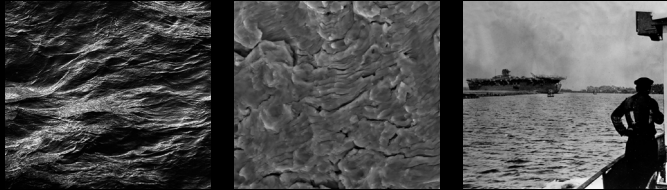
From: James <james@jnewitt.com>
Date: 6 December 2022 at 21:49
Subject: gone
To: <ryan@metacolo.com>

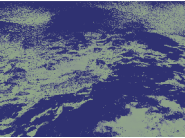
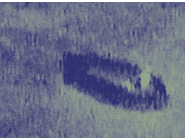
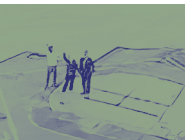
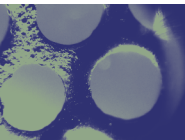
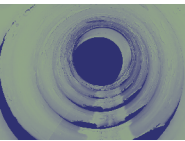
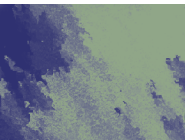
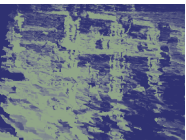
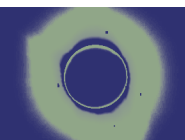
Dear Ryan,
Time has slipped by, I was busy these last few weeks though, working during that residency in Germany that I invited you to come and visit. Funnily enough, after working on the film during these last three weeks I caught a train to Amsterdam and at some moment during the trip, my laptop and all my hard drives were stolen. I lost everything I'd done during this time because all my equipment was in the same bag and I didn't upload anything to a cloud service, I think I also lost a bunch of photos of my daughter taken in the first year after she was born. It was a sickening feeling to lose all that work, but also to have all that personal data disappear into the world, to loose control over it. It felt somehow appropriate that the project would confront this question of how and where to keep the information we really care about. Now I'm trying to catch up, to recompose the film from previous backups and to fill in the gaps. This feels like the right time to send you this final email.
Kind regards
James

De: James <james@jnewitt.com>
Data: 6 de dezembro de 2022 às 21:49
Assunto: desaparecido
Para: <ryan@metacolo.com>

Caro Ryan,
O tempo passou a correr, estive ocupado nestas últimas semanas, a trabalhar durante a residência na Alemanha que o convidei a visitar. Curiosamente, depois de trabalhar no filme durante estas últimas três semanas, apanhei um comboio para Amsterdão e, a dado momento da viagem, o meu portátil e todos os meus discos rígidos foram roubados. Perdi tudo o que tinha feito durante este tempo porque todo o meu equipamento estava na mesma mala e não o carreguei para a cloud, acho que também perdi uma série de fotos da minha filha, tiradas no primeiro ano depois de ela ter nascido. Foi uma sensação nauseante perder todo aquele trabalho, mas também ter todos aqueles dados pessoais a desaparecer no mundo, perder o controlo sobre eles. Pareceu-me de alguma forma apropriado que o projecto confrontasse esta questão de como e onde guardar a informação que realmente nos importa. Agora estou a tentar recuperar o atraso, a recompor o filme a partir de cópias de segurança anteriores e a preencher as lacunas. Parece-me ser a altura certa para lhe enviar este último e-mail.
Com os melhores cumprimentos
James





p. 6 – 7		HAVEN animation	p. 59		Animation HAVEN
p. 9		Image developed from <i>Watch live webcams from Microsoft Undersea Data center off Scotland coast</i> https://www.youtube.com/watch?v=FobgJ0riWVU	p. 60 – 61		Image developed from: <i>Infrared video of floundering sailboat prior to rescue off east coast</i> https://youtu.be/zA1h0H1lYMM
p. 22 – 23		Image developed from <i>Welcome to Sealand, 1970 BBC Nationwide</i>	p. 62 – 63		Image developed from <i>Microsoft undersea data center Project Natick Livefeed</i> https://youtu.be/FobgJ0riWVU
p. 24 – 25		Animation HAVEN	p. 80 – 81		Image developed from <i>Welcome to Sealand, 1970 BBC Nationwide</i>
p. 26 – 27		Animation HAVEN	p. 82 – 83		Animation HAVEN
p. 38		Animation HAVEN	p. 84 – 85		Animation HAVEN
p. 39		Animation HAVEN	p. 98		Animation HAVEN
p. 40 – 41		Image developed from <i>Quest Integrity Tunnel Fly-Through</i> https://youtu.be/jQD2dPBNAZE	p. 99		Image developed from <i>Welcome to Sealand, 1970 BBC Nationwide</i>
p. 42		Animation HAVEN	p. 100 – 101		Image developed from: <i>Travelling Back plate – B/W SEA</i> https://www.youtube.com/watch?v=qdAK1P1tTfc
p. 43		Image developed from <i>Welcome to Sealand, 1970 BBC Nationwide</i>	p. 102 – 103		Animation HAVEN
p. 50 – 51		Image developed from: <i>Total Solar Eclipse</i> https://youtu.be/G10m2ZZRH4U			

**JAMES NEWITT
HAVEN**

Curador | Curator
Mattia Tosti

Galeria da Boavista
22/06 — 17/09/23

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
| President of the Lisbon City Council
Carlos Moedas

Conselho de Administração da EGEAC
| EGEAC Board of Directors
Pedro Moreira, Susana Graça, Gonçalo Reis



HAVEN (2023)
instalação vídeo em 3 canais
| 3 channel video installation
som surround 5.1 | 5.1 surround sound
34:40 min.

Argumento, Realização e Edição
| Written, Directed and Edited
James Newitt

Design de Som e Mistura
| Sound Design and Mix
João Polido

Animação 3D | 3D Animation
Arif Ashraf Image

Animação Adicional | Additional Animation
James Newitt

Dobragem | Voice actors
Nina Stratford, Brian Caspe

Design de Estrutura Expositiva
| Exhibition Structure Design
Cosebelle / Allegra Zanirato

This project was generously supported by the Australian Government through the Australia Council for the Arts, its arts funding and advisory body; The Edith-Russ-Haus for Media Art; Stiftung Niedersachsen; The Samstag Museum of Art, School of Arts; Universidade Católica Portuguesa.

Este projeto foi generosamente apoiado pelo Governo Australiano através do Australia Council for the Arts, o seu organismo de financiamento e aconselhamento artístico, The Edith-Russ-Haus for Media Art, Stiftung Niedersachsen, The Samstag Museum of Art, Escola de Artes, Universidade Católica Portuguesa.

HAVEN foi desenvolvido no contexto da plataforma SoundImageCulture | HAVEN was developed in the framework of SoundImageCulture.

O artista agradece a | The artist would like to thank Sara Matos, Pedro Faro and the team at Galerias Municipais de Lisboa; Mattia Tosti; Patrícia Guerreiro, Tobi Maier; João Polido; Arif Ashraf; Afonso de Matos, Inês Pinheiro and Vítor Serra (as Multa); Jayne Dyer; Reg Newitt; Mary Jiménez and Sound Image Culture; Erica Green, Gillian Brown and the Samstag Museum of Art; Edit Molnár, Marcel Schwierin and the Edith Russ Haus for Media Art; Sara Magno and Alva Magno Newitt.

O curador agradece a | The curator would like to thank Sara Matos, Pedro Faro, Patrícia Guerreiro and the team at Galerias Municipais; James Newitt; Tobi Maier; João Polido; Afonso de Matos, Inês Pinheiro and Vítor Serra (as Multa); Monica Nascimento; Filippo Tosti, Benito Tosti, Lucrezia Papillo, Valentina Rytsöla, Giacomo Vetere, Dario Maddaloni, Orsola Vannocci Bonsi, Allegra Zanirato, Myriam Martins, Adriana Mora, Nicolás Fabiani, Giulia Tellier and Anita.

GALERIAS MUNICIPAIS
MUNICIPAL GALLERIES

Diretora | Director
Sara Antónia Matos

Diretor adjunto | Deputy Director
Pedro Faro

Adjunta de direção | Director Assistant
Flávia Violante

Adjunta de Gestão | Executive Assistant
Maria da Luz Martins

Secretariado | Secretary
Dulce Castro

Arquitetura de Exposições |
Exhibitions Architecture
André Maranhã

Performance e Música |
Performance and Music
Paula Nascimento

Coordenadora de Comunicação |
Communication Coordinator
Susana Sena Lopes

Publicações | Publications
Paula Nascimento, Rita Duro

Residências da Boavista |
Boavista Residencies
Patrícia Guerreiro

Coordenadora de Produção |
Production Coordinator
Flávia Violante

Produtores | Producers
João G. Rapazote, Luísa Cardoso,
Patrícia Guerreiro, Rita Queiroga

Coordenadora de Mediação |
Mediation Coordinator
Helena Tavares

Mediação | Mediation
Andreia Frazão Pires, Bárbara Bulhão,
Catarina Nascimento, Daniel Peres, Elisa
Aragão, Inês Louro, João Gaspar, Jorge
Catarino, Margarida Rodrigues, Mariana
Branco, Marisa Nunes, Pedro Gonçalves

CATÁLOGO
CATALOGUE

Edição | Published by
© Galerias Municipais | EGEAC, 2024.

Textos | Texts
© Anja Lückenkemper
© Alejandro Colás and Liam Campling
© Mattia Tosti
© Sara Antónia Matos & Pedro Faro

Imagens | Images
© aos seus autores | © to their authors

Ensaio Visual | Image Essay (pp. 16 — 93)
Multa

Design Gráfico | Graphic Design
Multa

Fotografia | Photography
Bruno Lopes (pp. 103 — 121)

Tradução | Translation
Henrique Frederico

Revisão | Proofreading
Jorge Catarino e Rita Duro

Impressão | Printing
a definir

Tiragem | Print run
300 exemplares | copies

Depósito Legal | Legal Deposit
____/24

ISBN
978-989-35606-4-8

HAVEN is a critical and poetic reworking of the bizarre story of a tiny, unrecognised micronation on an abandoned World War II gun tower in the North Sea. The tower has been occupied since the 1960s by a British family, who claim the artificial territory as their own, independent from state power.

Originally intending to use the tower to broadcast pirate radio, the family worked with two cyber-libertarians in the early 2000s to establish the world's first data haven—what they described as 'pirate internet.' The data haven promised to be a refuge for unregulated data – the only truly safe place in the world to keep information. *HAVEN* explores the tower as a paradoxical site: at once promoting sovereignty and autonomy while being inaccessible, exposed to the elements and controlled by a closed and isolated family unit.

HAVEN's experimental narrative approach speculates on the rift that occurred between the family and the data haven's founders. It also touches on other failed utopias and neoliberal ventures, such as the libertarian Seasteading project, which aims to build floating communities that they describe as 'start-up countries', and Microsoft's Project Natick, the world's first under-sea data center. *HAVEN* incorporates these references to question the possibility the sea provides for extraterritorial places – spaces beyond the territory of the state – while also critically analysing the often capitalist and colonialist ideologies behind such ventures.

James Newitt apresenta em *HAVEN* uma reformulação crítica e poética da história de uma pequena micronação não reconhecida constituída por um forte naval abandonado da Segunda Guerra Mundial no Mar do Norte. Esta encontra-se ocupada desde a década de 1960 por uma família britânica, que reivindica aquele território artificial como estado soberano e independente.

Originalmente com a intenção de utilizar a plataforma para transmissões de rádio pirata, no início da década de 2000 a família colaborou com dois ciberlibertários para estabelecer o primeiro paraíso de dados do mundo – aquilo que descreveram como «internet pirata». O paraíso de dados prometia ser um refúgio para dados não regulados – o único lugar verdadeiramente seguro no mundo para guardar informação. *HAVEN* explora a torre como local paradoxal na medida em que esta promove a soberania e a autonomia e é, simultaneamente, inacessível, exposta às intempéries e controlada por uma unidade familiar fechada e isolada.

A abordagem narrativa experimental de *HAVEN* especula sobre a rutura que ocorreu entre a família e os fundadores do paraíso de dados no seu território. Além disso, analisa outras utopias e empreendimentos neoliberais falhados, como o projecto libertário Seasteading, que visa construir comunidades flutuantes descritas como «países startup» e o projeto Natick da Microsoft, o primeiro centro de dados submarino do mundo. *HAVEN* incorpora estas referências para questionar as possibilidades que o mar oferece para a criação de lugares extraterritoriais – espaços para lá do domínio dos estados – ao mesmo tempo que analisa criticamente as ideologias frequentemente capitalistas e colonialistas subjacentes a tais empreendimentos.